

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ROBÉRIO PEREIRA BARRETO**

***WEBLOG E AS PRÁTICAS INTERACIONAIS DE ESCRITA:  
WEBLETRAMENTOS***

**SALVADOR-BA  
2013**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ROBÉRIO PEREIRA BARRETO**

***WEBLOG E AS PRÁTICAS INTERACIONAIS DE ESCRITA:***  
***WEBLETRAMENTOS***

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação – FACED – da Universidade Federal da Bahia, para obtenção do título de Doutor em Educação, sob a orientação do professor Dr. Miguel Angel Garcia Bordas.

SALVADOR-BA  
2013

FICHA CATALOGRÁFICA  
Sistema de Bibliotecas da UNEB

Barreto, Robério Pereira

Weblogs e as práticas internacionais de escrita: webletramentos / Robério Pereira  
Barreto . - Salvador, 2013.  
171f.

Orientador: Miguel Angel Garcia Bordas.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. Programa  
de Pós-Graduação em Educação. 2013.

Contem referências.

1. Tecnologia educacional. 2. Inovações educacionais. 3. Inclusão digital - Irecê (BA).  
4. Internet na educação. I. Bordas, Miguel Angel Garcia. II. Universidade Federal da Bahia.  
Faculdade de Educação.

CDD: 371.3

## **ROBÉRIO PEREIRA BARRETO**

### ***WEBLOG E AS PRÁTICAS INTERACIONAIS DE ESCRITA: WEBLETRAMENTO***

À comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia – FAGED/ UFBA –, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Educação, perante a Banca Examinadora composta pelos professores:

Dr. Miguel Angel Garcia Bordas – FAGED/UFBA  
Orientador

Dr<sup>a</sup> Lícia Maria Freire Beltrão – FAGED/UFBA  
Membro

Dr<sup>a</sup> Tânia Maria Hetkowski – GESTEC/UNEB  
Membro

Dr<sup>a</sup> Maria Cecília de Paula – GEINE/FAGED/UFBA  
Membro

Dr<sup>a</sup> Hilda Maria Freire Hitamay – Instituto de Letras/UFBA  
Membro

SALVADOR-BA  
2013

**DEDICATÓRIA**

Às pessoas mais importantes de minha vida:  
Dona Pretinha, mãe que deu tudo de si para me mostrar que estudar sempre levaria à saída rumo às estradas da vida que nos levam a entender as desavenças e os conflitos de nossas almas;  
Ao Davi que, como estrela, ilumina o caminho do navegante mareado entre as águas calmas, porém traiçoeiras e profundas do mar da vida; fez-me enxergar quão importante é ter um farol a iluminar as noites escuras na tempestade;  
À Cenilza que, tal qual um porto seguro, acolheu-me, navegante à deriva;  
Aos familiares...  
Aos amigos e aos inimigos intelectuais que sempre me fizeram refletir sobre os caminhos teóricos escolhidos para trilhar minha formação

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, aos espíritos de luz, companheiros que me dão sabedoria para conduzir os meus passos durante a minha caminhada;

à comunidade escolar e weblogueana na qual convivi e aprendi sobre “gentes” e seus comportamentos verbais e não verbais;

a todos os professores e estudantes, em especial aos que responderam as entrevistas online e presencialmente;

a todos os meus ex-alunos(as), especialmente, as(os) (des)orientadas;

ao Miguel Bordas, meu orientador e também amigo, por ter me amparado, academicamente, quando mais precisei, depositando em mim confiança e respeito. Obrigado, professor pelos momentos de discussão filosófica e semiótica, cheias de sabedoria;

a Lícia Beltrão, por sua contribuição intelectual e humana empregada para tratar de minhas inseguranças teóricas e intelectuais;

a Tânia Maria Hetkowski, minha (des)orientadora e também amiga a quem dispenso todo meu carinho e respeito pessoal e acadêmico.

a Maria Cecília de Paula que tive oportunidade de conhecer na parceria com Miguel Bordas falando de forma meiga e tranquila sobre a pedagogia das fronteiras no ensino sobre cultura.

a Hilda Maria Freire Hitamay – Instituto de Letras/UFBA – por emprestar seu olhar apurado na melhoria de minha formação intelectual.

a todos os webnautas que, gentilmente, aceitaram o convite para fazer parte do caminhar nas infovias.

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para esta conquista acadêmica que, certamente, me fará um profissional engajado na melhoria das práticas educacionais com a *web*.

Obrigado a todos!

A teia da vida é cheia de fios que nos conduzem a lugares e mundos inimagináveis. A *web* nos coloca em contato com pessoas e lugares por meio de linguagens que revelam intimidades... (Barreto, 2012)

## RESUMO

A presente tese é resultado de pesquisa que teve como objetivo compreender as práticas interacionais de escrita ocorridas nos weblogs de professores da educação básica de Irecê – BA. O encontro com categorias tais como letramento, letramento digital, hipertexto, interações *on-line* e *off-line* foram fundamentais para o entendimento de que a *web* tem promovido mudanças na forma e no sentido dos meios de produzir linguagem no contexto da comunicação digital. Entrevistas presenciais e interações *on-line* com os participantes da pesquisa visam atender aos princípios metodológicos do trabalho, que fez uso de ambas etnografia virtual e análises de caráter qualitativo e interpretativo. Os dados relativos à interação no weblog levam à conclusão de que todo esse processo de mudança na forma de produzir linguagem tem ocorrido paralelamente aos esforços dos profissionais, não tão preparados para a prática do webletramento, considerando que os interagentes da linguagem virtual já nasceram numa era digital, em que conseguiram ampliar os modos de articulação entre si. A análise de dados demonstra que são necessárias reorganizações pedagógicas na forma de se trabalhar com leitura e escrita na escola básica, por que os estudantes que dela participam estão imersos na cultura digital e, portanto, realizam leituras, escritas e interações por meio de práticas de escrita *on-line* diferenciadas das até então realizadas na escola. O estudo evidencia a acentuada diferença de preparo dos professores para atuarem com esse público que, na prática, já está habituado a realizar leituras e escritas digitais dentro e fora da sala de aula, fazendo uso constante da rede de computadores, através de variados dispositivos móveis que os acompanham desde cedo. Estas concepções são respaldadas por Marchuschi (2000), Xavier (2003, 2012), Araujo (2011), Lévy (2000), Street (2000), Godoy (2010), Bakhtin (2000, 2003), Burke (1999), Hine (2010), Straus e Coubin (2010) e outros que vão desde a Sociologia da linguagem à Teoria da comunicação mediada por computador.

Palavras-chave: Práticas interacionais de escrita. Weblog. Webletramento. Estudantes. Professores.

## ABSTRACT

The thesis presently handed to the academy panel is the result of research that had as its main objective to understand the interactive writing practices on weblogs of teachers of fundamental education in Irecê-BA. The encounter with categories such as literacy, digital literacy, hypertext, on-line and off-line interactions were fundamental to the understanding that the web has promoted changes to the way and the means of producing language in a digital context. Interviews and on-line interactions with the participants aim to attend the methodological principles of the work, which, made use of both virtual ethnography and qualitative and interpretative analysis. The data related to weblog interaction guides to the conclusion that all this process is a result of change on the way of producing language has occurred in parallel to the efforts of the involved teachers, not prepared to cope with students who were born on a different era, already capable to amplify their means of articulation. It is necessary to reorganize the pedagogy to work with reading and writing on basic education because students are already immersed into a digital culture and, therefore, able to read, write and interact using on-line specific practices. These conceptions are supported by dialogues presented by Marchuschi (2000), Xavier (2003, 2012), Araujo (2011), Lévy (2000), Street (2000), Godoy (2010), Bakhtin (2000, 2003), Burke (1999), Hine (2010), Straus e Coubin (2010)

Key-words: Interactive writing practices. Weblog. Web literacy. Students. Teachers.

## ABREVIATURAS

TIC – Tecnologia da informação e comunicação

WEB – Rede de sites...

GOOGLE. COM

MS-DOS – Sistema Operacional

PC – *Computer Personal*

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROINFO – Programa Informática na Escola

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>13</b>
<b>Outros fios, outros nós, mas a mesma rede: os diálogos com a temática e os teóricos.</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>26</b>
<b>ITINERÁRIO METODOLÓGICO DA PESQUISA: FUNDAMENTOS DA TEORIA FUNDAMENTADA (<i>THE GROUNDED THEORY</i>) APLICADOS À PESQUISA</b>	<b>26</b>
1.1 Escolha metodológica: <i>The grounded theory</i> .....	26
<b>1.2 Considerações epistemológicas</b>	<b>28</b>
<b>2.3 Procedimentos metodológicos da Teoria Fundamentada</b>	<b>33</b>
<b>CAPITULO II.....</b>	<b>35</b>
<b>PRÁTICAS INTERACIONAIS NA ESCRITA DE <i>WEBLOG</i></b>	<b>35</b>
<b>3.3 Weblog e as práticas interacionais de escritas</b>	<b>38</b>
<b>3.4 Weblog: linguagem e individuação da palavra escrita</b>	<b>40</b>
<b>3.5 Weblog e a interação sociodiscursiva</b>	<b>48</b>
<b>3.5 Weblog e as recordações de si no ato de escrita</b>	<b>550</b>
<b>3.6 Interações escritas e o webletramento</b>	<b>60</b>
<b>3.7 Weblog e a educação linguística da web</b>	<b>64</b>
<b>3.8 Weblog e a ação linguístico-pedagógica em práticas de escrita</b>	<b>67</b>
<b>3.9 Weblog e a ação dialógica</b>	<b>69</b>
<b>3.1.1 Weblog e a formação de identidades linguísticas</b>	<b>71</b>
<b>3.1.2 Weblog: do argumento à gerência de emoções na rede</b>	<b>74</b>
<b>3.1.3 Weblog e as ações dialógicas e estético-discursivas de linguagem</b>	<b>77</b>
3.1.4 Weblog e inserção do outro no mundo da escrita .....	80
<b>3.1.5 Weblog: a condição rizomática da escrita na rede</b>	<b>83</b>
<b>3.1.7 Weblog e as práticas sociointeracionais nas escritas</b>	<b>89</b>
<b>3.1.8 Weblog, escrita e o ato educativo de escrever na web</b>	<b>94</b>
<b>3.1.9. Weblog: Atos comunicativos e os agenciamentos individuais e coletivos</b>	<b>95</b>

<b>3.2.0 Weblog e a pulsão da linguagem da escrita</b>	<b>98</b>
<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>102</b>
<b>WEBLETRAMENTO, AS NOVAS PRÁTICAS DE ESCRITAS E INTERAÇÕES NA WEB</b>	<b>102</b>
<b>3.1.1 A web na articulação de prática e saberes docentes</b>	<b>105</b>
Dicotomias de pensamentos e práticas pedagógicas .....	133
<b>CAPÍTULO IV</b>	<b>145</b>
<b>DESCRIÇÃO E DIÁLOGO COM O <i>CORPUS</i> DE DADOS</b>	<b>145</b>
<b>4.1 O que disseram e representam os discursos dos pesquisados</b>	<b>145</b>
4.4 Codificações de Axial e geral dos dados .....	154
<b>WEBCONSIDERAÇÕES (IN)CONTINUIDADES.....</b>	<b>163</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>171</b>

## APRESENTAÇÃO

Este trabalho de tese se apresenta à Academia como resultado de um encontro apaixonado ocorrido nos idos de 2005. Como toda e qualquer paixão, está passível de lapsos, fugas e controvérsias e aqui não poderia ser diferente, existem muitos! Mas, se assim não o fosse, certamente não teria sido uma paixão, certo?!

Como todo apaixonado vive momentos de conflitos, desejos, buscas, medos, descobertas e frustrações, neste caso, não foi diferente. Houve afastamentos e aproximações da temática, na tentativa de encontrar o equilíbrio entre o amor e o ódio com a mesma intensidade de quem encontra o objeto de adoração em meio a milhares existentes na Terra. Porém o girar do globo terrestre o distancia a cada movimento de rotação e translação. Isto tudo se tornou uma rotina durante esses anos de estudo, pesquisa, leitura, etc.

Às vezes, os pensamentos permitiam caminhar de mãos dadas com as categorias centrais da tese, quais sejam: práticas interacionais de escrita, *web*, webletramento, porém as veredas abertas nas florestas conceituais se transformavam em labirintos. Havia sempre a recorrência ao artifício do fio de Ariadne que, indicando o caminho de volta, permitia o retorno à porta de entrada e, com isso, reestabelecia a vontade em continuar a paixão, compreender as relações interacionais da escrita no weblog de professores.

Neste caminhar, não foram poucos os medos. Entre eles está a apresentação da categoria webletramento, o resultado da compreensão de que os processos interacionais, presentes na escrita para *web*, são frutos de uso sistemático das semioses de linguagens e, portanto, permitem interações e diálogos entre agentes conectados pelo weblog.

Outro medo importante foi à separação do todo em partes, isto é, a ideia maior – projeto – precisava ser organizada em ideias menores, microteses onde ficassem registradas as impressões e os resultados de tão ousada provocação; escrever uma tese de doutorado sobre um tema que atinge diretamente o cotidiano da escola básica, porém ainda não está explorado do ponto de vista da educação linguística para as práticas de ensino e de aprendizagem de escrita na *web*.

Passados anos de aproximação, distanciamentos e reencontros com a temática e diálogos tensos com intermediários – teóricos – e a reconciliação, após conselhos valiosos do orientador – Miguel Bordas – chegou o momento. Eis que, a seguir, está o fruto dessa paixão: a tese! Nela encontram-se partes que representam os mais intensos momentos vividos em noites insones e momentos de amor divididos, posto que ela – a tese – se tornou uma amante autorizada que, às vezes exigia afagos em instantes inoportunos.

## INTRODUÇÃO

A chegada da internet ao cotidiano das pessoas tornou-as mais conectadas por meio do uso de equipamentos digitais que permitiram efetivas práticas de escrita, independentemente de seus objetivos. Escrever na web é preciso, comunicar é consequência da capacidade de interação dos sujeitos.

Na tese *Weblog e as práticas interacionais de escrita: webletramento* estão implicadas observações relativas às maneiras de o professor trabalhar com as possibilidades de produzir e socializar práticas interacionais de escrita na web, por meio do uso do *weblog*, onde interações contínuas se estabelecem através de diálogos escritos.

Esclarece-se que o termo *weblog* é conhecido no ciberespaço como *blog* que, na verdade, são ferramentas de publicação na internet, caracterizadas principalmente pelo seu formato de microconteúdo, organizado de forma cronológica, com a possibilidade de que comentários sejam feitos de maneira síncrona e assíncrona.

Tais instrumentos apareceram em 1999, com a popularização do *Blogger*, programa disponibilizado atualmente pela empresa *Google.com*. Os *weblogs* se tornaram populares devido à facilidade que o *webnauta* tem de realizar suas publicações para o mundo. Sabe-se que, inicialmente, foram denominados de “diários pessoais” (LEMOS, 2002; BARRETO, 2005), vindo, a seguir, servir a outros fins: jornalísticos, publicitários, políticos e, mais tarde educativos.

Diante da diversidade de aplicabilidades do *weblog* e por causa de inquietações oriundas de observações da falta de aproveitamento dos recursos digitais da internet pelos professores, fez-se a escolha pelos *weblogs* de professores do Ensino Básico de escolas públicas de Irecê-Ba, quais sejam: <http://www.luizvianaeducacaofisica.blogspot.com.br/>, <http://escrevendonarede.blogspot.com.br>, <http://giogomes.blogspot.com.br>, <http://www.poetisanegran.blogspot.com> que mantinham sob sua mediação o espaço digital para ensino de gêneros textuais aos alunos, ao tempo em que produzia escritas em seu blog pessoal. Nos *weblogs*, objeto da pesquisa, existem registros de gêneros textuais diversos, tais como: memórias, poemas, exortações, etc., que foram comentados pelos seguidores.

A realidade do ensinar, aprender e adquirir linguagens no ambiente da *web* - segunda geração do *World Wide Web* - tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com *sites* e serviços virtuais.

A ideia é que o ambiente *online* se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo -, onde os discursos e as práticas de escrita afirmaram-se

enquanto ações colaborativas e interacionais, constituindo em desafios no fazer pedagógico de professores.

O objetivo desta proposta é, justamente, o de contribuir para a discussão sobre os letramentos que os *websites* têm permitido, especialmente, quando se faz uso do *weblog* para práticas interacionais de escritas em rede.

Importa dizer, portanto, que a compreensão do que já está consolidado pelos estudos de letramento levou-nos à realidade do ensino e das práticas de escrita vigentes na escola; as práticas pedagógicas tradicionais com gêneros discursivos não têm atendido às necessidades dos estudantes, “nascidos digitais” (PALFREY, GASSER, 2012), têm em seu cotidiano sociossemioses formadoras do inconsciente coletivo e, portanto, transitam entre os desafios propostos pelas múltiplas possibilidades de letramentos oferecidos pela *web*, neste caso, assume-se tal categoria como *webletramento*.

Nesse sentido, as questões centrais de investigação estão assim articuladas: a) por que os professores, especialmente aqueles da Educação Básica das escolas públicas de Irecê, na Bahia, e microrregião não utilizam de maneira efetiva o – *weblog* – para interagir com os estudantes através da cultura escrita presente na *web*? b) em que medida práticas pedagógicas com gêneros textuais múltiplos produzidos no e para o *weblog* ampliariam os horizontes de estudantes e professores no que diz respeito ao ensino com textos – multiletramentos? c) de que modo a escrita e a leitura de textos, na e da *web*, resultam em *webletramentos* para os estudantes da Educação Básica?

Esta parte inicial compreende os primeiros olhares sobre a temática e, tem como aspecto central a concepção das práticas interacionais de escrita por meio do uso do *weblog*, espaço discursivo capaz de promover a resignificação de atividades de produção textual no contexto escolar e digital da *web*.

Apresentam-se as impressões teóricas e metodológicas até então utilizadas na compreensão das práticas de escrita cotidianas dos sujeitos envolvidos na pesquisa e também do contexto de observação, *weblogs* de professores de escolas públicas de Irecê.

Por se tratar de um trabalho de pesquisa cujo ambiente de coleta de dados é múltiplo, isto é, o espaço virtual, *weblog* e na escola onde aconteceram as entrevistas e a aplicação dos questionários aos estudantes com os quais ocorrem as trocas de informações e as interações contínuas com os sujeitos da pesquisa, elegeram-se como métodos de investigação as perspectivas do dialogismo e do interacionismo à maneira de Bakhtin (2000), a etnografia virtual, de Hine (2004) e a teoria fundamentada nos dados – *The Grounded Theory* – de Strauss (2010). Além disso, é claro, mantiveram-se diálogos com a teoria dos novos

letramentos – *New London Group* –, que, a partir das observações feitas a respeito da presença das tecnologias digitais no cotidiano da sociedade, construíram a ideia de pedagogia do letramento.

Nessa senda metodológica, busca-se perceber como as práticas interacionais de escrita, através do *weblog*, permitem ao professor e aos estudantes o acesso ao *webletramento*, no qual estão implicadas sociosemioses pelas quais os estudantes mostram-se mais atraídos. Opondo-se, assim, ao monolitismo presente nas atividades de escrita escolar, nas quais a base linguística sobrepõe-se aos demais formatos discursivos presentes na comunicação, mediada pelas ferramentas da *web*, que, neste caso em estudo, é o *weblog*.

### **Organização estrutural do trabalho**

Na busca de atender aos objetivos propostos na pesquisa, organizou-se esta tese conforme segue:

No capítulo I, *Itinerário metodológico da pesquisa: fundamentos da teoria fundamentada (the grounded theory) aplicados à pesquisa* estão os princípios e os diálogos teóricos com a metodologia que orientaram a coleta e codificação dos dados coletados na *web* e nas interações *on-line* com os participantes da pesquisa.

No Capítulo II, *Práticas interacionais na escrita de weblog* serão situadas discussões sobre as práticas sócio-discursivas e interacionais de escrita, tendo o *weblog* como *locus* onde autores e leitores relacionam-se com a escrita e, portanto, constroem suas redes de sentidos no mundo da cultura escrita e do *webletramento* devido à relação contínua com as multimodalidades de signos presentes na *web*.

Expõem-se também considerações a respeito das relações pedagógicas e interacionais dos professores com as tecnologias da informação e comunicação – TIC –, visando, com isso, à formação de um profissional da linguagem capacitado para lidar com as realidades educacionais que surgem na *web* – *webletramento*. Há ainda os diálogos com os autores que tratam da individuação da palavra escrita, no que se refere à participação dos sujeitos no mundo da escrita presente na *web*.

O Capítulo III, *Webletramento, as práticas de escritas e interações na web* mostra as implicações do *webletramento* no cotidiano da escola, uma vez que parte dos professores da Educação Básica é resistente ao *ethos* proposto pelos letramentos digitais em voga na sociedade digital.

Por fim, se decidiu pela impessoalidade do discurso, terceira pessoa, para indicar que se trata de estilística autoral por reconhecer-se que o ato de pesquisar e, conseqüentemente, escrever é uma ação interacional, portanto, plural.

Esclarece-se, ainda, que, ao longo do texto, optou-se por grafar internet conforme – Markham e Baym (2009, p. vii) citado por Recuero et. al. (2011, p. 23), “Internet” é muitas vezes escrito com “I” maiúsculo. Preferiu-se manter a letra minúscula “i” de acordo com as tendências atuais dos estudos da internet. A utilização de maiúsculas sugere que “internet” é um nome próprio e implica que se trate ou de uma pessoa, como Nancy ou Annete, ou de lugares específicos, como Maddison ou Alwrence. As duas metáforas conferem à internet uma capacidade e um poder que são melhores atribuídos àqueles que a desenvolvem e utilizam –, *web*, *weblog* e *world wide web* sempre em letras minúsculas, indicando o entendimento de que se trata de substantivos comuns. Quanto ao ciberdiscurso, cibernauta e ciberespaço estão escritos de forma corrente, por se tratar de neologismos.

É importante destacar aqui, que, durante a trajetória da pesquisa, alguns imprevistos aconteceram, como a mudança de estratégia de pesquisa que até então era feita de maneira mista, isto é, faziam-se encontros presenciais e *online* com professores, mas a mudanças de local de trabalho e as dificuldades de deslocamentos, em virtude da falta de recursos financeiros, continuou-se os contatos através de interações e acompanhamentos virtuais dos *weblogs* dos profissionais envolvidos.

### **O nó inicial do rizoma: as memórias**

Os nós que sustentam as confluências entre os fios que tecem e formam a rede desta narrativa são as experiências e as relações estabelecidas com a informática, a linguagem e a escrita, temáticas fascinantes e instigadoras de curiosidade pessoal há mais de duas décadas. O objeto desta pesquisa vem acompanhado de diálogos com as teorias da linguagem, das tecnologias da informação da comunicação, da educação e da cibercultura e, principalmente, com o ambiente e os participantes de pesquisa.

Todas as informações que se seguem vêm de impressões registradas na memória e resgatá-las tem sido um exercício cognitivo e semiológico estimulante. As esferas cognitivas empregadas nesta escrita são heterogêneas e conduzem a labirintos nos quais a navegação é orientada pelos fios de observações, rascunhos, apontamentos, interações reais e virtuais com o global da tese a serem escritas nas páginas seguintes.

Foi nos idos dos anos 1990, o início da paixão pela máquina de pensamento binário – o computador de 64 *bits*. Os primeiros contatos com essa ferramenta e suas linguagens hipertextuais ocorreram numa escola de informática, em Irecê. Abriam-se horizontes para o processo de aprendizagens autodidatas, comunicação e produção de conhecimento em rede, quase que independentemente da escola.

A paixão continuava e foi o que impulsionou conhecer outros aspectos dessa relação. As inquietações constantes faziam surgir vários questionamentos, a exemplo de: como seria o ensino e a prática de escrita na escola a partir do uso dos processadores de textos com os quais operavam os computadores? Que novos métodos seriam empregados pelos professores para o ensino se os computadores se tornassem uma ferramenta didática e pedagógica real na sala de aula? Aprender-se-iam novas formas de escritas? Quais seriam as reações da escola diante desse novo contexto educacional?

Entretanto, isso só instigava a curiosidade de compreender como seria a atuação dos professores no ensino de linguagens, bem como quais seriam as expectativas dos estudantes em relação ao novo método.

Em busca de entender esses eventos, iniciaram-se buscas por materiais bibliográficos que tratassem dessas questões, porém foi espantosa a surpresa ao se constatar que só havia materiais em língua estrangeira, os quais tratavam de experiências de países da Europa, Estados Unidos e do Canadá.

É interessante observar que, desses documentos, foram retiradas as bases conceituais para a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN – nos quais o ensino de Língua Portuguesa passou a ter como base epistemológica os princípios de linguagens, códigos e tecnologias.

Nesse ínterim, o Programa Informática na Escola – PROINFO –, desenvolvido pelo governo federal, chegava às escolas do país e provocava modificações nas práticas educativas e pedagógicas das instituições. Se, por um lado, houve quem considerasse a presença do computador na escola uma ameaça ao professor, por outro, havia o entusiasmo com as potencialidades contidas nos novos equipamentos tecnológicos. Todavia, hesitações permaneciam latentes porque não estava esclarecido como as novas metodologias suscitadas pela conexão do computador ligado à internet auxiliariam no processo de ensino e aprendizagem proposto pela escola.

Todas essas ocorrências mantiveram em destaque a ideia de que o estudo das atividades educativas e pedagógicas relacionadas ao uso e à articulação do computador conectado à internet seria uma maneira de reconhecer o domínio que essas ferramentas

tecnológicas exerciam sobre o cotidiano social e educacional, transformando-o exponencialmente. Assim, foram iniciadas as primeiras atividades experienciais com os professores e estudantes da rede pública de ensino, quando foram realizadas as primeiras atividades práticas com os professores, e lhes foram apresentadas as potencialidades pedagógicas que os computadores e a internet tinham enquanto ferramentas digitais de aprendizagem.

Outras oportunidades de formação acadêmica impuseram-se, e caminhos foram trilhados, enquanto a paixão pela linguagem hipertextual e semiológica do ciberespaço mantinha-se em *stand by*. Inquietações continuaram, quais sejam: Como seria o ensino de língua estrangeira nas escolas públicas caso utilizassem os *sites* da internet como espaço de interação e aprendizagem? E o ensino de literatura? A produção escrita no espaço digital ampliaria os usos dos novos gêneros textuais? Essas questões seguiram sem respostas, entretanto, permitiram leituras sobre o assunto, que, cada vez mais, fazia crescer o desejo de fazer um trabalho de pesquisa sobre o assunto.

### **Outros fios, outros nós, mas a mesma rede: os diálogos com a temática e os teóricos.**

As bases cognitivas, epistemológicas e teóricas que orientam a discussão a respeito das práticas interacionais de escrita e que levam ao *webletramento*, partem da premissa de que a sociedade contemporânea, ora organizada nos fundamentos da tecnologia da informação e comunicação, tem desconstruído vários paradigmas, entre os quais está a ideia de educação bancária centrada no professor, bem como o *modus* de adquirir e produzir linguagens escritas até então, somente possível, no âmbito da escola. Essa realidade, porém, é agora confrontada pela prática cotidiana de interação escrita dos estudantes através do acesso ao computador ligado à internet.

Tal processo ocorre em virtude de haver na *web* a disponibilidade de espaços para a prática de escrita de gêneros textuais livres sem que, necessariamente, aplique-se o rigor das produções escolares, tampouco se exija a presença do professor, conhecedor e controlador do que pode e do que não pode ser escrito.

Assim, os *weblogs* têm possibilitado ações de *webletramentos*, cujos pontos de tensão evidenciam-se porque os professores não acompanham as mudanças no modo de escrever dos estudantes conectados ao mundo digital. Da mesma forma, a escola ainda não absorveu essas produções como práticas contemporâneas de produção e socialização de conhecimentos

diversos, nas quais as ações interativas entre sujeitos acontecem por meio da efetiva produção textual em rede.

Esta tese nasce, portanto, de inquietações, quais sejam: por que professores, especialmente, aqueles da Educação Básica das escolas públicas de Irecê e microrregião não utilizam de maneira efetiva o *weblog* para interagir com estudantes através da cultura escrita presente na *web*? Em que medida, práticas pedagógicas com gêneros textuais múltiplos produzidos no e para o *weblog* ampliariam os horizontes de estudantes e professores no que diz respeito a práticas diversas de ensino com textos? De que modo as práticas pedagógicas, até então usadas pelos professores, potencializam a escrita de textos dos estudantes?

Nesta tese, compreendeu-se, por meio da discussão teórica de letramento e de interacionismo simbólico, a interação entre professores, estudantes e o *continuum* escrita e leitura possibilitado pela presença da *web* que efetiva a participação de estudantes – Nativos Digitais – (PALFREY; GASSER, 2011), trouxeram ao contexto escolar a prática interacional de escrita, na qual as sociossemioses da linguagem corrente nos *sites* da internet estão para além do modo tradicional monocromático de escrever na escola, pois as práticas de escritas nos *weblogs* acontecem através da convergência das matrizes de linguagem verbal, sonora e visual.

Em virtude da complexidade da questão, objetiva-se estabelecer pontos de tensões existentes na prática pedagógica dos professores – imigrantes digitais – (PALFREY; GASSER, 2011) que, atuando de modo racionalista, realizam suas atividades de ensino de leitura e de escrita baseando-se na linearidade começo, meio e fim. Por outro lado, os estudantes – nascidos digitais – (PALFREY; GASSER, 2011) praticam leitura e escrita na *web* de maneira dialógica, porém caracterizada por uma não linearidade de leitura, tampouco simetria com o raciocínio escrito.

O objeto de investigação da tese aqui apresentada está situado na escrita e na leitura no *weblogs*, o que constitui um processo contínuo para a coleta de dados, visto que se trata de produções constantes. Nesse sentido, está-se diante de uma provocação: a efetivação dessa tese requereu uma metodologia de caráter interdisciplinar, já que se baseia nos princípios da dialogicidade e da interação com os dados – escritas no *weblogs* - dos participantes da investigação, que determinam a metodologia da pesquisa, porque são agentes autorais de suas escritas.

A princípio, isso nos leva à etnografia virtual com Hine (2004), para quem a etnografia virtual é a nova perspectiva de se fazer pesquisa de caráter etnográfico, em virtude de se viver numa sociedade da informação e comunicação digitais e em rede. Para isso, a pesquisadora

londrina considera a internet como espaço cultural e, ao mesmo tempo, artefato cultural da sociedade contemporânea.

Além disso, discutem-se as tecnologias e suas relações com o ser humano da atualidade, produtor contínuo de textos em ambientes *online*. Hine (2004) esclarece ainda que a etnografia virtual é a mesma etnografia clássica, mas com um novo objeto de estudo: as interações sociais dos sujeitos na internet.

Assim sendo, tomam-se como base metodológica os princípios propostos pela etnografia virtual, visto que, de acordo com Hine (2004), eles apresentam as potencialidades requeridas para que se obtenham os procedimentos necessários ao entendimento dos processos interacionais e sociais presentes na comunicação via *web*.

Desse modo, a etnografia virtual permite um estudo da perspectiva das interações mediadas e mostra, através de um exemplo concreto, os processos, os problemas e os benefícios envolvidos em tal perspectiva:

Las relaciones que se forman en Internet también tienden a estabilizar la tecnología, así como a fomentar la comprensión común de sus formas específicas de ser y funcionar. Si bien la Red ha sido presentada como una tecnología transcendental en sí misma, capaz de superar dualismos como Sí mismo/otro, real/virtual, naturaleza/cultura y verdad/ficción, lo cierto es que tiene una relación mucho más compleja con estas distinciones.<sup>1</sup> (HINE, 2004, p. 22).

Com efeito, os diálogos com teóricos da área da tecnologia da informação e comunicação, com estudiosos da educação e da linguagem, bem como a interpretação de dados oferecidos pelos participantes, por meio de suas informações verbais e das produções escritas na *web*, possibilitaram apresentar uma proposta metodológica fundamentada epistemologicamente no conceito de novos estudos de letramento.

Com essa proposta, busca-se o reconhecimento de que os estudantes devem ser orientados para novas atividades de leitura e escrita em que o uso do computador e da internet facilitem práticas interacionais e dialógicas com os professores.

Nessa senda, tem-se como expectativa que professores do Ensino Básico das escolas públicas interatuem com práticas de leitura e escrita realizadas pelos estudantes na *web*. Com isso, terão ampliadas suas bagagens teóricas e metodológicas, além de poderem articular práticas pedagógicas inovadoras voltadas ao ensino de leitura e de escrita para além do espaço

---

<sup>1</sup> As relações que se formam na internet também tendem a estabilizar a tecnologia, assim como fomentar a compreensão comum de suas formas específicas de ser e funcionar. Embora a rede tenha sido apresentada como uma tecnologia transcendental em si mesma, capaz de superar dualismos como si mesmo/outro, real/virtual, natureza/cultura e verdade/ficção, o certo é que se tem uma relação muito mais complexa com estas distinções. (HINE, 2004, p. 22, **tradução própria**).

fechado de sala de aula, rechaçando a tradicional aula de redação desarticulada da realidade social e cultural dos aprendizes – autores e produtores de textos cujos sentidos incluem uns aos outros no sistema comunicacional da *web*.

O procedimento etnográfico ao qual se vincula a tese já mencionada acima é continuação da exploração que vem sendo feita desde 2009, momento em que se iniciou a observação sistemática das produções escritas e das leituras realizadas em *weblogs* de professores das redes públicas de ensino de Irecê.

No que diz respeito à cultura escrita e ao letramento presentes na escola, as práticas de leitura e de escrita recorrentes na *web* tendem a provocar conflitos nas práticas pedagógicas - as ações que o professor usa para ensinar, que envolvem desde a maneira de preparar a aula, à técnica e a metodologia a ser usada – construtivismo, técnica de transmissão cultural ou outras formas que levem ao reconhecimento das habilidades e das competências que se quer que os alunos desenvolvam.

Ao final de cada processo de ensino-aprendizagem - dos professores, porque o modo tradicional de ensinar é questionado pela emergência e pela interação dos agentes que usam a escrita na *web* como prática sociocultural para intercâmbios e diálogos visando à inserção do outro na linguagem escrita.

Dessa forma, a escola, nesse contexto, tem como prioridade rever suas ações e o seu papel no aprimoramento da sua prática educativa. É necessária, porém, uma análise sobre seus conceitos didático-metodológicos de forma a adequar sua postura pedagógica ao momento atual. É preciso que a escola se coloque na posição de organização principal e mais importante na evolução dos princípios fundamentais de uma sociedade, para cumprir, assim, a sua função transformadora e como idealizadora de conhecimentos científico-filosóficos, pautando o resultado de suas ações em saber concreto.

O estudo das práticas de leitura e escrita realizadas na *web* por estudantes e professores permite uma reflexão sobre a prática pedagógica dos professores, no que diz respeito ao reconhecimento de que a *web* é, por si, espaço de circulação de culturas, em especial, aquelas realizadas por meio da escrita.

No pensamento teórico de Street (2003), estão articuladas perspectivas que conduzem ao entendimento de que o letramento está acontecendo em todos os lugares, e as práticas de leitura e escrita recorrentes na *web* deveriam ser conhecidas como *webletramentos*, uma vez que convergem, a um só tempo e espaço, elementos verbais e não verbais no ato de escrita.

Na verdade, trata-se de uma ação autônoma, separada e culturalmente vinculada às motivações intrínsecas e extrínsecas dos sujeitos sociais em determinado contexto.

De acordo com Street (2010),

a noção de práticas de letramento *através das interações escrita na web* nos possibilita fazer uma reflexão que necessariamente traz implicações para a política de educação e, portanto, não é uma abordagem que simplesmente descreve eventos e busca regularidades. (STREET, 2010, p. 40, grifo meu).

A afirmação de Street (2010) corrobora com a ideia de que os agentes comunicativos que atuam livremente na *web* por meio de interações da cultura escrita não estão vinculados à visão pragmática da escrita escolar. Ao contrário, produzem escrita e leitura de modo a sustentar o processo autopoético recorrente nos *weblogs*, “o conceito *autopoiesis* é uma espécie de metateoria, que não deve ser apresentada como instrução da base metodológica da pesquisa empírica, no sentido de exigir-lhe prognósticos estruturais, mas sim como uma orientação geral” (LUHMANN, 2010, p. 125), em que se transformaram as relações sociais e culturais fundadas no fazer escrito da rede digital. A empiria potencializou e auxiliou a sustentação do conceito de *webletramento*.

Aplica-se *webletramento* na perspectiva de que a *web* potencializa autonomias cognitiva, intelectual e social, em que a escrita e a leitura se justapõem para a realização de eventos discursivos nos quais a produção de escrita e de leitura se torna atividades de resistências aos paradigmas de ensino e de suas aprendizagens, até então baseadas na (equação) ação de Alfa + Beta.

Para Soares (2002), esses mecanismos tecnológicos e digitais permitem a reconfiguração do conceito e da prática de letramento até então vigentes no contexto educacional. Segundo a autora,

[...] na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa, já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também visual, auditiva, espacial. (SOARES, 2002, p. 155-156).

Nesta vereda teórico-metodológica, Rojo (2009) ao referir-se às novas práticas letradas que os ambientes virtuais possibilitam a todos, afirma que a *web* potencializa multiletramentos, divididos, conforme o novo pensamento de Street (2003), em letramentos *dominantes* e letramentos *vernaculares*. Os primeiros têm como agentes de propagação “professores autores de livros didáticos, especialistas, pesquisadores, burocratas, padres e pastores, advogados e juizes” (ROJO, 2009, p.102), que reforçam, cada vez mais, os ideais de

dominação e de privilégio do mundo da escrita na vertente prestigiada. Os segundos, por sua vez, não são regulados pelas instituições sociais, “mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais.” Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência. (ROJO, 2009, p.103).

Nessa lacuna conceitual, coloca-se em destaque, para discussão e apreciação do meio acadêmico, o conceito de *webletramento*, entendido a partir da convergência de letramentos dominante e vernacular, existentes na internet, uma vez que na *web*, vários agentes de letramento posicionam-se em redes de comunicação – comunidades virtuais como *weblogs* e fóruns educacionais.

Dessa forma, a grande contribuição à educação é a busca por uma metodologia para o ensino e a aprendizagem de escrita e de leitura através do uso da *web* como espaço interacional, no qual se permita aos estudantes e aos professores da Educação Básica a inserção e a participação como autores de processos comunicacionais na rede.

A junção dessas categorias nos leva a construir e a defender a conceitualização de *webletramento*, haja vista a *web* permitir a todos que a ela têm acesso produzir, comunicar e socializar saberes articulados, a partir dos usos interacionais das ferramentas e linguagens digitais disponíveis.

Desse modo, o *webletramento* seria a articulação da técnica de escrita e de leitura usada pelos seus antecedentes: letramento computacional, letramento digital, letramento dominante e vernacular, através dos quais se realizam comunicação e produção de sentidos em redes de produção textuais.

Para Schetzer e Warschauer (2000), a comunicação mediada pelo computador leva à autonomia dos agentes de letramento, visto que cada um realiza práticas para criar e organizar páginas da *web* de acordo com suas necessidades comunicacionais. Isto certamente é uma prática de *webletramento*.

Assim,

Saber como navegar nas fontes de informações da Internet, pesquisar por informações e criticamente avaliar e interpretar o que é encontrado representa talvez o mais crítico conjunto de habilidades do letramento digital [...] saber como usar as ferramentas de pesquisa efetivamente e então ser capaz de ler às pressas e examinar cuidadosamente para ver se o que é encontrado é remotamente de interesse, enquanto simultaneamente faz julgamento de acordo com sua fonte, validade, fidedignidade e exatidão. (SHETZER; WARSCHAUER, 2000, p. 175).

Os autores ressaltam que o fato de professores e estudantes terem acesso à tecnologia da informação e comunicação já lhes faculta a aprendizagem dos processos linguísticos e culturais que asseguram a comunicação efetiva através da prática de escrita e de leitura em

espaços digitais de *webletramento* – *weblog*. Isso significa que a interação via escrita e leitura, por meio do computador, deve envolver novos modos de participação e colaboração advindos da escola, uma vez que, no universo da *web*, a interação tem sido constantemente reclamada.

Dessa maneira, questiona-se: os estudantes que têm acesso ao computador ligado à internet serão webletrados? Sim. *A priori* é o que se defende aqui, pois se trata de sujeitos que, interagindo com a linguagem e a estética da *web*, tornam-se capazes de ativar cognitivamente práticas letradas no desenvolvimento de ações comunicativas entre si.

Xavier (2005, 2009, 2011) trata da questão do letramento considerando que se tem o letramento digital nesse contexto de ensino-aprendizagem de escrita e de leitura no viés de práticas de inclusões sociais dos sujeitos. O autor evidencia sua concepção de letramento ao reafirmar que tal aç

implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 134).

No caminho das mudanças promovidas pelas TICs, no contexto da globalização, nas últimas décadas, *webletramento* reclama por novos mecanismos de ensino-aprendizagem de escrita e leitura de acordo com as emergências requeridas pela comunicação cotidiana. Assim, a circulação de informação no meio digital tem levado a novas maneiras de produzir e, especialmente, de circular, nas comunidades letradas, novos gêneros textuais, contestadores da ideologia de letramento discutida na cultura escrita hegemônica.

Dessa forma, as questões ético-estéticas do ato de ensinar a escrever no *weblog* têm se constituído como nova emergência educacional, por isso tem sido vistas como pontos de tensão, exigindo que o professor ensine aos estudantes a trabalharem com conteúdos estéticos, éticos e morais ora produzidos e socializados na *web*. Desse ponto de vista, a produção de escrita no *weblog* precisa evidenciar os procedimentos estéticos que o ato de escrever requer aos atores sociossemióticos da escrita.

A escola deve possibilitar a construção de pontos de referência para a capacitação de professores habilitados a utilizarem o ensino de escrita como práticas pedagógicas que a *web* potencializa aos profissionais de educação na atualidade, inserindo, portanto, a presença da internet no cotidiano das escolas.

Os professores, de modo geral, ainda não entendem essa ferramenta como um suporte das práticas pedagógicas para melhoria no ensino de escrita. Ela precisa ser problematizada na perspectiva de que se podem criar tensões que conduzam todos a uma prática contestadora do fazer educacional, por meio do uso da escrita como tecnologia que promove a cultura da participação.

Uma vez que exista uma educação tecnológica presente e emergente requerida pelos estudantes é fundamental que o professor da Educação Básica tenha acesso a esses princípios contemporâneos de inovação educacional, pedagógica e tecnológica que o sistema requer. Essas questões constituem-se como pano de fundo para que se sustente a tese de que a categoria *webletramento* avança qualitativamente sobre a prática pedagógica e educacional centrada nos clássicos conceitos de letramento.

A realidade da *web* reclama que o ato de escrever seja composto por uma percepção ética e estética relevante e, como tal, exige do profissional da linguagem ações articuladas com os usos das ferramentas digitais disponíveis pela *web* a serviço da educação.

Por fim, essas teses apontam na direção de uma aprendizagem de escrita e leitura relacionadas com a realidade da cultura e da cidadania digitais reclamadas pelas comunidades, em especial, aquelas em que os estudantes são “nativos digitais” e apresentam saberes de linguagem escrita pertinentes a esse espaço de comunicação interacional.

No que diz respeito à materialização dos saberes teóricos exigidos pela empiria da tese, há nela elementos fundantes, quais sejam: a) A *web* propõe novos modos de comunicação e interação verbal, visto que os estudantes que praticam e vivenciam o *webletramento* têm e/ou desenvolveram uma plasticidade cerebral singular; b) A *web* provoca nos professores deslocamentos epistemológicos e pedagógicos, visto que o corpo de conhecimento nela presente está para além do instituído pelo currículo e pelo ambiente escolar; c) A cultura e a cidadania digitais promovidas pela *web* pedem novas práticas de ensino e aprendizagem de leitura e de escrita além das práticas pedagógicas da escola moderna; d) O *webletramento* justapõe-se às práticas de letramento já desenvolvidas pelos estudos dos teóricos canônicos da academia e; e) O *webletramento* promove a agitação intelectual, física e cognitiva do corpo escolar, isto é, professores e estudantes são colocados diante de sistemas tecnológicos que os levam a uma postura participativa de ensino e de aprendizagem da cultura escrita.

## CAPÍTULO I

### ITINERÁRIO METODOLÓGICO DA PESQUISA: FUNDAMENTOS DA TEORIA FUNDAMENTADA (*THE GROUNDED THEORY*) APLICADOS À PESQUISA

Esta seção apresenta, de modo sintético, o caminho metodológico percorrido para se construir a pesquisa ora apresentada: *Weblog e as práticas interacionais de escrita: webletramento*.

Antes, porém, apresenta-se onde e como ela surgiu e passou a ser feita, tendo nos sujeitos envolvidos e suas práticas vivências no *weblog* como autores de escritas direcionadas à comunicação e a geração de conhecimentos sobre temas educacionais e cotidianos iniciados no âmbito da sala de aula. Em seguida, justifica-se a escolha pelos princípios da Teoria Fundamentada nos Dados, como suporte para a interpretação dos dados; por fim, apresentam-se discussões sobre este método de pesquisa e, quiçá, sua inserção nos estudos de *webletramentos* na escola.

#### 1.1 Escolha metodológica: *The grounded theory*

A opção pelo método da Teoria Fundamentada nos Dados – *The Grounded theory* – de Strauss e Gasser (2010), Chamaz (2010), Recuero e Fragoso (2011) tornou-se um ato apaixonado cuja ousadia impôs seus limites. Isto porque, tomando a pesquisa qualitativa de base etnográfica que, priorizando o fenômeno, o processo estudado e o ambiente da pesquisa impõem desafios singulares, posto que, neste caso, tratava-se de compreender as práticas interacionais de escrita no *weblog*, cujos autores estavam diametralmente opostos. De um lado professores, e do outro, estudantes. Nessa situação, o pesquisador e pesquisado, mediados pelo objeto de investigação, são sujeitos, mas em níveis e tarefas diversificadas de interação e diálogo.

Neste sentido, a escolha pela pesquisa qualitativa de abordagem etnográfica é justificável por esta preocupar-se com o processo, com as interações, com os sentimentos e as emoções dos sujeitos envolvidos, bem como com a relevância social do tema pesquisado.

É interessante destacar a importância da percepção de etnografia empregada na prática investigativa na área de educação que tenha a *web* e suas múltiplas linguagens como *locus* e objeto de pesquisa. As experiências com o ambiente e, conseqüentemente, os dados nele encontrados determinam as ações de análise e sua interpretação.

Nesse contexto, os cenários são o *weblog*, espaço digital de comunicação e interação verbal e semiótica, e as escolas públicas de Ensino Básico de Irecê – BA, de onde os dados observados direcionaram a ação da pesquisa para dentro desses ambientes, buscando-se relacionar as práticas de escrita dos envolvidos – estudantes e professores – tanto no *weblog* quanto na sala de aula.

Em virtude de ser uma abordagem de pesquisa ainda pouco explorada no contexto das pesquisas educacionais, toma-se, como consideração inicial, a ideia de que as descobertas mais significativas no ato de pesquisar estão em conformidade com a temática proposta e com a época em que ela se insere – a sociedade contemporânea marcada pela presença do *weblog* como espaço para práticas interacionais de escritas às quais são estruturadas pelo uso de várias semioses.

As pesquisas conectadas a essa perspectiva, desde o início, deixam claro que há uma limitação: a falta de conhecimento dos pesquisadores em educação sobre os métodos propostos pela Teoria Fundamentada nos Dados, dentro do paradigma qualitativo, no qual a Sociologia Analítica e a Linguística Textual permitem ao pesquisador o uso de múltiplos instrumentos de coleta de dados.

Diante disso, apresenta-se a questão problematizadora relacionada à abordagem de pesquisa: como tornar os pressupostos da *The grounded theory* – Teoria Fundamentada nos Dados – operacionais em estudos e pesquisas educacionais, quando, na verdade, há a ausência e a limitação de fontes na literatura nacional?

A resposta a essa indagação será construída a partir do diálogo com os conceitos e os princípios dessa teoria que, como estratégia de pesquisa para o entendimento da linguagem escrita no *weblog*, oferece mecanismos teóricos e metodológicos existentes nos dados e na realidade social dos pesquisados.

A configuração da pesquisa centra-se em dois contextos específicos: duas escolas públicas municipais de Irecê, cidade situada no interior do estado da Bahia, cuja população residente é de 66.181 – sendo 61.019 urbana e 5.162 rural –, de acordo com informações do Censo Demográfico 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Como sujeitos a serem pesquisados, foram selecionados, das duas escolas mencionadas, 05 professores de Língua Portuguesa que usam as redes sociais para o ensino de escrita através da *web* e 05 estudantes do 6º ao 9º anos da Educação Básica, matriculados nas disciplinas dos referidos professores. O outro contexto é a participação como seguidor de *weblogs* onde professores e estudantes pesquisados praticam a escrita.

Contexto da pesquisa explicitado propõe-se a questão: como desenvolver a prática de escrita na sala de aula com alunos que realizam essa atividade na *web* através de ações que os habilitem à permanência diferenciadas na cultura da escrita digital?

A resposta a esta questão será encontrada por meio da técnica de observação participante, que de acordo com o que apontam LAVILLE e DIONE (1999), esta técnica possibilita a integração entre pesquisador e pesquisado. Ambos trocam experiências, o que permite que as ações sejam compreendidas no grupo pesquisado, uma vez que a coleta das informações será realizada por meio da imersão e permanência contínua do pesquisador no contexto da pesquisa. Isso levou à opção pela *amostra típica*, através da qual se entrevistaram os professores de Língua Portuguesa da escola pública selecionada: Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães. Ademais, usam-se, como técnica de coleta, memorandos, diagramas e entrevistas intensivas, através das quais se dialogará com os informantes, deixando-os à vontade para expressarem suas opiniões e representações sobre as práticas de letramento digital a partir do *weblog*.

Assim, por meio dessas técnicas, os sujeitos participantes poderão exprimir suas opiniões de forma a se sentirem no lugar de declarantes, colocando a lume suas experiências com a escrita e a leitura digitais. Com os relatos obtidos, serão elaborados memorandos de pesquisas, nos quais os dados serão registrados e, conseqüentemente, determinarão as ações de análise.

Considera-se tal processo como uma conversa em que se permite um exame minucioso de um tópico em particular com os participantes que tenham vivido experiências relevantes. Assim, do ponto de vista da Teoria Fundamentada (*The Grounded Theory*), estas técnicas de coleta de dados permitem ao pesquisador interagir com os pesquisados de maneira horizontalizada. Nesse plano de igualdade, o pesquisador vai além da superfície de uma conversa cotidiana com o participante, analisando mais de uma vez os eventos, as opiniões e as impressões iniciais de todos, indo além das aparências através da solicitação de detalhes, como “reformule sua ideia emitida anteriormente”, “isso é interessante, fale mais sobre isso.”

## **1.2 Considerações epistemológicas**

A ciência tem sido a prática que leva às descobertas e às sistematizações de questões que a sociedade ainda não tem claramente definidas. A natureza e a sociedade são repletas de dados e, portanto, os métodos de coletas variam de acordo com as perspectivas do pesquisador e a sua temática de investigação. Mediante isso é que se busca apresentar os

princípios da Teoria Fundamentada nos Dados como a base teórico-metodológica e epistemológica para esta pesquisa de doutorado.

Às vezes, os processos de pesquisa levam o pesquisador a se surpreender, o que acontece quando o projeto de investigação se fecha em um paradigma e é colocado como superior a outros. A consequência disso é o desperdício de tempo e de recursos preciosos.

Os métodos da Teoria Fundamentada favorecem a percepção dos dados de forma integrada à ação teórica, permitindo a exploração de dados em tempo quase real. Conforme assinala Charmaz (2009), “ao adotar os métodos da Teoria Fundamentada, você poderá conduzir, controlar e organizar a sua coleta de dados e, além disso, construir uma análise dos seus dados.” (CHARMAZ, 2009, p. 15).

A sociedade contemporânea oferece novas perspectivas sociais, culturais e econômicas, aspectos que requerem novos sistemas de investigações, e o pesquisador é provocado pelo desejo de compreender como tais elementos e seus processos são inseridos no cotidiano das pessoas. O pesquisador, ao optar pelo método da Teoria Fundamentada, articula-se e, por meio do contato imediato com os dados, começa seu procedimento de investigação, buscando a interação com o que ocorre no *locus* de pesquisa e, por sua vez, as experiências dos pesquisados. Desse ponto de vista, o método dessa teoria propõe que o pesquisador inicie seu trabalho de investigação reunindo, preliminarmente, dados que deverão representar, sistematicamente, as ocorrências, as quais serão observadas e articuladas com os conceitos centrais que sustentam a temática de pesquisa, levarão à análise e, conseqüentemente, ao construto teórico.

Charmaz (2009) observa que é fundamental para o sucesso da pesquisa que se reúna e se selecione o maior número de dados para a análise teórica já no momento da construção do projeto. Na verdade, a autora salienta que:

Os pesquisadores que utilizam a teoria fundamentada reúnem dados para elaborar análises teóricas desde o início de um projeto. Tentamos descobrir o que ocorre nos ambientes de pesquisa nos quais integramos e como é a vida dos nossos participantes de pesquisa. Estudamos a forma como eles explicam seus enunciados e ações, bem como questionamos a compreensão analítica que podemos ter sobre eles. [...] Os pesquisadores adeptos à teoria fundamentada começam pelos dados. Construímos esses dados por meio das nossas observações, das interações e dos materiais que reunimos sobre o tópico ou sobre o ambiente. [...] Os métodos da teoria fundamentada têm a vantagem adicional de conter diretrizes explícitas, as quais nos indicam a forma como devemos proceder. (CHARMAZ, 2009, p. 15).

Embora ainda pouco empregada como metodologia de pesquisa nas ciências sociais e, sobretudo, no campo da educação, a Teoria Fundamentada, nascida da Sociologia Analítica, como tal, possibilita estratégias metodológicas sistemáticas de análise dos dados.

Glaser e Strauss (2009), a partir de seus estudos com funcionários de hospitais, na década de 1960, entenderam que são possíveis e aplicáveis estratégias de pesquisa que levem ao desenvolvimento de teorias, as quais estão fundadas nos dados coletados. Isto contraria boa parte da ideia de que é necessária a dedução que conduzem a hipóteses contidas em teorias preexistentes.

Sabe-se que as bases do método de pesquisa da etnografia foram trazidas do campo da Antropologia para a Sociologia através dos estudos da Universidade de Chicago, tendo sido, mais tarde, inseridas em outros campos. (BOGDAN; BIKLEN, 2003). De acordo com Angrosino (2009), as teorias sociais que dão suporte às pesquisas em educação tiveram melhor adaptação dos métodos de pesquisa etnográfica, devido ao fato de seus ambientes e sujeitos de pesquisa apresentarem variações, potencializando, assim, a aplicação de conceitos de orientações teóricas diversas. Essas orientações vão do funcionalismo ao pós-modernismo, fato que possibilita ao pesquisador etnográfico compreender e descrever um povo e seu grupo social em suas dinâmicas coletivas.

Considerada, inicialmente, como método para compreensão das culturas em seu estado latente e inicial, a etnografia teve como etnógrafo mais importante em fase inicial o inglês Bronislaw Malinowski, que, empreendendo estudos nas ilhas do Pacífico Oeste, conseguiu comprovar os comportamentos de tribos daquela localidade.

Angrosino (2009), Malinowski e Boas (2009) foram defensores da observação participante como estratégia para coleta de dados em ambientes culturais dinâmicos, uma vez que o pesquisador está submerso no cotidiano dos pesquisados.

Nesse sentido, apresentam-se, como base filosófica e epistemológica, o dialogismo e a interação social, por analisarem a relação recíproca entre sujeito e objeto pesquisado a partir do reconhecimento de que a interação humana é reflexiva. As pessoas interagem entre si por meio do sentido das palavras, gestos, linguagem corporal e, especialmente, pelo uso do espaço e do tempo, garantindo, assim, o compartilhamento da realidade.

De acordo com Severino (2007), nessa concepção, o conhecimento não pode ser visto isolado da *práxis* humana, sendo, portanto, uma construção histórica e social que guia a intencionalidade de transformação das condições de existência humana.

A pesquisa qualitativa é a mais indicada quando se trata de discutir aspectos muito particulares de um determinado objeto de estudo que não vise apenas aos resultados, mas que

busque, no processo de investigação, “compreender relações, valores, atitudes, crenças, hábitos e representações e a partir desse conjunto de fenômenos humanos gerados socialmente, compreender e interpretar a realidade” (MINAYO, 2007, p. 24).

A despeito de quaisquer postulados, far-se-ão ainda, incursões pela etnografia virtual, lastreada pela ideia de que a metodologia constitui-se numa maneira de se pensar a respeito da realidade social, representada pelos dados. Então, à medida que os dados são interpretados por meio da codificação, evidencia-se o conjunto de procedimentos e técnicas para a sua coleta e análise. Dessa forma, preocupa-se em compreender os acontecimentos a partir das interações entre os sujeitos, percebidos como atores sociais e em distinguir as especificidades próprias de cada contexto no qual estão inseridos.

Este caminho propõe a integração entre a Teoria Fundamentada como procedimento metodológico e a fundamentação teórica que orienta a proposta de pesquisa aqui anunciada – a Teoria da Enunciação de Bakhtin (2000), da mediação pedagógica (Vygotski, 2000), os estudos sobre letramento digital (Marcuschi, 2008; Xavier, 2009, 2010) e sobre cultura escrita (Ong; Olson, 1999).

No que se refere ao qualitativo, este tem condições de validar qualquer teoria. Age em consonância com a categoria que a orientou, no percurso da pesquisa, comparando-a com os “conceitos e suas relações com os dados durante o ato da pesquisa para determinar o quanto eles são apropriados para tal investigação” (STRAUSS; CORBIN, 2009, p. 37).

Esse paradigma tem a historicidade, a complexidade e a praticidade como pressupostos pertinentes à própria condição do ser humano, na perspectiva do interacionismo social, uma vez que se pretende fazer vivências no microcosmo da pesquisa, escolas públicas de Irecê, e visitas a *blogosfera* para seguir os *weblogs*. Dessa maneira, será possível perceber o *modus* de produção de linguagem escrita e leitura – letramento digital – de professores e estudantes, sujeitos da pesquisa.

De acordo com Popper (2007), a ciência tem sido a prática que leva às descobertas e às sistematizações de questões que a sociedade ainda não tem claramente definidas. Por esse pensamento, entende-se que o ato de investigar procede pela via do questionamento, o qual induz o pesquisador a “pensar sobre essa realidade educativa na qual se encontra imerso [...] para construir seu objeto [...]. Daí que a metodologia será qualquer metodologia desde que dê conta desse objeto recém-construído ou em vias de construção” (FIALHO, 1986, p. 25).

Esclarece-se que o mais importante no ato da pesquisa científica é a compreensão de que sempre existem e haverá de existir dúvidas quanto à escolha da metodologia empregada no ato da pesquisa. Então, é fundamental a vivência do pesquisador com a realidade do objeto

e da temática investigados, para, em seguida, fazer interações e saber por que o fato observado acontece daquela maneira.

Estabelecer a interlocução com o *locus* da pesquisa e as teorias já discutidas e relacionadas ao tema é, sem dúvida, uma questão complexa a ser considerada no ato de pesquisa.

Sendo o cotidiano escolar e da *web* espaços para a prática de escrita, os vestígios de letramento nele contidos serão discutidos a seguir. Antes, porém, faz-se necessário assinalar que as práticas de escrita na *web* enquadram-se na perspectiva digital, por isso os sujeitos envolvidos – professores e estudantes – são assim qualificados: professores, sujeitos analógicos, e estudantes, sujeitos digitais.

No primeiro caso, o enquadre justifica-se pela crença dos professores de que a prática de escrita na *web* está configurada social e culturalmente para a efemeridade, demonstrando com isso que as ferramentas tecnológicas que a promovem são apenas extensões do humano.

Kerckhove (1997) considera que os sujeitos tecnopsicológicos são aqueles que acreditam que as tecnologias são extensões do humano. Nesse contexto, os professores, sujeitos desta pesquisa, caracterizam-se como tais em virtude de ainda não dialogarem de maneira significativa com as práticas de linguagem na e da *web*. Para o mesmo pesquisador, os sujeitos psicotecnológicos têm seus pensamentos e ações orientados pelas tecnologias, isto é, o ambiente tecnológico conduz os sujeitos em suas atividades de escrita e leitura do contexto. O registro de pensamento nesse contexto, portanto, os caracterizam como sujeitos *tecnopsicológicos*.

Os estudantes, em virtude de praticarem escritas na *web* que lhes permitem o desenvolvimento da criatividade, executando-as por meio de ações cognitivas que valorizam as tecnologias da *World Wide web*, constituem-se como sujeitos *psicotecnológicos*, “cabeças digitais”.

Essa disposição dos sujeitos em *tecnopsicológico* e *psicotecnológico* não tem a intenção de separá-los nem colocá-los em conflitos. Na verdade, o que se pretende é estabelecer diálogos entre os dados e as observações, apontando para a existência do analógico e do digital em uma mesma prática de escrita.

Professores e estudantes movimentam-se e adaptam-se de acordo com suas necessidades comunicacionais, tanto na sala de aula quanto na *web*, onde as estruturas se imbricam através do reconhecimento da escrita como técnica de registro de pensamentos.

Em conformidade com as orientações e os pressupostos do paradigma da pesquisa qualitativa e da complexidade da temática aqui tratada, recorreu-se também à entrevista semi-

estruturada, por entender que os professores e os estudantes ficariam à vontade para falar sobre suas práticas de escrita na escola e no *weblog* quando instigados a falar mais sobre seus cotidianos de escrita.

Esta pesquisa enquadra-se em uma abordagem qualitativa, ancorada na perspectiva da metodologia da Teoria Fundamentada porque se entende que ela pode levar a uma maneira de pensar sobre “um conjunto de procedimentos e técnicas – entrevistas, memorandos e outros – para coletar e analisar dados e o mundo no qual vivem pesquisador e pesquisados.” (ANSELM; CORBIN, 2009, p. 17).

Historicamente, essa metodologia está relacionada aos estudos teóricos desenvolvidos originalmente pelos sociólogos Barney Glaser e Anselm Strauss, ambos com formações acadêmicas diferenciadas. Strauss tinha formação na histórica e tradicional escola qualitativa de Chicago ;formou-se pela *University of Chicago*. Durante esse período foi influenciado por estudos interacionistas e pragmáticos (DEWEY 1992; MEAD, 1934, entre outros). Glaser vinculou-se à tradição quantitativa da Columbia – *University of Columbia* – e suas ideias foram influenciadas por Paul Lazarsfeld.

Crê-se, ainda, que o valor da Teoria Fundamentada para essa proposta está na possibilidade de se gerar teorias a partir dos dados sistematicamente fundamentados.

### **2.3 Procedimentos metodológicos da Teoria Fundamentada**

A pesquisa científica, de modo geral, é perpassada pela racionalidade técnica que a leva à lógica do raciocínio empregado na análise dos dados. Desse modo, a interação entre objeto de investigação e procedimentos de coleta de dados constitui a base para a interpretação e análises desses dados.

Para a Teoria Fundamentada, os conceitos são abertos a ponto de emergirem dos dados com toda sua força conceitual. Isso, sem dúvida, exige do pesquisador atuação de *expertise* no contexto da pesquisa, por aparecerem conceitos e hipóteses novos, validados pelos dados.

Conforme Strauss e Corbin (2009), essa é uma das mais difíceis decisões dos pesquisadores, pois tal atitude exige deles “sensibilidade para as nuances dos dados, tolerância para a ambiguidade, flexibilidade no projeto e uma dose de criatividade”. (STRAUSS; CORBIN, 2009, p. 45).

No contexto da Teoria Fundamentada, exige-se que haja, de modo contínuo, a interação entre objeto, *locus* e sujeitos da pesquisa e o pesquisador, de maneira que este se sinta como “instrumento” de coleta e análise nos estudos qualitativos. Nesse contexto, o olhar

do pesquisador é educado para o equilíbrio, ou seja, o bom senso se estabelece quando do emprego da objetividade aliada à sensibilidade para perceber a complexidade dos dados.

Como assinalam Strauss e Corbin (2009), “A objetividade permite ao pesquisador ter a confiança de que seus resultados são uma representação razoável e imparcial do problema sob investigação, enquanto que a sensibilidade permite a criatividade e a descoberta de uma nova teoria a partir dos dados” (STRAUSS; CORBIN, 2009, p. 62).

Para que essas questões sejam ampliadas pelo pesquisador no ato da interação de pesquisa, Strauss e Corbin (2009) sugerem que ele busque inspirações em múltiplas fontes literárias – literatura técnica, especializada e não técnica. Normalmente nelas estão contidos conceitos iniciais e ideias ainda não reconhecidas pela academia, mas que lhe permitem o exercício da criatividade.

Os métodos da Teoria Fundamentada levam à elaboração de categorias conceituais. Dessa forma, a coleta de dados é orientada para a busca de esclarecimento das propriedades dessas categorias e de suas relações com o universo pesquisado.

Nesse contexto, e em se tratando de uma pesquisa que tem como base as articulações entre as práticas de escrita na escola e as atividades de escrita no *weblog*, emergirão categorias e dados reificadores dos métodos da Teoria Fundamentada. Por conseguinte, espera-se que tais descobertas sirvam para a construção de uma teoria que oriente professores para o uso do *weblog* como ferramenta de aprendizagem de escrita e de seus gêneros textuais.

Como foi possível depreender, este trabalho constitui-se em uma contribuição para que sejam compreendidas as possibilidades que a Teoria Fundamentada nos Dados apresenta para pesquisa na educação, tendo na etnografia virtual sua ancoragem. Talvez sua importância esteja na provocação de que os dados estão à disposição na natureza, e a pesquisa é uma ação em que sujeitos e objetos podem ser entendidos como realidade teoricamente constituída a ser investigada. Assim, a pesquisa educacional ora suscitada pela sociedade contemporânea não pode reduzir-se a um método ou técnica, visto que, para haver a construção do conhecimento científico, é necessário ampliar ao máximo o uso dos métodos.

Defende-se a hipótese de que a Teoria Fundamentada nos Dados permite a sistematização e a reflexão científica, levando à tomada de consciência do processo prático da pesquisa.

Assim sendo, o exercício da pesquisa alicerçada nessa teoria é uma forma de se relacionar o fazer educacional com o cotidiano da sociedade contemporânea, em que a *web* toma conta dos ambientes educativos e sociais.

## CAPITULO II

### PRÁTICAS INTERACIONAIS NA ESCRITA DE *WEBLOG*

A relevância em analisar, por meio de estudos empíricos, o *weblog* está, especialmente, no fato de ele se constituir em um dos primeiros espaços nativo digital (Orihuela, 2007), devido à sua distinção dos meios eletrônicos que o antecederam, quais sejam: os *websites*.

Especificam-se os *weblogs* de professores, que interessam especialmente a este trabalho de tese e observa-se que se trata de um espaço inovador e interativo para a educação. Através deles foram realizadas práticas interacionais de escritas que, direta ou indiretamente, levaram os interagentes a uma relação de reciprocidade linguística, na qual a escrita de vários gêneros discursivos tornou-se possível, ampliando assim, o processo de articulação entre as linguagens.

Neste segundo capítulo, tem-se a intenção de apresentar pontos de vistas de variados teóricos e antropólogos da linguagem. Nessa perspectiva, passa-se a entender a prática de escrita como ação orientada por uma temática convencionalizada pela comunidade sócio-discursiva, onde o enunciador atua com a escrita – agente de comunicação e interação social- na qual o diálogo entre os sujeitos é reforçado pela aceitação da escrita como tecnologia intelectual.

Assim, o *weblog* permite que a escrita sirva como meio de comunicação entre sujeitos que, interagindo por meio das linguagens da *web*, atuem através do tempo e do espaço. Dessa maneira, a escrita é tomada pelo blogueiro como possibilidade prática para a orientação de pensamentos e ações sócio-discursivas entre escritores e leitores que, em co-presença, realizam discussões e práticas sociais de letramento.

#### **3.1 Weblog: origem, evolução sócio-interacional**

Neste capítulo, serão apresentadas concepções a respeito da origem e da evolução do *weblog* enquanto espaço de interação social por meio das práticas de escrita. A expansão e a facilidade de intercâmbio proposta pela *web* permitiram que as pessoas ampliassem sua liberdade de criação e de diálogos através da escrita, considerando-a enquanto tecnologia de registro e de publicação de pensamentos online.

A criação de *weblog* pode ser considerada do ponto de vista tecnológico e informático, através do qual todo dispositivo digital é considerado uma ferramenta a serviço dos usuários

das redes digitais. Assim, o weblog permitiu a todos os seus usuários a reunião e, por conseguinte, a socialização de ideias e conhecimentos produzidos de modo individual e coletivo. Isso, sem dúvida, tornou-se instigante às práticas interacionais de escritas.

A primeira ação evolutiva e criativa está no campo etimológico. Pode-se dizer que, de acordo com estrutura da palavra, o weblog é originário da língua inglesa, sendo a junção de *web* mais *log* que, numa tradução livre, seria diário da *web*. A segunda foi no contexto tecnológico. É um *site* com estrutura direcionada às práticas de escrita onde se fazem postagens variadas, abordando temáticas amplas e socialmente articuladas com o contexto do momento. O termo *weblog* foi criado por Jorn Barger em 17 de dezembro de 1997. A abreviação *blog*, por sua vez, foi criada por Peter Merholz, que, de brincadeira, desmembrou a palavra *weblog* para formar a frase *we blog* ("nós blogamos"), na barra lateral de seu *blog*Peterme.com, em abril ou maio de 1999. Pouco depois, Evan Williams do Pyra Labs usou *blog* tanto como substantivo quanto verbo (*to blog* ou "blogar", significando "editar ou postar em um *weblog*"), aplicando a palavra *blogger* em conjunção com o serviço Blogger, da Pyra Labs, o que levou à popularização dos termos.

Quanto à estrutura, observa-se, em geral, a organização dos assuntos em ordem cronológica decrescente, tendo sempre como eixo central a temática do *weblog* anunciada no contrato discursivo apresentado no *banner* de abertura.

### **3.2 Conceitos, aplicabilidades e formatos**

A literatura acadêmica e também aquela disponível na própria *web* trata de diversas formas conceituais a estrutura e o formato do *weblog*. Estas distintas apresentações se confundem com o processo evolucionário dos recursos da internet, em que se incorporaram a ele múltiplos formatos e aplicabilidade.

Neste universo conceitual estão algumas definições esclarecedoras, quais sejam: Barger (1999) já utilizando a forma comprimida do termo *weblog*, conceitua como: a) página da web onde um *weblogger* "linka" todos os outros weblogs visando à filtragem das notícias mais significativas da própria web. Segundo o próprio Barger ainda existiam limitações e a presença do leitor fica restrita, porque atuava apenas como mero espectador.

A partir dos anos 2000, foi introduzido o link para o comentário, caracterizando o processo de interação entre interlocutores do *weblog*. Blood (2000) amplia o conceito afirmando que o *weblog* é uma rede de links que permitem comentários. A pesquisadora entende que comentários é todo o processo de escrita no qual todos os gêneros discursivos

empregados pelo blogueiro, a respeito do tema que trata na sua publicação, é colocado para apreciação dos leitores.

Nesse contexto evolucionário, outros pesquisadores contribuíram com a ampliação do conceito. Oliveira (2002) e Schitinne (2004) simplificam e dizem que o weblog é um diário online no qual o blogueiro se dispõe a escrever sobre o seu cotidiano para um público específico. Corroborando com essa definição Barbosa e Granado (2004) e Félis (2008) veem weblog como página pessoal. Essas acepções são ampliadas por Oliveira (2005) para status de escrita pessoal, no qual o blogueiro expressa gostos e particularidades da vida privada em rede. Embora sejam bastante coerentes, tais conceitualizações ocultam as múltiplas possibilidades que weblog vai ganhando no cotidiano das práticas de escrita.

Neste instante ainda há limitações quanto à origem do weblog nas comunidades virtuais de comunicação, a exemplo da *Usenet* e dos fóruns de discussão que se ampliaram a partir da década de 1990.

Assim, pode-se compreender que o weblog atual é uma evolução dos diários *online*, onde pessoas mantinham informações constantes sobre suas vidas pessoais. Estes primeiros *blogs* eram simplesmente componentes de *sites*, atualizados manualmente no próprio código da página. A evolução das ferramentas que facilitava a produção e manutenção de artigos postados em ordem cronológica promoveu o processo de publicação dos textos escritos sobre variados assuntos, ajudando muito na popularização do formato de weblog que conhecemos hoje.

Em verdade, o que se nota é que a mensagem passou a modelar o meio, fazendo com que se tivesse em 2000, uma inovação – o *permalink* – conhecida como apontador permanente – que transformaria o perfil dos *weblogs*. Os *permalinks* garantiam a cada publicação num *weblog* uma localização permanente - uma URL – que poderia ser referenciada. Anteriormente, a recuperação em arquivos de *weblogs* só era garantida através da navegação livre (ou cronológica). O *permalink* permitia então que os weblogueiros pudessem referenciar publicações específicas em qualquer *weblog*.

Em seguida, *hackers*<sup>2</sup> criaram programas de comentários aplicáveis aos sistemas de publicação de *blogs* que ainda não ofereciam tal capacidade. O processo de se comentar em *blogs* significou uma democratização da publicação, conseqüentemente, reduzindo as barreiras para que leitores se tornassem escritores.

---

<sup>2</sup> Especialistas em programação que atuam individual ou colaborativamente no sentido de encontrar e solucionar problemas em sistemas informáticos.

A blogosfera, termo que representa o mundo dos *weblogs*, ou os *weblogs* como uma comunidade ou rede social, cresceu em ritmo espantoso. Em 1999 o número de *blogs* era estimado em menos de 50; no final de 2000, a estimativa era de poucos milhares. Menos de três anos depois, os números saltaram para cifra de milhões.

### **3.3 Weblog e as práticas interacionais de escritas**

Nesta seção, trata-se à luz da discussão a ideia de que o *weblog* é um espaço de comunicação via escrita, bem como o reconhecimento de que há, nesse lugar, a possibilidade de permitir o acesso ao letramento daqueles que o acessam como meio de trocas simbólicas e culturais.

A partir desse pressuposto, pensa-se que o *weblog* possibilita aos blogueiros a produção de textos nos quais se trocam, de maneira contínua, informações e sentimentos, contribuindo, assim, com o processo de letramento dos cibernautas, sobretudo do público infanto-juvenil, frequentadores habituais do ciberespaço.

Nesse sentido, é relevante refletir sobre as razões que levam a escola a não reconhecer, ainda, a produção escrita realizada no *weblog* como ação linguístico-educativa, posto que os paradigmas da educação na contemporaneidade convergem para o reconhecimento da formação de sujeitos produtivos e participativos na sociedade atual. Nela há a prevalência de sujeitos letrados e as práticas de escrita na escola continuam distantes dos *webletramentos*.

Soares (2000) conduz a compreensão do conceito de letramento além da decodificação de sentenças formuladas em língua materna. Assim sendo, o ato de letrar é a possibilidade de levar o sujeito da linguagem ao mundo da escrita, a qual ocorre pela aprendizagem de toda a complexa tecnologia envolvida no aprendizado do ato de ler e escrever. O *weblog* torna-se uma tecnologia intelectual facilitadora desse processo. Ou seja, para entrar nesse universo do letramento, é fundamental apropriar-se do hábito de buscar informações no hipertexto da *web* e, com isso, fazem-se deslocamentos severos dos papéis tanto de quem escreve quanto de quem lê no ciberespaço. Nesse aspecto, evidenciam-se ainda as funções, até então exercidas pela escola enquanto espaço de formação de sujeitos na sociedade dos signos, a sociedade letrada.

Importa dizer aqui, ainda, que, sob o auxílio do computador ligado à internet, a ação de letramento ocorre de maneira singular, isto é, distancia-se daquela concepção de que somente o alfabetizado é capaz de comunicar-se usando a tecnologia intelectual escrita.

Para Lévy (2000), a dimensão da comunicação via escrita no ciberespaço é perpassada pelos signos que formam o ciberespaço como um hipertexto, posto que:

O espaço cibernético é a instauração de uma rede de todas as memórias informatizadas [...] A dimensão da comunicação e da informação, então, está se transformando numa esfera informatizada. O interesse é pensar qual o significado cultural disso. Com o espaço cibernético, temos uma ferramenta de comunicação muito diferente da mídia clássica, porque nesse espaço todas as mensagens se tornam interativas e ganham uma plasticidade e têm uma possibilidade de metamorfose imediata. E aí, a partir do momento em que se tem o acesso a isso, cada pessoa pode se tornar uma emissora, o que obviamente não é o caso de uma mídia como a imprensa ou a televisão. (LÉVY, 2000, p. 13).

Nesse ponto de vista, tem-se a presença da virtualização da sociedade contemporânea, referendada pela virtualização dos saberes possibilitados pela internet, visto que a linguagem, a técnica e as relações sociais são postos em destaque a partir dos novos papéis atribuídos à escrita enquanto tecnologia intelectual.

Nessa perspectiva, Lévy (2000) afirma que o surgimento da escrita abrevia a capacidade de comunicação variada, por meio de textos escritos de e com formatos diferenciados, visto que os autores – blogueiros - passaram a usar o espaço cibernético como possibilidade de superação dos anacronismos dos conceitos de alfabetização e letramento propostos pela cultura escolástica até então vigente no meio educacional brasileiro. Isso certamente ocorre porque eles – cibernautas, blogueiros – aprendem o código e a mecânica do *weblog* mesmo sem terem sido alfabetizados ciberneticamente; até porque a escola ainda pensa e atua de forma antinômica no que se refere à produção de escrita e à realização de leitura no ciberespaço.

No plano de reconhecimento de que a escrita tem sido perpassada por novos sistemas sígnicos, Lévy (1996) provoca:

Com a escrita, e mais ainda com o alfabeto e a imprensa, os modos de conhecimentos teóricos hermenêuticos passaram, portanto, a prevalecer sobre os saberes narrativos e rituais das sociedades orais. A exigência de uma verdade universal, objetiva e crítica só pôde se impor numa ecologia cognitiva largamente estruturada pela escrita, ou, mais exatamente, pela escrita sobre suporte estático. (LÉVY, 1996, p. 38).

Infere-se que a força do pensamento de Lévy (1996) está na perspectiva de que a comunicação escrita e as leituras realizadas por meio do *weblog* não se limitam ao reconhecimento da escrita como prática de alfabetização, tampouco da leitura como mero ato de letramento. Isso ocorre porque há o estabelecimento de novos paradigmas na concepção de

linguagem e de construção de conhecimento bastante diferentes da tradicional, situada na historicidade do sujeito e da linguagem.

Desse modo, a relação do sujeito com a “escrita de suporte estático” é subvertida em virtude da criatividade com a qual os “blogueiros” fazem funcionar a linguagem e as ações linguístico-discursivas que constituem e constroem os sujeitos dos enunciados, bem como provocam e solicitam práticas pedagógicas.

Disso, certamente, decorre que a criatividade não está apenas no estilo de comunicação escrita que é realizada no *weblog*, mas, sobretudo, porque há uma individuação no uso da escrita e das ações linguísticas nas quais se estabelecem a subjetividade como “ações de linguagem” que se tornam recursos expressivos no ato de produzir escrita e leitura no ciberespaço.

Nesse contexto, é imperativo dizer que as “ações de linguagens” decorrentes do uso da escrita no *weblog* caracterizam-se como atos de construção de discursos com os quais se justapõem a estruturação e o rigor da escrita e a criatividade de seu uso, possibilitada pela dinâmica do ciberespaço com a qual se deparam sujeitos da linguagem diante da tela do computador permeada por signos hipertextuais.

A ação de produzir escrita e leitura no *weblog* leva o blogueiro, produtor de comunicação escrita a reconhecer que

na verdade, é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez que, como já disse, texto em papel (ou filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova “maquina de ler” e *escrever*, o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. Toda leitura em computador é uma edição, uma montagem singular. (LÉVY, 1996, p. 41, grifo meu)

Dessa maneira, a produção de escrita está vinculada ao uso sistemático de elementos semiológicos permitidos pela linguagem convencionalizada na *web*.

### **3.4 Weblog: linguagem e individuação da palavra escrita**

O *weblog* é visto como dispositivo de individuação da palavra escrita à luz da teoria social da linguagem, destacando, assim, como os sujeitos que navegam na web são perpassados pelas ontologias dos discursos realizados via escrita na *weblog*. Para isso, esta tese fundamenta-se no pressuposto de que nas cibercomunidades, os webnautas constituem-se

como seres da e na linguagem, cujo ponto fundante é a velocidade com que as informações são trocadas através de interações escritas.

A linguagem e as formas, nas quais os indivíduos produzem seus discursos, são consequências das relações sociais, linguísticas e culturais provenientes da presença social da *web* como sendo praticantes de interações escritas, que tem na junção de semioses a base do *web*letramento, elemento condutor e integrador dos enunciadores da língua(gens) possível no meio.

Como assinala Burke (1993), “as formas de linguagem podem ser usadas de maneira mais ou menos consciente pelos grupos sociais, para se diferenciarem dos outros, por meio da fala, de uma forma elaborada ou ‘nobre’ da língua ou mesmo de uma língua estrangeira.” (BURKE, 1993, p. 10).

Nesse contexto, a política de linguagem circulante na *web*, sobretudo, aquela que movimenta as relações sócio-comunicativas dos cibernautas, é estruturada sob a égide da palavra escrita que, por seu turno, é carregada de ambiguidades com as quais elementos semânticos e pragmáticos disputam a atenção dos interlocutores. Dizendo de outro modo, a palavra escrita no *weblog* é vista como produção íntima, posto que a linguagem nesse contexto é carregada de sentidos individuais a tal ponto que se pode vê-la como existência histórico-social, cujo mérito é repleto de interesses e fenomenologia da vida cotidiana na qual há o significado das coisas (BURKE, 1993, p. 14).

No *weblog*, o autor é reconhecido como alguém que, em ação livre, expõe seus pensamentos, vontades definidas, por meio de regras próprias, ou seja, a autoria da escrita nesse espaço é, sem dúvida, transcorrida por intimidades com as quais a polifonia discursiva constitui o universo da linguagem. Burke (1993), afirma que “agora que o ‘autor’ foi proclamado morto, parece que tudo o que resta para ser analisado são as próprias regras que a linguagem possui para escrever a si mesmo, o ‘software’ do texto” (BURKE, 1993, p. 14).

Esse fato tem sido recorrente na transformação tecnolinguística e no desenvolvimento da linguagem produzida e veiculada no *weblog*. Reconhece-se a produção escrita no *weblog* e seu autor como autoridade íntima: “a linguagem e os mundos conceituais e simbólicos por ela moldados são classificados em termos de gêneros de nomes de maneira abrangente.” (BURKE, 1993, p. 14).

Nessa perspectiva, os grupos sociais entremeados pela força da palavra<sup>3</sup> no *weblog* constituem-se nas individualidades dos sujeitos, de modo que, nesse espaço de construção de

---

<sup>3</sup> O poder da palavra é o poder de mobilizar a autoridade acumulada pelo falante e concentrá-la num ato linguístico. (BOURDIEU, 1997).

cidadania e significados, a escrita é permeada por elementos de patriotismo e união de massas.

No plano da significação, a linguagem no *weblog* é entremeada de sociossemioses em que o visual – imagem verbal – palavras e signos estruturam “o pensamento, transmitem informações e consolidam os contatos interpessoais. Nem toda troca é verbal: [...] e ignora a análise de funções tais como a comunicação, a preservação de memória e de registros, o exercício de documentação oficial, o próprio desenvolvimento da autoconsciência” (BURKE, 1993, p. 18).

Este é um dos pontos de referenciação à linguagem no *weblog*, ou seja, este talvez seja o novo deslocamento, ou desvio, daquilo que é considerado a linguagem padrão, visto que é com a palavra escrita que se faz a aprovação dos modos de fazer educação por meio da *web*, mídia social contemporânea. Burke (1993) que diz:

Mesmo assim, a maioria dos grupos dentro de tais sociedades – dos mais privilegiados às classes mais baixas, sem mencionar os imigrantes e as maiorias – continuam, e ainda continuam, a manifestar altos níveis de diferenciação na fala ou na escrita (ou em ambos), devido tanto à relutância, quanto à incapacidade de adaptação. (BURKE, 1993, p. 20).

Os membros participantes da comunicação no *weblog* atuam de maneira a contrariar o padrão comunicativo até então vigente, pois deixam vir à tona elementos da língua falada de forma a relaxar as práticas comunicativas. Assim, aviltam aqueles indivíduos que participam dos meios de comunicação com estruturas sociais rígidas e perpassadas pelo rigor da escrita e que se empenham em campanhas de manutenção da “pureza” da língua(gem) escrita.

Todavia, reconhece-se que isso não é a homogeneização da língua(gem) no plano da comunicação via *weblog*; ao contrário, é uma ação em que a fala e a escrita se aproximam no processo de interlocução dos cibercidadãos com seus interlocutores. Assim sendo, considera-se que a língua(gem) realizada nesse *medium* se aproxima da linguagem que sustentam as letras das músicas de “rap”, as quais baseiam sua estrutura nos padrões rítmicos e de caráter pessoal que a linearidade da escrita não consegue registrar nem copiar (BURKE, 1993, p. 21).

Diante disso, afinal, de que é constituída a linguagem escrita no *weblog*? Para Burke (1993), a palavra escrita individualiza os autores e ganha autoridade especial, posto que

Na maioria das sociedades todos falam, embora os membros de algumas ordens religiosas optem por não fazê-lo durante muito tempo. Há outros que são silenciados por deficiências que podem ou não ser naturais: a censura arquetípica é a excisão da língua. Escrever e ler são mais exclusivos. Conseguir que seus escritos sejam lidos é motivo de especial autocongratulação. [...] Os níveis de linguagem são dispostos em hierarquias sociais que, de maneira geral, são oficialmente reforçadas (e, às vezes,

igualmente subvertidos, por meio das formas paródicas da comédia, do carnaval e da charge) (BURKE, 1993, p. 23).

Como consequência dessa multiplicidade de linguagens veiculadas pela tecnologia de informação e comunicação via *weblog*, bem como das mudanças nas maneiras de produzir e socializar informações individuais de caráter profundos experimentam-se contínuas e variadas maneiras de se reconhecerem os sujeitos nas incertezas da era contemporânea (MORIN, 2001, p. 95).

Nesse sentido, a educação na contemporaneidade pode ser compreendida por outra dimensão, isto é, ensinar e aprender por meio do uso da linguagem veiculada pela *web* tem outro significado, pois proporciona aos cibernautas condições de produzir informações via palavra escrita numa grandeza maior, cuja abrangência tem levado à compreensão de que as pessoas aprendem a todo instante. O entendimento de aprendizagem na atualidade tem sido posto à prova, uma vez que as relações no ciberespaço são fontes de aquisição de saberes e, portanto, levam à constituição de uma nova forma de se pensar e fazer linguagem por meio do reconhecimento de que a palavra escrita é carregada de ambiguidades como também o é o discurso oral.

No ciberespaço são cultivadas heterogeneidades discursivas e culturais de maneira que a questão da palavra escrita leva à inferência de que a língua(gem) ponderada na comunicação via *weblog* molda as identidades individuais e coletivas postadas na web.

Nesse sentido, Burke (1993) afirma que a língua(gem) deve ser vista como viga mestra no surgimento de novas maneiras de se produzirem relacionamentos por meio do uso da palavra escrita, sobretudo na manutenção de diários íntimos onde os indivíduos esboçam o registro e a reificação das memórias individuais e coletivas. Isso acontece porque

[...] nossa autoconsciência depende da posse da linguagem adequada, das palavras para dizer “eu”, devemos pensar no surgimento da subjetividade moderna não apenas como a criação de um domínio intensamente privado, mas que se tornou possível por meio de certos tipos de discurso público (BURKE, 1993, p. 27).

Ademais, o próprio meio – ciberespaço – tende a moldar a linguagem e remoldar o vocabulário, bem como colocar em destaque conceitos que levam à compreensão de que a palavra escrita no *weblog* é fruto da criatividade e dos jogos representacionais possíveis pelo sistema sígnicos publicamente convencionalizado na web e que são compreensíveis no universo da ciberlinguagem.

Assim sendo, os cibernautas, participantes do *weblog*, interessam-se pela

totalidade de códigos semânticos dentro de um sistema coeso; vão investigar os usos que indivíduos e grupos fazem da linguagem que lhes seja disponível; vão se preocupar com os mitos e ideologias que cercam a linguagem em geral (homo loques, o homem ou a mulher como animal) e as linguagens individuais específicas. Estarão alertados para as relações entre as linguagens e os mundos imaginados. (BURKE, 1993, p. 29).

Nesse processo, na realidade, a participação criativa na produção e publicação de informações pessoais e sociais no *weblog* é muito mais sério que o singelo ato de escrita. A linguagem do consumo e da publicidade de caráter pessoal é bem mais compreendida na rede do que em qualquer outro meio. O que realmente importa reconhecer é que, por meio da palavra escrita no *weblog*, está acontecendo uma revolução na maneira de se usar a linguagem como meio de exposição das intimidades.

Em verdade, o segredo desse tipo de produção escrita é a rapidez com que o interlocutor tem acesso às informações, pois, há nesse universo o hábito de se frequentarem diuturnamente as páginas – *weblog* – das pessoas com as quais se relacionam os cibernautas, conforme registrado nas palavras de Hewitt (2007):

Assim que o hábito é criado, é difícil acabar com ele, porque o tempo é algo muito precioso hoje em dia. Eu visito milhares de blogs por ano, mas apenas um punhado diariamente. Esse “punhado” dificilmente é mudado e, se é assim comigo, também é com milhões. É de fato uma corrida para conquistar espaço na mente das pessoas, fazer parte dos hábitos do leitor da blogosfera. [...] a conversa tem valor mesmo se os autores não forem muito experientes; além disso, qual o sentido de uma reunião de debates sobre música em que não há compositores? (HEWITT, 2007, p. 19).

Reconhece-se que a função primária da linguagem é a comunicação, isto é, por meio da linguagem informa-se ao “ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive” (GERALDI, 1999, p. 5). Então a noção de uma linguagem particular e até mesmo secreta é, sem dúvida, real no fazer discursivo da blogosfera.

Para Burke (1997), essa forma de se usar a palavra escrita revela a relação diametral entre o privado e o público, visto que há nesse contexto um sistema linguístico velado que atua como um discurso realizado no interior do *weblog*.

Destarte, os discursos praticados no *weblog* são mantidos nesse contexto sob a perspectiva de que há um segredo a ser revelado ao público. “A exposição está implícita no segredo, e os segredos, especialmente quando relacionados a rituais, podem ser construídos para fins de revelação retórica” (BURKE, 1997, p. 167).

Considera-se que a palavra escrita e a maneira como ela circula no *weblog* são conhecimentos de que essa língua(gem) especial torna-se cada vez mais evidente nos dias atuais. Por isso, entende-se que o sujeito dessa linguagem é ontológico e, portanto, carrega em seu fazer discursivo sociossemioses que deslocam do lugar comum a língua(gem) considerada padrão.

Dessa forma, as língua(gens) praticadas no *weblog* dão conta de que, embora ainda à margem do processo linguístico convencional, tornaram-se a preferência de milhões de usuários para realizar comunicação entre aqueles que as compartilham como código.

Nesse sentido, a escrita *weblog* tem fascinado milhões de pessoas, estimulando-as a buscarem e a conhecerem as intimidades de outras pessoas dispostas a publicizarem seus sentimentos na *web*. Dessa maneira, fica cada vez mais difundida na rede a presença do *cibervoyeur*, indivíduos habituados a bisbilhotar o cotidiano das pessoas, visitando os blogs pessoais existentes na blogosfera.

Apesar disso, não se deve associar demasiadamente a forma como a palavra escrita está ligada à questão do interesse pela intimidade dos outros. Até porque os *weblogs* também têm apresentado outras possibilidades de comunicação na perspectiva de entretenimento, o que é, sem dúvida, um espaço que gera códigos diversos. Por detrás dessa ação despreziosa dos cibernautas ao usarem a palavra escrita no ciberespaço, há uma inquietação no sentido de afirmar que existe uma nova prática de se produzir língua(gem), posto que, por meio do uso das tecnologias intelectuais disponíveis na *web*, assumem diferentes posições no ato comunicativo. Isso significa que usam códigos variados visando à comunicação e à interlocução com os ciberleitores.

Por isso, à medida que o indivíduo se relaciona, seja no cotidiano real, seja no ciberespaço, ele é levado a exercer diferentes papéis ao usar a língua(gem), inclusive a falar e escrever de maneiras diferentes. No *weblog*, isso fica evidente quando são usadas imagens e avatares no ato comunicativo para que haja interlocução entre o enunciador e o enunciatário, embora essa dependência seja buscada no significado estabelecido em relação ao contexto e ao momento específico da comunicação.

No *weblog* tem-se produção criativa como finalidade de comunicação mais rápida e eficiente entre os iniciados. Os leigos nesse tipo de enunciação, contudo, terão dificuldades em se posicionar na interação via escrita no *weblog*. A linguagem dos cibernautas e de outros iniciados no ciberespaço não é só diferente, como particular; é um meio de comunicação que o público, incluindo os possíveis interlocutores especialistas e os incautos, certamente, seriam incapazes de decodificar.

Até agora foram apresentadas questões que levam ao entendimento de que aquilo que se apresenta na palavra escrita no *weblog*, de maneira ostensiva, com certeza, pode ser considerado conhecimento, bem como pode mostrar que é uma forma de expressão de um indivíduo que fala para todos e todos falam para ele, na medida em que recebe de volta comentários sobre seus textos.

É recorrente a concepção de que a linguagem é um sistema simbólico, com o qual lidam, de modo eficiente, os cibernautas ao realizarem seus atos comunicativos. É também um sistema sociossemiótico e por isso é necessário, ao menos, questionar-se sobre as possíveis funções simbólicas da palavra escrita no ciberespaço. Como tal, pode, por exemplo, ser empregada em forma de entretenimento, brincadeira, como acontece, com frequência, entre os cibernautas – crianças, adolescentes e jovens – quando a empregam individual ou coletivamente.

Nesse sentido, o uso da palavra por uma cibercomunidade é um dos meios mais potentes de inclusão e exclusão, pois ela representa e incentiva o corporativismo, criando, assim, um sentimento de pertença naqueles que se veem representados no ciberdiscurso realizado.

Desse modo não é por acaso

que essa forma de linguagem seja desenvolvida de maneira tão rica em instituições totais, em que habitantes sentem-se extremamente diferentes do resto do mundo – descrito por eles em um série de pitorescas expressões de desprezo, tais como “civies” [paisanos], “landlubers” [marinheiro de primeira viagem], “suckers” [otários e outras. *Isso sem dúvida é um meio e um sinal de iniciação em uma nova comunidade, verdadeiramente uma “segunda vida” (drugie zycle).* (BURKE, 1997, p. 24, grifo meu).

Nas cibercomunidades, onde a palavra escrita é empregada de modo que cada um pode dizer o que deseja à sua maneira, criam-se mecanismos de interação de acordo com o que é proposto no ciberdiscurso. A língua(gem) expressa um desejo de isolamento social e psicológico e não um afastamento físico do resto da sociedade, até porque no ciberespaço a questão da espacialidade física é o que menos importa, visto que ali se encontram sujeitos do devir em um tempo discursivo a ser realizado na interlocução síncrona e assíncrona.

No plano do conteúdo semântico e pragmático da palavra escrita digital, uma vez que sua própria significação traz consigo significados simbólicos, o ciberdiscurso é carregado de códigos e de figuras de linguagem, sobretudo, metáforas e eufemismos. Assim, a linguagem, nesse contexto, pode ser considerada uma forma de poder no contexto das práticas

interacionais de escrita na web, porque é uma maneira de se perverter o poder da língua(gem) e da comunicação dos grupos sócio-comunicativos até então instituídos.

Por outro lado, há quem considere esse tipo de produção de língua(gem), como uma língua(gem) franca, visto que esse tipo de comunicação realiza-se entre grupos na tensão cotidiana. Entretanto, no ciberespaço todos se apresentam com as mesmas características e, por isso, não há como medir e reconhecer a classe sociocultural. Destarte, faz-se necessário reconhecer que:

Uma língua franca poderia muito bem dar a impressão de ser [...] elaborada para permitir que dois grupos sociais se comunicassem entre si *porque existe nessa cena enunciativa* algo em comum entre os dois e complementam os vernáculos nativos dos falantes. [...] essa língua desenvolve-se pela combinação de elementos dos vernáculos, *caracterizando-se assim numa mistura em que sociossemioses constituem a relação da palavra escrita com o contexto em que se organiza a comunicação entre sujeitos e grupos.* (BURKE, 1997, p. 26, grifo meu).

Não resta dúvida de que há algo sedutor, excitante, inspirador e criativo na palavra escrita usada no *weblog* por tornar-se um vernáculo ampliado no seu vocabulário e nas suas funcionalidades semânticas e pragmáticas na *web*, constituindo-se de uma mistura sógnica e simbólica no sistema linguístico contemporâneo, e, portanto faz-se necessário distinguir a existência de vicissitudes ocorridas nesse modo de fazer linguístico contemporâneo, o qual se constitui em “paralelos óbvios entre o processo linguístico e outras mudanças culturais que têm ocorrido no mundo no final do século XX.” (BURKE, 1997, p. 27).

O fenômeno da escrita na web, mais precisamente no *weblog*, às vezes, é considerado como consequência da especialização e da competição no ciberespaço, do espraiamento de novas linguagens e da necessidade de os cibernautas e suas cibercomunidades manifestarem-se e defenderem seu sentimento de pertença ao demarcarem seus territórios virtuais, destacando-se em relação a seus competidores virtualmente distribuídos na *web*.

Percebe-se, nesse contexto, que uma das maneiras de se garantir esse espaço está na criatividade em usar a língua(gem), isto é, recorrem os cibernautas à inteligibilidade de suas enunciações para incluírem e excluÍrem aqueles cibernautas considerados inaptos ou ameaçadores de suas realidades individuais e coletivas. Além disso, infere-se que, apesar das circunstâncias e contextos variáveis possibilitados pelo ciberespaço, há uma produção de linguagem na qual se concentram elementos da língua formal justaposto a signos visuais e sonoros, cujos sentidos são decodificados por iniciados no ciberdiscurso da *web*.

A propósito do “código digital” usado por grupos sociais na tentativa de garantir sua legitimidade discursiva, faz-se importante destacar que os primeiros indivíduos a fazerem uso

desse artifício linguístico-comunicativo foram os sofistas, que, inclusive, foram criticados por Platão. De acordo com Burke (1997), numa dessas críticas, Górgias foi considerado “astuto artesão do falar” e, sendo como tal, “fazem, com o poder das palavras, as pequenas coisas parecerem grandes e as grandes coisas parecerem pequenas”. Por outro lado, Platão e Sócrates foram considerados importantes por falarem uma linguagem simples e buscarem seu vocabulário no cotidiano da vida comum.

Nessa premissa encontram-se as bases para se entender o porquê de os cibernautas atuarem e construírem sua comunicação usando a palavra escrita no *weblog* na perspectiva de hibridização. Ao mesmo tempo em que rebuscam seus enunciados, usam vocabulários e signos cujo sentido denuncia a ingenuidade do discurso, isto é, há, na verdade, uma disposição em criar e fazer circular, no ciberespaço, palavras e expressões novas, contrastando, assim, com o ponto de vista instituído da língua(gem) formal circulante na escola e comunidades institucionais.

### **3.5 Weblog e a interação sociodiscursiva**

Na atualidade, a sociedade passa a viver em rede e disso decorrem alguns problemas, no sentido de que esse novo modo de vida, ao mesmo tempo em que agrega, produz segregações sérias. Não poderia ser diferente, visto que vivemos num mundo regido pelo capitalismo, que, se reconstituindo mais uma vez, globaliza-se por meio de neoliberalismos.

A contemporaneidade é perpassada pelos avanços científicos e tecnológicos aos quais se associam as instituições estatais. Assim sendo, compreende-se que o modo de vida e a ação individual e coletiva suportada pela *web* asseguraria uma integração social dos indivíduos perdidos na “sociedade dos fluxos” (LÉVY, 2001, p.55).

Nessa perspectiva, concentram-se as questões relativas à massificação do uso do *weblog* como ferramenta de integração sociodigital. Entretanto, reconhece-se que tem havido uma tensão contínua de forças, isto é, essa mobilização política acontece nas lacunas do sistema, posto que a ideia inicial de informatização do Estado, segundo a qual todos teriam acesso à rede mundial de computadores a partir das instituições públicas, sobretudo da escola, não aconteceu conforme o esperado.

Por ter sido uma ordem desejada pelo próprio povo e legitimada pelo livre estabelecimento da vontade desse mesmo povo (HABERMAS, 2006), ocorre que, na verdade, essa lacuna tem sido preenchida pela iniciativa privada, que oferece, por meio de *lan houses*, acesso ao ciberespaço, possibilitando a integração sociodigital.

LÉVY (2001) considera que essas questões são fruto de uma sociedade na qual os cidadãos tornaram-se consumidores, pressionando os serviços públicos na oferta de condições e acessibilidade aos bens simbólicos, presentes e disponíveis no ciberespaço. Porém, não tendo sido atendidos em suas reivindicações, abriram-se lacunas para que as empresas implantassem políticas privadas oferecendo um serviço que deveria ser do Estado. Nas palavras de LÉVY (2001):

A pressão dos consumidores, assim como a lógica profunda do marketing, fará progressivamente dessas imensas corporações “serviços públicos” planetários. Essas empresas deverão seguir o movimento da sociedade enquanto elas o conduzirem, senão elas serão abandonadas pelos consumidores cada vez mais em função das alternativas possíveis, principalmente graças à Web. (LÉVY, 2001, p. 25).

Esse processo permite inferir que, nesses espaços, surge uma possibilidade de se construir e se exercer a cidadania em amplo sentido. Ou seja, por meio da integração sociodigital potencializada pela *web*, os cidadãos declaram e assumem, em tempo real, suas identidades através da participação e do uso efetivo dos significados e sentimentos de pertença à comunidade de onde se manifestam através do *weblog*.

Assim aparece a tensão entre a ação de grupos individuais, que, percebendo a ausência do Estado, ajudam-no na constituição de políticas públicas. Isso ocorre em virtude de os avanços tecnológicos gerarem novos tipos de armas, mas a conquista de inovações consistentes no poder de fogo também exige inovações organizacionais e doutrinárias. (RONDOFELDT, 2003, p. 127).

Com isso, entra em confronto liberdade e soberania. De um lado, a liberdade se constitui na rede como possibilidade de se preencherem, no âmbito da coletividade, as lacunas existentes nos programas e políticas sociais do Estado. Do outro, soberania é tomada pelo Estado, a partir da ideia de que a aplicação de dispositivos para regulamentar as ações do cidadão ocorre a partir da implantação de políticas públicas.

Nesse sentido, a inclusão sociodigital ocorre por meio da participação na sociedade dos fluxos, caracterizada pela liberdade de ação, pautada pela autoafirmação, por meio de práticas sociais e discursivas, nas quais se reconhece o conceito de liberdade coletiva por meio de atos individuais dos grupos que reclamam para si a “liberdade privada”. Dizendo de outra maneira, busca-se, através do ciberespaço, a autonomia política, econômica, social e educativa, até então negada pelo Estado.

### 3.5 Weblog e as recordações de si no ato de escrita

Esta seção tem como perspectiva o entendimento de que o processo de comunicação ofertado pelas tecnologias digitais, sobretudo aquele possibilitado pelo *weblog*, tem consequências sociais significativas, de tal modo que o *self* dos comunicadores desses espaços, a todo momento, é colocado à sombra da realidade. Isso dá a esses sujeitos a oportunidade de conviverem, diariamente, com os vazios comunicativos, nos quais expõem suas subjetividades por meio de uma prática de linguagem individual, que os caracteriza como indivíduo humano, ser comunicante, solto na sociedade dos *bits*.

Trata-se, na verdade, de compreender o indivíduo que está nesse contexto e que vive em conexões com o mundo da tecnologia e da linguagem, ambas resultantes de um processo de transformação sócio-técnico suportado pela escrita. Assim, compreendê-la é importante para “o indivíduo humano e seu possível destino em meio ao torvelinho das transformações que estão atualmente ocorrendo. [...] posto que afeta imediatamente – e não por meio das leis estatísticas dos movimentos sociais – o destino de cada um de nós.” (SCHAFF, 1995, p. 99).

O homem contemporâneo está consciente, ou não, de suas ações enquanto ser comunicante, basilado em fundamentos de uma filosofia de ser homem ante a gama de signos que o leva à reminiscência de si, produzindo linguagens. Diante disso, “todo ato na linguagem produz o mundo que se cria com outros no ato de convivência que dá origem ao humano: por isso, todo ato humano tem sentido ético” (MATURANA, 1995, p. 263).

A prática de linguagem, especialmente a praticada no *weblog*, leva à provocação de um mundo de significados que induzir o sujeito à compreensão de si e dos demais seres numa perspectiva de interatividade com o meio ético, social e político tornando-se uma necessidade emergente. Não poderia ser diferente, afinal, o sujeito da linguagem deixa vir à tona, por meio de discursos produzidos no *weblog*, suas reminiscências forjadas por elementos culturais, sociais e linguísticos determinantes de sua identidade enquanto ser que se comunica pelos mais amplos sistemas tecnológicos e semióticos de comunicação.

Para Habermas (1990), esse quadro promove a construção de um conjunto de elementos, cuja semântica da comunicação é vista a partir de “sujeitos que interpretam a natureza e a si próprios em seu meio ambiente” (HABERMAS, 1982, p. 68). Desse modo, a prática de linguagem via *weblog*, sem dúvida, faz emergir as reminiscências da personalidade do comunicador, posto que na

[...] linguagem fazemos nosso mundo de homens e nela nos fazemos, materializada, encarnada em corpos que se movem nos vastos campos do significante, do

imaginário radical, do simbólico. Percebemos distintas linguagens correlacionadas em suportes corpóreos específicos e cada qual lançando peculiaridades desafios à escola e, mais precisamente, às relações pedagógicas em sala de aula. E, à medida que mais complexos, isto é, plurais e diversificados, se fazem nossos mundos, mais amplamente urdidas são as linguagens que neles nos fazem e na educação se trabalham de forma proposital e sistemática, continuada. (MARQUES, 1995, p. 17).

No que se refere à produção e à socialização dos *selves*, via sistema de linguagem postulado na rede mundial de computadores, faz-se importante compreender que tais personalidades são influenciadas pelos códigos de linguagem e, ainda, são constituídas nos parâmetros em que se

penetra a escrita própria forma primeira da linguagem, fazendo-a oralidade secundária exigente de um vocabulário e uma sintaxe derivados da escrita” [...] na verdade, essas tecnologias rearticulam em unidade processual rica de virtualidades as linguagens todas, transformam a oralidade e a escrita sem nunca dispensá-las em suas formas anteriores e colocam desafios outros à educação escolar. (MARQUES, 1995, p. 18).

Na realidade, a escola contemporânea precisa compreender os processos pelos quais os estudantes estão construindo suas relações sociais na rede, visando com isso melhor entendimento de como o *self* de cada um é promovido à condição de sujeito da enunciação. Por isso, um ponto de referência a essa observação é a maneira como os indivíduos usam as novas tecnologias intelectuais articuladas na linguagem simbólica do *weblog*.

A escola, enquanto *locus* de ensino e aprendizagem de linguagens, tecnologias comunicativas e saberes, não pode ficar alheia a essa realidade e deve inserir-se, rapidamente, no universo comunicativo proporcionado pelas novas tecnologias intelectuais usadas pela comunidade além do muro da escola, para, com isso, poder interagir com a realidade do *corpus* socialmente edificado na linguagem.

Consoante à tarefa da escola em formar sujeitos para a comunicação e articulação de saberes, por meio de práticas de linguagens, nas quais se considera a interatividade como a base e o meio em que se efetivam tais ações, as tecnologias intelectuais – som, imagem, escrita e oralidade – rearticulam os símbolos culturais.

De acordo com Marques (1995),

as novas tecnologias da informação, mais do que recursos a que importa apelar, significam, para a educação escolar, especialmente para o trabalho em sala de aula, desafios outros que se imprimem às distintas articulações de linguagens, ao mundo, à sociedade, à cultura e às identidades sociais e singularizadas. (MARQUES, 1995, p. 19).

Esse processo deve ocorrer, também, por meio do reconhecimento de que há uma tensão entre os sujeitos produtores e articuladores dessas linguagens – professores e estudantes –, posto que estes últimos são fluentes e exímios articuladores de signos culturais contemporâneos, enquanto os primeiros ainda são meros espectadores de tal processo.

Os estudantes projetam e até absorvem o *self* coletivo, à medida que transitam na rede digital, articulando perfis e exibindo seus corpos na linguagem da *web*. Para isso são criados perfis individuais e coletivos, em que a linguagem é apropriada a determinada inserção comunitária a tal ponto de se forjarem identidades na perspectiva de serem aceitos como alguém que deseja e partilha determinados pontos de vistas e interesses culturais e ideológicos.

No contexto da linguagem, a ação do *self* e o cotidiano do participante da *web* são rearticulados na ação da linguagem. A personalidade do cibernauta praticante e partícipe de *weblog* é, a todo instante, fragmentada e diluída na dinâmica da escrita. Isso se torna um desafio para ele e, conseqüentemente, para a família e a escola, uma vez que o entendimento que esse sujeito tem de sua cultura, da sociedade e de si próprio ultrapassa a concepção tradicional que as instituições têm a respeito da linguagem e do eu individual e coletivo partilhado pelo cibernauta na *web*.

Isso acontece porque as linguagens propostas pelas tecnologias intelectuais, neste caso especificamente, do *weblog*, desafiam o estudante a ir além dos padrões comunicativos até então possibilitados pela escola e os meios tradicionais de produzir e socializar saberes através do uso da escrita. Conforme assegura Marques, (1995)

Os educandos buscam a reconstrução de seus saberes apelando aos saberes do professor transformado em orientador de estudos ao mesmo passo que fiador da certificação social dos saberes reconstruídos nas efetivas aprendizagens escolares. [...] o que da educação se exige é que conduza ela (sic) à competência para a programação autônoma e a seleção criteriosa do que se vai buscar nos meios disponíveis e dos usos que eu faço disso se vão fazer na concidadania das competências comunicativas ampliadas e de todos por igual, concidadania, por outra parte das relações interpessoais densas e calorosas. (MARQUES, 1995, p. 21).

A contemporaneidade, caracterizada pela presença das tecnologias intelectuais e comunicacionais, tem possibilitado a interação entre linguagem, corpo e técnica. De certo modo, isso garante a presença do *self*, na escrita realizada no *weblog*, uma vez que os participantes desse universo comunicativo relacionam-se de modo singular; isto é, há, na linguagem por eles praticada, os princípios da razão prática com a qual realizam a interpretação dos signos que formam os *selves* individuais e coletivos na rede.

Para Habermas (1990), essa “unidade da razão teórica e da razão prática torna-se o problema-chave das modernas interpretações do mundo” (HABERMAS, 1990, p. 21) e coloca a linguagem como referência da complexidade vivenciada no mundo contemporâneo. A linguagem é possibilitada pelas tecnologias intelectuais que trazem em sua essência o princípio da “virada linguística”, que, conforme Habermas (1990), apela para a imaginação das instituições, tendo na própria prática de linguagem, a justificativa de que o homem se afirma e se reconhece no ato comunicativo, seja na *web*, seja nos lugares sociais cotidianos – família, comunidade, escola, etc. –, onde há, sem dúvida, elevado grau de complexidade humana e nela se edifica e se fragmenta o *self* a cada ato comunicativo.

Na complexidade da vida humana em sociedade, justifica-se a afirmação de que a linguagem faz nosso mundo de homens e nele nos faz desde o momento em que a concebemos como movimento de atos pragmáticos doadores de sentido, atos de imprimir significados e de sermos reconhecidos como sujeitos singularizados ao mesmo passo que imersos em nossa humanidade genérica, onde importa nos entendermos pela comunicação doadora de sentidos ao que temos em comum (MARQUES, 1995, p.26).

No campo da comunicação mediada pelas tecnologias intelectuais, o *weblog* é referência para a construção e manutenção de *self*, por meio de conexões simbólicas mútuas, em que a linguagem assume “interações recíprocas, em que os organismos participantes realizam suas ontogenias individuais e denominamos comunicativas as condutas coordenadas mutuamente desencadeadas, entre os membros de uma unidade social.” (MARQUES, 1995, p. 32).

Ao produzir um discurso e publicá-lo no *weblog*, o sujeito expõe-se à comunidade, na medida em que se “revela” como sujeito da linguagem e, portanto, produz sentidos para si e para aqueles que interagem com ele no mesmo espaço comunicativo.

Atribui-se, assim, a estes indivíduos, sentidos culturais por meio das interações pretendidas no vazio da linguagem. Portanto,

[...] as interações determinam o curso delas, surge a linguagem humana com sua característica-chave de permitir a quem nela opera descrever-se a si mesmo e às circunstâncias, de forma que o próprio domínio linguístico passe a fazer parte das interações possíveis. O operar na linguagem permeia toda a ontogenia do homem num domínio de convivência cujas interações recorrentes individualizam os sujeitos na coordenação linguística. É a história das interações recorrentes que permite um acoplamento intersubjetivo efetivo, em que as palavras são ações, não coisas que passam de um lado ao outro. (MARQUES, 1995, p. 33).

Em verdade, todo ser humano se reconhece e conhece os seus semelhantes no ato de linguagem. Por isso, é, nesse universo de comunicação mediado pelo contínuo proposicional da comunicação escrita no *weblog*, que se inscrevem os sujeitos da escrita e suas personalidades, num contínuo em que mundos linguístico e semântico se constituem na relação de um com outros seres humanos.

Assim, hoje, nos reconhecemos na diversidade sígnica possibilitada pelas novas tecnologias intelectuais ofertadas pela *web*. De acordo com Castells (1997), é essa variedade que garante a ampliação das relações sociais, conforme se quer ver a realidade em que o *self* é proposto. “Não vemos a realidade como é, senão como são nossas linguagens. E nossas linguagens são nossos meios de comunicação. Nossos meios de comunicação são nossas metáforas. Nossas metáforas criam o conteúdo de nossa cultura.” (CASTELLS, 1997, p. 360).

À medida que se pensa em dialogar via *weblog*, vê-se diante si um processo complexo de linguagens, no qual a comunicação leva, indubitavelmente, à singularização do sujeito, que, por sua vez, fragmenta-se na interação com os membros da comunidade da qual passa a fazer parte, no momento em que se faz a exposição do *self*, na rede, por meio do uso de práticas de linguagem.

Dessa maneira, o sujeito é visto com um corpo que, determinado pela ordem social empreendida pelos interlocutores, assume *status* de ser discursante sobre si e suas reminiscências da comunidade em que atua.

Numa perspectiva lacaniana de sujeito, poder-se-ia compreender que, na contemporaneidade, caracterizada pela presença das tecnologias intelectuais como suporte para a construção do *self*, “o sujeito se constitui no ato mesmo de sua instalação numa estrutura simbólica de linguagem, que o assujeita e o interpela, assumindo ele, em troca, uma identidade, um lugar simbólico próprio como doador de sentido”. (CALLIGARIS, 1992. p.80).

Há que se destacar que no *self* produzido na reminiscência e no espaço da *web*, sobretudo no *weblog*, parece haver um desejo notável de ser reconhecido e desejado pelo outro da linguagem, imbricando dessa maneira a satisfação de ser na e para a linguagem.

Marques (1995) diz que isso ocorre devido ao fato de que esse sujeito da linguagem possibilita o vazio em que

[...] funda-se o desejo de ser desejado pelo Outro; e na satisfação desse desejo funda-se a satisfação de todas as necessidades do sujeito. Dessa forma, subjetividade não se aninha na interioridade do organismo, mas está sempre em germe no desejo do Outro, que não precisa de um suporte material senão para ele mesmo materializar-se. (MARQUES, 1995, p. 38).

A comunicação é imperativa à formação do *self* de qualquer indivíduo seja qual for seu contexto sociocultural. Em outras palavras, o sujeito da linguagem assume-se enquanto dono de si e, também, portador de significado, à medida que amplia os limiares das subjetividades, revelando-se, assim, autêntico ser de linguagem. Então, a “reconstrução dos conhecimentos compartilhados dilata os horizontes de vida do sujeito e o liberta, mas, ao mesmo tempo, lhe traz novos desafios e ameaças por haver ingressado num mundo sacralizado, reservado a poucos, aos donos do poder [...]” (MARQUES, 1995, pp. 38-9).

Afirma-se com isso, o lugar dos significados da aprendizagem comunicativa ao longo da vida, uma vez que se comunicar via *web* resulta dos usos efetivos de conexões simbólicas em que o desejo de ser vai além da racionalidade prática, a qual se constrói nas singularidades do dizer e fazer do sujeito com a linguagem pretendida para se identificar e ser aceito pelos membros do grupo social.

Para Marques (1995), a vida em sociedade, especialmente a que se vive hoje, ocorre no tensionamento entre linguagens e desejo de ser socialmente visualizado pela comunicação via *weblog*:

Constrói-se a vida humana na tensão entre a produtividade do sujeito prático-empírico, sujeito da *técne* exigida pela sobrevivência social, e o sujeito da palavra significativa, sujeito da *poiésis* ligado à dimensão criativa dos muitos mundos possíveis e enraizado no imaginário social insubmisso às formas da domesticação e da vontade de poder. (MARQUES, 1995, p. 39).

A partir dessa compreensão, vê-se, portanto, que as tecnologias intelectuais e de comunicação assumem lugar de destaque, no fazer da linguagem, posto que se reconstruem no interdiscurso da palavra como ação humana de construção dos saberes no complexo relacional estabelecido pela prática cotidiana de se produzir linguagem.

Para Marques (1995), a tecnologia é perpassada pela sincronia da linguagem no fazer da razão prática. Por isso, entende-se como “tecnologia a forma corpórea em que se encarna a linguagem do fazer e do saber, ou melhor, a palavra da ação e a ação da palavra em simultaneidade.” (MARQUES, 1995, p. 39).

As reminiscências do *self* presentes na linguagem do *weblog* podem ser compreendidas como as carências afetivas e individuais de cada participante, uma vez que eles buscam ser vistos, reconhecidos e, sobretudo, representados na organização social e discursiva onde as linguagens os caracterizam como sujeitos carregados de significados no complexo de suas existências.

As carências de indivíduos socialmente organizados interrelacionam-se e combinam-se em sistemas de desejos barrados, isto é, condicionados por meios diversos de produção, participantes do estoque comum de um mesmo complexo cultural e inscritos em sistemas de normas e valores. [...] sendo o processo histórico-social mediado pela atividade prática dos sujeitos e pela organização de suas interações no âmbito de um quadro cultural. (MARQUES, 1995, p. 40).

Existem, nesse contexto, atos de linguagens realizados por sujeitos em busca de si e, por isso, produzem na linguagem o seu mundo ideal, tendo como espaço de interatividade o *weblog*, cujo sentido proposto é o de mediar as relações, visando, assim, conhecer a maneira como se “forma[m] os conjuntos semânticos da comunicação, a partir dos quais os sujeitos interpretam a natureza e a si próprios em seu ambiente.” (HABERMAS, 1982, p. 68).

É verdadeiro pensar que o ambiente do *weblog* tem significância que vai além dos aspectos social, político e econômico. Até porque nele veiculam-se saberes e informações originárias do fazer humano através da linguagem e, aí está o espírito da nova ética que transcorre nos modelos até então vigentes, porque na *web* a produção e o uso dos signos são convencionalizados pelo coletivo.

Essa transmutação da técnica, instância consciente em que o indivíduo age voluntariamente segundo regras aplicáveis à própria prática pessoal, torna-se assustadora ante a inevitável fuga para a frente das tecnologias que de contínuo tornam não só as coisas, sobretudo os saberes sobre as coisas e o controle sobre elas. Em muito se reduzem as competências exigidas do usuário individual devendo submeter-se os interesses privados às políticas públicas. Resultam as tecnologias e os usos delas de um processo coletivo organizado, subversivo das anteriores relações sociais e institucionais. (MARQUES, 1995, p. 41).

A esse procedimento acoplam-se os sentidos pretendidos pelo *self* do comunicante, de tal modo que o caráter simbiótico da linguagem leva à humanização daquele que se realiza na rede enquanto ser do discurso possibilitado pelo *weblog*. Assim sendo, a posição do sujeito, efetivamente relacionado com os signos da *web*, é a de que, na medida em que ele se pronuncia, deixa vir à baila seu *self* caracterizado pelos vazios da linguagem.

Nesse caráter simbólico, fundante da linguagem, se correlacionam as distintas linguagens em suportes corpóreos específicos das determinadas formas que assumem. De início, o corpo da linguagem são os corpos dos interlocutores, nos quais se inscreve a fala/escuta com as exigências postas a toda a linguagem, de reciprocidade, simetria, compreensibilidade e aceitabilidade, e a essa forma primeira de articulação de linguagens acompanham as técnicas da expressão corporal e da comunicação das razões que se aduzem [...] o surgimento de uma articulação de linguagens encarnada em novos suportes que são as máquinas com que os homens se comunicam, dotando-as da capacidade de processarem e intercambiarem informações. (MARQUES, 1995, p.59)

Desse modo, os espaços para a construção de sentidos abertos por meio das tecnologias intelectuais, sobretudo *weblog*, são fundantes de uma nova ordem de pensamento e, talvez, de transformação do *self* na linguagem, visto que, com isso, busca-se preencher os vazios existenciais dos produtores de discurso nesses ambientes virtuais de comunicação e relações sociais, nos quais se realizam os desejos de ser sujeito, imprimindo significados ao seu caráter, mesmo que este seja, virtualmente, pensado para a comunicação e a interação no *weblog*.

Como assinala Capra (1996),

Ser homem é existir na linguagem, o que inclui fundamentalmente o mundo interior de símbolos, de pensamentos abstratos, de conceitos, de autopercepção, de flexibilidade, onde criamos a nós mesmos à medida que sabemos que sabemos e, com os outros, criamos nosso mundo de entendimentos compartilhados (CAPRA, 1996, p. 227).

Para Marques (1995), isso ocorre em virtude de haver, na contemporaneidade, o entrelaçamento de diversas linguagens que se corporificam nas interações possíveis que a *web* propõe àqueles que se dispõem a dialogar com os seus pares, mesmo que essa igualdade seja forjada na iconicidade das tecnologias intelectuais disponíveis.

É importante expor o papel do sujeito na articulação dos significados atribuídos à linguagem, já que esta se articula através de fios semióticos que levam à distinção do suporte comunicativo – *weblog* – da forma de linguagem aplicada. Dessa forma, reconhecem-se as “diversas linguagens e suas recombinações, cada qual com dinâmica própria, com sua própria lógica clandestina de ritmos e estilos, de virtualidades operativas. [...] as potencialidades próprias da linguagem humana embutida numa teia de convenções sociais e culturais.” (MARQUES, 1995, p. 51).

Na contemporaneidade, fazer-se sujeito de linguagem e, portanto, reconhecer-se como tal em meio a miríade de signos, conforme Marques (1995), é perceber o surgimento e a articulação das linguagens como elementos da expressividade do *self*, numa perspectiva individual e coletiva. Isso, sem dúvida, acontece porque “ser humano é fazer-se dotado de consciência reflexiva por meio da linguagem e de todo o contexto social nela incluso.” (MARQUES, 1995, p. 53).

Nesse decurso, vê-se o deslocamento das reminiscências do *self* quando os sujeitos apresentam-se por meio dos vários signos instituídos pelo suporte da *web*, e que têm, no *weblog*, suas diversidades e regras, cuja produção linguístico-comunicativa é instituída na

proposição de que “na linguagem se articulam também culturas diversas. Não há como justificar uma origem comum para as línguas hoje faladas; cada língua denuncia a pertença a uma comunidade social específica.” (MARQUES, 1995, p. 55).

Lévy (2002), compartilhando dessa ideia, informa a respeito da virtualização da linguagem enquanto invenção humana para a comunicação e socialização de saberes em contexto potencialmente desenvolvido para essa finalidade. A linguagem, na perspectiva leviniana, é fruto de um processo retórico, no qual é reinventada para finalidades criadas pelo coletivo, cuja intencionalidade é marcada pelo desejo de se produzirem saberes com os quais vislumbra-se a reminiscência do *self* na comunidade seja ela qual for.

Assim sendo, à medida que o sujeito virtualiza seu *self*, por meio da escrita realizada no *weblog*, e o coloca à apreciação pública, materializam-se seus desejos de ser, a partir da abstração dos corpos, que, se ressignificando pelo fazer intersubjetivo da linguagem, vão ao encontro do corpo público que o reconhece na reminiscência de si enquanto ser de linguagem.

Nesse corpo ampliado, modificado, virtualizado, a exterioridade técnica se faz pública ou partilhável, contribui para forjar uma subjetividade coletiva mais ampla, ao mesmo passo que exige ser internalizada de novo, só assim ganhando efetividade como linguagem e se fazendo eficaz. (LÉVY, 1996, p. 73).

Na *web*, há o espraiamento dos limiares propostos pela comunicação. Isso autoriza novas articulações com os sentidos existentes no corpo social da mensagem, indo, assim, ao encontro de novas tensões, nas quais oralidade e escrita se imbricam a tal ponto, que se supõe a inserção de elementos situacionais de comunicação. Desse modo, ficam explicitadas as reminiscências do *self* de cada participante do processo comunicativo no *weblog*. “A nova articulação de linguagens, em abertura mais ampla, não dispensa, antes de maneira integrada, a oralidade e a escrita, potenciadas em suas virtualidades.” (MARQUES, 1995, p. 60).

Na medida em que, a comunicação via rede leva à construção e à publicização de caracteres individuais reconhecidos nas comunidades virtuais, os participantes desse sistema de troca de informação têm, ao longo de seus atos comunicativos, promovido seu *self* à aclamação e/ou à execração. Isso ocorre porque a maioria dos sujeitos dessa linguagem constrói seus sentidos basilados na sistematização e nos usos efetivos de determinados códigos linguísticos, os quais os identificam como pertencentes ou não à nova categoria comunicativa – discurso no *weblog*.

Verifica-se, portanto, que à medida que a comunicação suportada pela *web* amplia os horizontes de acesso às informações, categorias até então cristalizadas passam a um novo

posicionamento frente a essa nova realidade. Dizendo de outro modo, a escrita e as outras formas de produção de discurso passam a ser redimensionadas às exigências da página hipertextual da *web*, na qual se conectam signos variados, demandando dos sujeitos novos sistemáticos saberes, quando do ato de fala e escuta.

Essa questão, segundo argumenta Marques (1995), é resultante da junção das tecnologias intelectuais primárias – oralidade e escrita – ao universo da tecnologia digital, a qual, por sua vez, está a serviço da descentralização temporal e espacial da linguagem na *web*, permitindo, assim, a velocidade na troca de informações e, sobretudo, a operacionalização de signos verbais e imagéticos – gestos – até então próprios da comunicação face a face.

Desse ponto de vista, a reminiscência do *self* passa a ser uma questão fundamental para que sejam reconhecidos pelas suas práticas de linguagens individuais e coletivas, as quais visam aos mais variados entendimentos e, às vezes, dissensos ocorrem. Entretanto, isso é o que menos importa, porque, na virtualidade da linguagem, e “sob este aspecto, ação e comunicação são quase sinônimas. A comunicação só se distingue da ação em geral porque visa mais diretamente ao plano das representações.” (LÉVY, p. 21, 2002).

Infere-se que no *weblog* as multimodalidades discursivas garantidas pelas correlações semióticas entre matrizes de linguagem e pensamento – sons, textos, imagens fixas e dinâmicas – permitem o sucesso do *weblogueiro*, em *self* flutuante em que retentivas o mantém em consonância com sua produção de sentidos, através da comunicação mediada pela escrita.

Segundo Maingueneau (2010), hoje, vive-se momento de transição entre o modo tradicional de falar de si através da “escrita íntima” e o novo império da autoimagem via *weblog*. “Trata-se de algo durável ou somente de um acordo, em uma fase de transição, entre o regime tradicional do impresso e um novo regime *de autoedição em que a escrita mostra a relação do autor consigo mesmo e suas memórias cotidianas*”. (MAINGUENEAU, 2010, p. 45, grifo meu).

Ainda nessa perspectiva, há que se ponderar sobre as práticas de linguagem no *weblog*, compreendendo-as como emergentes às novas formas de falar de si, sobretudo porque na *web* a coexistência e a interação entre *selves* ocorrem por meio do uso efetivo e evoluído da escrita. “A evolução constante das tecnologias e dos comportamentos sociais só pode suscitar uma instabilidade generalizada e duradoura.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 45).

Nessa exposição teórico-especulativa, até aqui houve preocupação em atentar para o fato de como as práticas de linguagem no *weblog* são corroboradas pela emergência e velocidade da *web*. Como se vê, as retentivas do *self* são promulgadas ao *status* de exposição

pública, que, ligados por uma rede de *selfs*, diluem-se no vazio e na rapidez da comunicação interpessoal da *web*.

Agregar a problemática das práticas de linguagens no *weblog* às retentivas do *self* não significa torná-la ponto central, porém perceber aí um lugar de troca e redescobrimto recíproco de um interior e um exterior da escrita: toda escrita implica certa autoridade.

O *weblog*, certamente, se constitui no espaço em que múltiplos gêneros textuais podem circular. E mais: trata-se de um recurso tecnológico em que a comunicação individual e coletiva estabelece-se por meio da interação discursiva. Para além da simples exposição de si, há ainda questões de autoria, isto é, cada ação de linguagem é reconhecidamente autoral, qual seja sua intenção. Por outro lado, é aí que se mostram as consciências da linguagem porque o enunciante coloca-se à exposição pública no aguardo de interações possíveis.

### **3.6 Interações escritas e o webletramento**

A educação para as práticas interacionais no campo da linguagem, da escrita e da leitura na *web* precisa de investimentos de ordem teórica, metodológica e epistemológica, para que se efetive de fato. Pretende-se discutir, nesta seção, algumas perspectivas que confirmem essa tese.

Nesse raciocínio, escolhe-se, pois, uma senda a ser seguida: trata-se, na verdade, de uma opção teórico-ideológica na qual se vai ao encontro do diálogo com os conceitos teóricos vinculados aos novos estudos sobre letramentos (STREET, 1984; SOARES, 2002) e letramento digital (ARAÚJO, 2010); cultura escrita (CHARTIER, 1998); letramentos múltiplos (ROJO, 2010) e, posteriormente, apresenta-se o *webletramento*, considerando-o como tese a ser defendida, visto que a *web* potencializa autonomias cognitiva, intelectual e social em que a escrita e a leitura resultam do entendimento de que as semioses se justapõem para a realização de eventos e práticas discursivas, nas quais a escrita e a leitura se tornam atividades de resistência ao ensino e à aprendizagem com gêneros textuais escritos, até então baseados na ação de ALFA + BETA, antes vinculadas ao modelo ideológico de letramento; nessa prática de escrita no *weblog* há relações de poder entre os escreventes e os leitores.

Infere-se, dessas considerações, que são necessárias novas pedagogias e tecnologias educacionais que orientem o ensino e a prática de escrita e de leitura na *web*. Objetiva-se a afirmação do conceito de *webletramento* como prática de ensino e de aprendizagem de linguagem escrita e de leitura, no contexto de uso da web, para atividades educacionais e interacionais com as práticas de escrita tanto dentro quanto fora da escola básica brasileira.

A cultura escrita no mundo digital potencializa aspectos sociais e, com isso, possibilidades educacionais e pedagógicas ampliam-se, à medida que os sujeitos interatuam por meio de práticas com gêneros textuais escritos, cujos sentidos abrem-se para além dos letramentos escolares e literários até então sustentados pela escola.

Assim sendo, espera-se juntar reflexões teóricas e científicas até então realizadas sobre as práticas sociais e culturais de escrita e de leitura no âmbito escolar e cotidiano, já que, no mundo da *web*, todo ato comunicacional e interativo é basilado por ato de escrita.

Para Chartier (1998), o computador ligado à internet faz parte das mais novas revoluções tecnológicas vinculadas à produção do texto ao nível eletrônico.

Com o computador, a mediação do teclado, que já existia com a máquina de escrever, mas que se amplia, instaura um afastamento entre o autor e seu texto. A nova posição de leitura, entendida num sentido puramente físico e corporal ou num sentido intelectual, é radicalmente original: ela junta, e de um modo que ainda se deveriam estudar, técnicas, posturas, possibilidades que, na longa história da transmissão do escrito, permaneciam separadas. (CHARTIER, 1998, p. 16).

Esse conjunto de ações tem propiciado a interação de professores-estudantes com a *web*, o que, certamente, tem levado ao *webletramento*, uma vez que o computador permite o acesso a outros modos de escrita e de leitura. “Com a revolução eletrônica, as possibilidades de participação do leitor, mas também os riscos de interpolação tornam-se tais que se embaça a ideia de texto, e também a ideia de autor.” (CHARTIER, 1998, p. 24).

No contexto das práticas de *webletramento*, o sujeito navegador assume duplo papel, isto é, assume o lugar de leitor e escritor, conforme assente Chartier (1998) ao ponderar que, no ambiente eletrônico, o ato de ler é consubstanciado com o ato de escrever. Portanto, aquele que na *web* atua, certamente, escreve e lê ao mesmo tempo, visto que se abre diante de si um mundo de possibilidades. Então, nesse momento, a escrita e a leitura se imbricam e são representadas pelos *hyperlinks* constituintes dos hipertextos da *web*.

Conforme Gnerre (1985), a interação faz parte da existência humana, porque os sujeitos passam a existir quando, através dos usos de tecnologias intelectuais, neste caso a escrita, interagem entre si. Ainda de acordo com o autor, “as pessoas falam para serem ‘ouvidas’ ou *escreve para serem lidas*, às vezes, para serem respeitadas e também para exercerem influência no ambiente em que realizam atos linguísticos” (GNERRE, 1985, p. 5, grifo meu).

Nesse cenário, professores e estudantes têm utilizado a *web* para produzir escrita e leitura livres, cujos sentidos são determinados pela mutação da cultura eletrônica. De acordo

com Soares (2002), é fundamental que se reconheça essa nova realidade a partir da cultura emergente- a cibercultura- que toma conta da escola e da sociedade, onde o computador e a internet permitem interações em que os aspectos cognitivos, sociais e discursivos das práticas pedagógicas de ensino de escrita e de leitura são diferentes da tradição escolar baseada no impresso.

Para Soares (2002), esses mecanismos tecnológicos e digitais permitem a reconfiguração do conceito e da prática de letramento até então vigentes no contexto educacional:

[...] na verdade, essa necessidade de pluralização da palavra letramento e, portanto, do fenômeno que ela designa, já vem sendo reconhecida internacionalmente, para designar diferentes efeitos cognitivos, culturais e sociais em função ora dos contextos de interação com a palavra escrita, ora em função de variadas e múltiplas formas de interação com o mundo – não só a palavra escrita, mas também visual, auditiva, espacial. (SOARES, 2002, p. 155-156).

Nessa vereda teórico-metodológica, Rojo (2009), ao referir-se às novas práticas letradas que os ambientes virtuais possibilitam a todos, afirma que a *web* potencializa multiletramentos, divididos, conforme o novo pensamento de Streep (2003) em letramentos *dominantes* e letramentos *vernaculares*. Os primeiros têm como agentes de propagação “professores autores de livros didáticos, especialistas, pesquisadores, burocratas, padres e pastores, advogados e juízes” (ROJO, 2009, p.102), que reforçam cada vez mais os ideais de dominação e de privilégio do mundo da escrita na vertente privilegiada. Os letramentos *vernaculares*, por sua vez, não são regulados pelas instituições sociais, “mas têm sua origem na vida cotidiana, nas culturas locais.” Como tal, frequentemente são desvalorizados ou desprezados pela cultura oficial e são práticas, muitas vezes, de resistência. (ROJO, 2009, p.103).

Ainda no que diz respeito a letramento clássico, coloca-se em destaque, na discussão e apreciação do meio acadêmico, o conceito de *webletramento*, entendido a partir da convergência de letramentos dominante e vernacular, existentes na internet, uma vez que no ciberespaço vários agentes de letramento posicionam-se em redes de comunicação – comunidades virtuais como *weblogs* e fóruns educacionais hospedados em provedores, que abrigam blogs pessoais, publicitários, bem como fóruns de discussão pessoal e íntima.

Nessa premissa e no contexto de ensino-aprendizagem de escrita e de leitura, o uso do *weblog* para o letramento computacional<sup>4</sup> que segundo Araujo, Lima (2011), vem sendo

---

abandonado das discussões acadêmicas, em virtude de sua abrangência se restringir ao minimalismo da capacidade de saber como ligar e operar sistemas computacionais simples.

Com relação ao letramento digital, embora ainda não seja consenso entre os pesquisadores da área da Linguística Aplicada e da Educação, reconhece-se o letramento digital por ele possibilitar às pessoas o uso efetivo do computador ligado à internet para escrever e ler mensagens envolvendo signos verbais e não verbais diversos, bem como organizar e fazer uso de informações, em contextos comunicacionais, até então restritos ao mundo da cultura escrita e impressa. Isso permite a inserção e a participação dos estudantes na web como produtores de escrita e leitura.

A junção dessas categorias nos leva a construir e a defender a conceitualização de *webletramento* haja vista a *web* permitir a todos que a ela têm acesso, produzir, comunicar e socializar saberes articulados, a partir dos usos interacionais das ferramentas e linguagens digitais disponíveis. O *webletramento* constitui-se na articulação da técnica de escrita e de leitura usada pelos seus antecedentes: letramento computacional, letramento digital, letramento dominante e vernacular, através dos quais se realiza comunicação e produção de sentidos em redes de produção textuais.

Para Schetzer e Warschauer (2000), a comunicação mediada pelo computador leva à autonomia dos agentes de letramento, visto que cada um realiza práticas para criar e organizar páginas da *web*, de acordo com suas necessidades comunicacionais; isso certamente é uma prática de *webletramento*.

Assim,

Saber como navegar nas fontes de informações da Internet, pesquisar por informações e criticamente avaliar e interpretar o que é encontrado representa talvez o mais crítico conjunto de habilidades do letramento digital [...] saber como usar as ferramentas de pesquisa efetivamente e então ser capaz de ler às pressas e examinar cuidadosamente para ver se o que é encontrado é remotamente de interesse, enquanto simultaneamente faz julgamento de acordo com sua fonte, validade, fidedignidade e exatidão. (SHETZER; WARSCHAUER, 2000, p. 175).

Os autores ressaltam que o fato de professores e estudantes terem acesso à tecnologia da informação e comunicação não lhes garante inclusão ao *webletramento*. Para que haja práticas de *webletramento* é necessário que os agentes de letramento aprendam como se comunicar efetivamente através da escrita e da leitura, em espaços de letramento dominante e vernacular. A interação via escrita e leitura por meio do computador deve envolver novos modos de participação e colaboração no universo da web, cujo letramento reclama por um aprender articulado em rede. Só assim, os estudantes que têm acesso ao computador ligado à internet se tornarão webletrados, pois serão sujeitos que, interagindo com a linguagem e a

estética da *web*, tornar-se-ão capazes de ativar cognitivamente práticas letradas no desenvolvimento de ações comunicativas entre si e o ciberespaço.

Xavier (2005, 2009, 2011) trata da questão do letramento considerando que se tem o letramento digital, nesse contexto de ensino-aprendizagem de escrita e de leitura, no viés de práticas de inclusões sociais dos sujeitos. O autor evidencia sua concepção de letramento ao reafirmar que tal ação

implica realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 134).

No caminho das mudanças promovidas pelas TICs, no contexto da globalização nas últimas décadas, webletramento é a reclamação por novos mecanismos de letramentos requeridos pelo cotidiano. Assim, a circulação de informação no meio digital tem levado a novas maneiras de ler, de produzir e, especialmente, de fazer circular os textos nas comunidades letradas, de acordo com a ideologia de letramento que cada um tem, quais sejam letramento dominante e letramento vernacular.

### **3.7 Weblog e a educação linguística da web**

Esta seção objetiva demonstrar como as TICs, especialmente o *weblog*, tornaram-se instrumentos na formação sócio-educativa e comunicacional de atores sociais e educacionais – professores e estudantes que participam da cibercultura e que estão em contato com novas linguagens da *web*.

Assim, segue-se a premissa de que a participação efetiva de profissionais da educação e da linguagem produzindo escritas no *weblog* concretiza a importância do papel das TICs nas escolas, bem como a necessidade do ensino de produção de gêneros textuais escritos na sala de aula através do reconhecimento da *web* como recurso pedagógico importante.

Acredita-se que tal questão ampliará as capacidades de ensino e de aprendizagem de todos os envolvidos e, com isso, realize-se a integração de conhecimentos produzidos individual e coletivamente na escola, com os conhecimentos veiculados em textos escritos na *web*.

Além disso, esta discussão tem em vista a elucidação do nível de compreensão e de competências adquiridas pelos profissionais da educação e seus estudantes sobre o nível de interação realizado entre ambos por meio dos usos do hipergênero, *weblog*.

Foram feitas entrevistas com professores e estudantes de escolas pesquisadas, os quais, direta ou indiretamente, fazem uso sistemático das TICs, em seu cotidiano educativo e comunicacional através da prática de escrita no *weblog*, tanto no espaço monitorado da escola – laboratório de informática – quanto no espaço livre – computador pessoal ou *lan houses*. O critério utilizado para seleção dos participantes foi à produção escrita na *web*, que possibilitou a percepção de que há necessidade de uma formação linguística para professores e estudantes que têm interação efetiva na *web*.

Embora a prática de escrita desses agentes educativos seja recente, é importante para fazer refletir sobre perspectivas para edificação de uma educação linguística emergida das interações escritas que mantêm as relações sociais na *web*.

No que diz respeito à educação hipertextual e em rede, tem-se como referência obras de Lévy (1993), Castells (2002), Kenski (2000), Xavier (2008), Marcuschi (2008) entre outros, já que as práticas de ensino de escrita via *web* é o ponto central dessa tese.

As relações sociodiscursivas e sociodigitais perpassadas pela superação educacional e linguística moderadas pelas práticas de escritas reprodutivistas da sociedade – defensora de escritas em suportes tradicionais – faz do ensino e da aprendizagem de práticas de escrita individual e social requeridas pela *web* empreendimento intelectual e cognitivo de todos. Então, como estabelecer relações entre esta prática pedagógica e aquelas vivenciadas pelos agentes que utilizam as tecnologias de informação e comunicação para tal fim?

À busca para a resposta desse questionamento soma-se a ideia de que a produção da escrita e do conhecimento, como das demais categorias que envolvem o ato educativo para a *web*, são pressupostos da atividade produtiva. Logo, somente a democrática educação linguística assegurará a concretização desses pressupostos.

Leva-se em conta que, por meio das tecnologias de informação e comunicação, o ato pedagógico centrado no paradigma de que o professor é meio de transmissão de conhecimento, de certa maneira, deve ser considerado desconstruído frente às novas possibilidades de ensino e de aprendizagem possibilitadas pelas práticas de escrita e leitura possíveis nos ambientes virtuais de aprendizagem.

É nesse lugar de fala que nos encontramos hoje: reconhecendo o papel fundamental das tecnologias de informação e comunicação na educação linguística contemporânea. Contudo, *a priori*, as TICs são vistas como instrumentos baseados em princípios da *tecné*. Por

outro lado, numa perspectiva crítica e dinâmica, os grupos sociais as redefinem, imprimindo, assim, novos sentidos tanto à aplicabilidade prática quanto à discussão teórica a respeito das subjetividades representadas na escrita de gêneros textuais postados no *weblog*.

É importante dizer que a sociedade, desde sempre, é um espaço de produção de escrita e, por isso mesmo, demanda novos elementos educacionais para compreensão dos processos comunicativos que estão presentes nas práticas de escritas solicitados por esses mecanismos digitais.

A escola, enquanto meio de formação de escritores, produtores de conhecimentos articulados no universo quirográfico da *web*, não pode desprezar a riqueza dos gêneros discursivos usados pelas TICs e pelas mídias digitais, sobretudo. E, com efeito, a construção de uma consciência coletiva sobre o ensino e a aprendizagem de escrita, na qual os profissionais da educação entendam que a linguagem da *web* faz parte do novo cenário educativo e processual de práticas de escrita do mundo contemporâneo, é preciso ser iniciada de forma urgente.

Os gêneros de discursos escritos no *weblog* são produções que se hibridizam no universo da informação, dando ao leitor maior oportunidade de interpretação. Isso é fruto da interação de semioses do cotidiano digital, onde textos e imagens se coadunam como produção coletiva de escritas. Nesse contexto, toma-se na *web* o pensamento bakhtiniano de gênero discursivo como prática sociodiscursiva, relacionando-a aos elementos de significação existentes nas ações dialógicas da linguagem cotidiana dos participantes de *weblog*.

A linguagem presente em gêneros discursivos no *weblog* é um processo de manifestação do pensamento, de natureza essencialmente consciente, significativa e orientada para o contato interpessoal via prática de escrita. Apesar de o processo da linguagem ser essencialmente consciente, entende-se que o fluxo e a articulação provêm de camadas mais profundas do subconsciente e do inconsciente. Por isso, é importante perceber que o vocabulário e a estrutura das enunciações realizadas na escrita da *web* refletem o pensamento e o lugar de poder dos que escrevem no *weblog*.

Costuma-se ter como “verdade” que não existem pensamentos que não sejam formulados por palavras, a ponto de se poder afirmar que todo axioma corresponde à determinada expressão verbal. A língua escrita praticada na *web* é um predicado dirigido à comunicação entre pessoas.

Considera-se que o trabalho com os gêneros do discurso e as diferentes linguagens torna-se cada vez mais uma necessidade no cotidiano da escola e fora dela. A produção de gêneros discursivos individuais e coletivos de professores e estudantes apresenta o mesmo

nível de escrita, uma vez que a produção escrita e os sentidos decorrentes desse ato interacional de prática de escrita no *weblog* garante a horizontalidade dos participantes, portanto, mantém todos em igualdade enunciativa.

Atividades com textos de circulação social devem buscar a compreensão de ideias neles contidas através de leitura plena. Para que isso ocorra com responsabilidade, é fundamental que o profissional da linguagem – professor de Língua Portuguesa – promova a interação com os interlocutores.

A escrita é instrumento mediador da aprendizagem e, portanto, ela se estabelece em variados espaços cultural, social e político. Com isso, a utilização de práticas de escrita no *weblog* e no fazer cotidiano do aluno, do professor e da comunidade é uma realidade a ser considerada no sentido de se associar teoria e prática de linguagens na rede de comunicação mundial.

### **3.8 Weblog e a ação linguístico-pedagógica em práticas de escrita**

As ações linguístico-pedagógicas, mediadas pela escrita, modificam o fazer social, cultural e escolástico da sociedade digital. Por outro lado, a escola constitui-se *locus* econômico e político dessa sociedade, e a *web* e o *weblo* trazem a essa instituição uma linguagem com aspectos linguísticos, sociais e culturais diversificados.

Em virtude das práticas de escritas no *weblog*, a comunidade educacional tem possibilidades de usar os conhecimentos e recursos das redes informacionais da *web* para aperfeiçoar o acesso, a produção e o uso de redes de saberes, até então, distantes da realidade de muitos brasileiros.

Quem usa a *web* e seu hipertexto constitui-se como ator proativo. Por isso

É necessário que o professor e o aluno experimentem o labirinto e a complexidade de se trabalhar na singularidade de cada organização/situação e na incerteza do aprender, conhecer e instituir novas práticas e realidades nos contextos em que participam como parte integrante/integrada, como sujeitos históricos, de autonomia, de co-autoria e de co-responsabilidade. (LIMA JR e HETKOWSKI, 2006, p. 41).

No universo da *web*, hipertextos ocupam inconscientes coletivos e a prática de ensino e aprendizagem de escrita pelo professor em sala de aula. Desse modo, traz-se à tona uma visão instigadora das possibilidades que a *web* e suas interfaces podem contribuir para a ação pedagógica dos profissionais da educação e linguagem.

O estudante vive a experiência do cotidiano linguístico hipertextual do *weblog* e transfere seu raciocínio para a prática efetiva da comunicação escrita e textual. Portanto, o professor precisa aproveitar essas informações e fazer com que o aluno transforme tal bagagem em conhecimento, por meio de uma seleção discursiva e dinâmica coerente com o ambiente virtual.

O profissional da educação linguística deveria ter na *web* o ponto de referência para seu ensino de escrita, pois é visto como mediador no processo discursivo do aprendiz. No entanto, isso não acontece e a prática cotidiana de escrita na *web* não é aplicada ao contexto da sala de aula, bem como à entrevista de emprego, à paquera. A escola, no que se refere ao ensino e à aprendizagem de língua escrita, ficou inerte, uma vez que professores ficaram presos a conceitos elitizados do que deveria ser ensinado como sendo “língua pura”, enquanto, na *web*, novas dinâmicas de linguagem ocorreram ,efetivamente, em rede e de modo contínuo.

Na verdade, não se pode ainda afirmar que esteja ocorrendo uma revolução na escrita praticada no *weblog*, mas, sim, que tal prática é uma realidade e, portanto, os professores necessitam dessa compreensão, devendo ir além do linguístico e do discursivo e adentrar o universo subjetivo das afetividades correntes nos diálogos construídos na *web*.

Na realidade, o profissional de educação linguística contemporânea, que vivencia na sala de aula as múltiplas práticas de textos, precisa inferir que a escrita na *web* é uma criação coletiva, na medida em que é transformada em *práxis* social e constitui e revela o ser humano que se subjetiva, ao tempo em que se revela agente de sua prática de escrita de acordo com os suportes e tecnologias vigentes.

A produção linguística de estudantes e professores tem movimentado o universo daqueles que reivindicam para si e para a escola a pureza da linguagem escrita. Entretanto, jovens praticam e têm colocado em destaque as possibilidades que a *web* oferece à prática de escrita e, por conseguinte, revela-se novo paradigma de ensino e aprendizagem de escrita, qual seja a liberdade de uso de gêneros textuais diversos.

A prática de escrita precisa de agentes dinâmicos para sua efetivação. Portanto, tal processo ocorre quando os interlocutores (pessoas que participam do processo de ação comunicativa) interagem usando como meio a prática de escrita no *weblog*, a qual, por seu turno, constitui-se a partir da construção dos sentidos atribuídos ao discurso.

Essa negociação se realiza porque os agentes comunicativos seguem regras efetivadas social e culturalmente em suas comunidades linguísticas, *weblog*. O domínio técnico da escrita nesse suporte faz-se necessário para que haja a interação comunicativa. As condições para transitar entre o universo cultural proposto pela sociedade linguística e o fazer

comunicativo no ciberespaço é uma habilidade que se impõe àqueles que participam do multiletramento possibilitado pela *web*.

### **3.9 Weblog e a ação dialógica**

O significado de aprendizagem de práticas de escrita, sobretudo da língua materna, está relacionado às perspectivas com as quais o professor leva o estudante ao encontro de múltiplos textos existentes na *web*. Com isso, às vezes, o mundo virtual, em que se misturam escritas, figuras, cores e sons, possibilita a interação entre o que se diz e o que se faz com a escrita, no cotidiano comunicativo nas cibercomunidades.

É na observação das produções escritas de estudantes, nos sistemas virtuais, que o professor convencionaria a sua práxis pedagógica, pois seus alunos já vêm a ela com perspectivas e saberes advindos da *web*. A partir daí, o docente ofereceria subsídios para que os estudantes fizessem, de fato, a interação com a realidade linguística em que atuam.

Diante desse quadro, educadores com formação nos princípios dialógicos das tecnologias de informação e comunicação seriam capazes de compreender a complexidade da escrita através da mediação entre os envolvidos.

As práticas de escrita articuladas em formas integrativas e interativas são compreendidas a partir da adaptabilidade que professores e estudantes têm às tecnologias de informação e comunicação. Ambos constroem “programas de ensino e de aprendizagem”, em que depreendem a determinação e o envolvimento de todos no ciberespaço. A escrita não é utilizada apenas para transmitir informações, mas, sobretudo, para firmar interesse, estabelecer níveis de dominação, fazendo do mundo dos signos um palco onde são travadas as mesmas batalhas encontradas no mundo dos homens. Tem-se na escola espaços de interação e dialogismo. Com efeito, a função de professores é orientar os estudantes à prática e à produção de gêneros discursivos para além daqueles perpetuados pela escola.

Na realidade, esse procedimento deverá acontecer por meio de estratégias que tenham sua base ideológica e semântica nos princípios de persuasão e sedução, segundo os quais, professores e estudantes têm nas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo no *weblog*, seu espaço de interação. Entretanto, sabe-se que, às vezes, é preciso desconfiar de tais escritos para que se possa estabelecer o grau de responsabilidade da autoria.

Nesse plano dialógico, consoante as dificuldades normais da escola, reconhece-se sua parcela de culpa, porque burocratiza a prática de escrita e de linguagem, desistorizando-a e enrijecendo-a nos rituais em que a usa como instituição de controle socioeducacional. A

democratização da escola e os avanços das TICs deveriam ter melhorado as condições de ensino, aprendizado e uso da escrita, devido ao grande alcance social de suas mensagens.

Ao longo dos séculos, o homem ocidental tem orientado seus costumes e suas ações, de forma que foi levado a utilizar conhecimentos linguísticos e, sobretudo, a inventar instrumentos para sua propagação. Desse processo resultou a confecção de símbolos que tinham como objetivo registrar todos os eventos produzidos por determinados grupos humanos. O ato de escrever, desde sempre, significa a necessidade de comunicar algo a alguém. No mundo contemporâneo, as TICs, por meio da linguagem praticada na web, às vezes, leva a reconhecer a existência e a eficácia comunicativa da escrita no *weblog*.

Sabe-se ainda que o domínio da língua, em sua vertente considerada mais significativa – escrita – existe a serviço do poder. Nesse contexto, pode-se afirmar que a língua escrita, em sua essência, cria uma relação dialética entre o poder e a servidão. Ou seja, a utilização massificante e repetida de determinados tipos de discursos produzem, em seu interior, uma série de relações que delineiam, e até confundem-se entre si, oferecendo ao escritor e leitor verdadeiros labirintos a serem desvendados.

Diante disso, pode-se estabelecer que a prática de escrita no *weblog* objetiva reconhecer, em sua essência, as implicações que formam o novo paradigma da educação linguística: o fenômeno da realidade escrita proposta pelas tecnologias de informação e comunicação.

A sociedade e as ferramentas de comunicação da *web* estão articuladas em processo comunicativo no qual a linguagem ganha uma amplitude sem igual. Esse fenômeno atingiu diretamente os professores em seu fazer diário, uma vez que, para se comunicar, esses profissionais necessitam empregar terminologias que geram uma situação comunicacional e uma ação que envolve vontade de ser e estar entre os interlocutores.

Sabe-se que, nos últimos anos, criou-se uma corrida vertiginosa em busca de inovações socioculturais e tecnológicas que possibilitassem a manipulação do sistema educacional e formativo de nossa sociedade. Nesse contexto, estão o computador e a *web* como recursos tecnológicos que possibilitam a criação de episódios e de mundos simbólicos, ao tempo em que introduzem diferentes formas de atuação e de interação entre pessoas, motivando-as a inovações.

Embora as TICs não sejam autônomas para provocar transformações, o uso de *weblog* como espaço de prática de escrita coloca novas questões ao sistema educacional contemporâneo e explicita inúmeras inconsistências no modo de ensino pragmático de escrita em suportes tradicionais.

Compreende-se que o homem sempre buscou instrumentos que possibilitassem a universalização do saber através de um processo didático, cujo objetivo passou a ser tão somente a massificação da informação.

### **3.1.1 Weblog e a formação de identidades linguísticas**

A sociedade atual é caracterizada por um processo em que o poder da web proporciona novos procedimentos educativos e sociais, criando, dessa maneira, dois importantes sujeitos comunicativos e sociais: um, da linguagem e o outro, do webletramento.

Nesse quadro de relações, destaca-se a questão das identidades, aos quais são edificados elementos da linguagem no tempo e no espaço da interação em rede. Assim, vê-se que, cada vez mais, a sociedade é posta em contato com novas formas de comunicação. Essas, por sua vez, são resultantes de um processo proposicional, em que as tecnologias de informação e comunicação abrangem uma série de signos fáticos cuja referenciação acontece na pragmática das interfaces expostas na tela do computador.

Desse modo, entende-se que escrita é uma tecnologia intelectual que permite ao sujeito realizar interação social, sendo a escola um *locus* privilegiado onde comunidades e culturas se encontram. Assim,

é necessário que professor e aluno experimentem o labirinto e a complexidade de seu trabalho na singularidade de cada organização/situação e na incerteza do aprender, conhecer e instituir novas práticas e realidades, nos contextos em que participam como parte integrante/integrado, como sujeitos históricos, de autonomia, de coautoria e de corresponsabilidade. (LIMA JR.; HETKOWSKI, 2006, p. 41)

O homem é ser social e simbólico por natureza, portanto, cria ao longo de sua história, condições instrumentais para poder adentrar o universo da linguagem e, com isso, agrega, a si e aos demais, mecanismos que lhes possibilitem conviver e produzir significados para suas interações e diálogos via linguagens. De acordo com Lima Jr e Hetkowski (2006),

o ser humano desenvolve ações e atividades específicas, na forma de práticas sociais, individuais e coletivas, repercutindo na organização de instituições e de processos societários voltados para a produção da vida material humana. Por outro lado, por causa de sua entrada na linguagem, concomitantemente, produz relações, práticas e ações que visam satisfazer suas necessidades simbólicas, gerando com isso organizações, práticas, relações e instituições sociais espirituais e culturais. Neste duplo movimento, constitui a si mesmo como humano e humaniza a realidade da qual participa como parte integrante e integrada. (LIMA JR; HETKOWSKI, 2006, 31).

Na emergência da comunicação houve, por parte do homem, a compreensão do binômio técnica-tecnologia. Tomado ao rigor da existência humana, tal binômio conduziu ao entendimento de que “corpo e linguagem humanos” formatam a dimensão história da humanidade, posto que os indivíduos se façam seres do e no mundo. Portanto, ser humano é condição *sine qua non* para que se participe da operacionalização das tecnologias e suas linguagens, visto que o homem enquanto ser criativo evolui à medida que

[...] utiliza-se de recursos materiais e imateriais, ou os cria a partir do que está disponível na natureza e no seu contexto vivencial, a fim de encontrar respostas para os problemas de seu contexto superando-os. Neste processo, o ser humano transforma a realidade da qual participa e, ao mesmo tempo, transforma a si mesmo, descobre formas de atuação e produz conhecimento sobre elas, inventam meios e produz conhecimento sobre tal processo, no qual está implicado. (LIMA JR, HETKOWSKI, 2006, 31)

Dessa maneira, a produção e a utilização de mecanismos técnicos elevam a capacidade do homem de se mover diante das necessidades de produzir e ressignificar os meios produtivos, pelos quais realiza vivências que o situam no contexto sócio-técnico como cidadão ativo no mundo da tecnologia e da linguagem. Para que isso ocorra de maneira significativa, é interessante que o indivíduo seja exposto à construção coletiva de linguagem, no ambiente virtual, e que diálogos sejam levados aos programas educacionais para que políticas institucionais se tornem realidade.

Na perspectiva de que a linguagem escrita é uma tecnologia intelectual, é preciso lembrar-se de que tal técnica de comunicação foi, para boa parte dos franceses, algo complexo até o século XIX, porque eles não sabiam usá-la por serem analfabetos.

Desse modo, a escrita determinou o imaginário religioso, científico e político do mundo, pois, através dela, escreveram-se as “verdades do mundo”. Aqueles que a dominavam como tecnologia dialogaram com outros contextos e, usando múltiplas linguagens, asseguram seus pontos de vista sobre a sociedade e o mundo.

Nesse sentido, Lévy (1993) considera a escrita uma tecnologia intelectual resultante dos avanços da civilização. As sociedades urbanas passaram a, partir de Gutemberg, ter acesso à linguagem escrita. Com isso, promoveram-na ao *status* elevado que tem na sociedade. Antes, porém, os povos produziam e distribuíam seus saberes e conhecimentos numa espécie de rede social em que a comunicação face a face era prática constante, e a tecnologia intelectual presente era a fala. Não obstante à evolução das comunidades pós-industrialização, a fala e a escrita continuam seu caminho tecnológico a serviço da socialização do conhecimento.

Assim como a escrita, considera-se a web como a mais ampla e complexa rede, porque ela agrega em si linguagens e técnicas comunicativas oriundas da oralidade e da escrita suportada pela linguagem da informática.

Numa concepção empírica, (LÉVY, 1996) assegura que a informática, por meio dos computadores, desenvolve uma linguagem que pode ser modificada e destruída ao mesmo tempo, visto que suas significações são, de certa maneira, atemporais.

A informática expõe suas ferramentas: seres materiais, estruturas lógicas ou linguagens formais, pacientemente construídos. Esses instrumentos podem ser dissecados, examinados, sondados, são objetos de experiências. É essa a dimensão empírica da informática. (LÉVY, 1996, p. 16).

Destarte, cabe a todos considerar que, enquanto tecnologia baseada na lógica matemática, a informática, por meio de sua linguagem binária – zero e um – contribui para determinar

o modo de percepção e intelecção pelo qual conhecemos os objetos. Fornece modelos teóricos para as nossas tentativas de conceber, racionalmente, a realidade. (...) Os sistemas de processamento da informação efetuam a mediação prática de nossas interações com o universo.” (LÉVY, 1996, p. 16).

No que se refere à questão educacional, a informática, como tecnologia intelectual aportada no código escrito, tem sido, na maioria das vezes, mal utilizada e, com isso, tem promovido a exclusão digital de indivíduos, uma vez que o acesso a ela exige preparação antecipada no mundo das linguagens informática, digital e simbólica.

Em outros termos, a escola ainda não conseguiu promover a inclusão de seus agentes formadores no universo do saber em rede, o qual, segundo Lévy (1996), ocorre no hipertexto. “A utilização multiforme dos computadores para o ensino está se propagando na escola, na casa, na formação profissional e contínua. Essa utilização carrega em si uma redefinição da função docente e de novos modos de acesso aos conhecimentos.” (LÉVY, 1996, pp. 26-27).

É, portanto, dessa perspectiva que se desenvolveram programas de inclusão digital nas escolas públicas do país, todavia não houve, antecipadamente, uma formação profissional dos agentes educativos que seriam os iniciadores das crianças no uso e na prática da linguagem tecno-digital da informática e, por conseguinte, no acesso à cibercultura.

Antes mesmo de influir sobre o aluno, o uso dos computadores obriga os professores a repensar o ensino de sua disciplina. A elaboração de um programa de ensino assistido por computador (ECA) ou um *software* didático necessita uma clarificação e explicitação das intenções do conceptor, uma adaptação exata aos objetivos dos

meios empregados, uma distinção dos gêneros de discursos (transmissão de informações positivas, comentários, conselhos, etc.). Muitas “linguagens autores” propõem aos docentes uma ajuda para elaboração de *softwares* didáticos. (LÉVY, 1996, p. 27).

Por isso, é fundamental que os docentes estejam conectados com essa nova realidade de ensino-aprendizagem de linguagens, posto que as fronteiras que dividiam os saberes são desconsideradas pelas novas linguagens das tecnologias intelectuais. Estas, por sua vez, permitem aos agentes educacionais – professores e alunos – acessarem em tempo real.

as informações armazenadas em bancos de dados para obterem informações bibliográficas ou, diretamente, as informações procuradas farão parte, em breve, do mecanismo normal da aquisição dos conhecimentos. Os programas de ensino que requeiram um grande poder de cálculo só serão acessíveis através de redes telemáticas. As comunicações via fibra óptica autorizarão a consulta de bancos de imagens de alta definição. Percorrer as arborescências das linguagens documentais, explorar as ramificações das redes, outros tantos *savoir-faire* em breve indissociáveis dos aprendizados complexos. (LÉVY, 1996, p. 28).

Infere-se, assim, que há complexidades no fazer e no ser na/da escrita e linguagens digitais. Para exemplificar tais assertivas, tomam-se como ponto de referência as práticas de linguagem realizadas no *weblog*. A linguagem pretendida por esse *locus* comunicacional e interativo é proposicional e, portanto, solicita dos autores ações estético-discursivas pautadas no código, convencionalmente articulado entre os sujeitos, que, partilhando o *weblog* como meio de articulação individual, social e política, constroem seu mundo de linguagem de maneira específica.

### **3.1.2 Weblog: do argumento à gerência de emoções na rede**

O *weblog* representa para a sociedade contemporânea, meio de produção e publicização de informações pessoais que, por seu turno, associam-se, às vezes, ao individual e, por outro lado, ao social.

O primeiro aspecto é nascente de uma tradição ocidental da escrita com a qual as sociedades registraram de maneira secreta suas emoções – diários íntimos. Mantinha-se, dessa forma, a questão da privacidade que, até então, não existia na sociedade grega, haja vista ser na *Paidéia* o melhor meio de se expressarem os sentimentos individuais ao coletivo, isto é, os discursos eram àquela época, públicos.

Com relação ao aspecto social, o *weblog* rompeu com a tradição da vida privada e pôs em destaque e ao público as emoções dos indivíduos que, por necessidade psicológica de se

fazerem vistos, postam na rede suas atividades cotidianas. Compreende-se isso como sessão de análise pública, na qual todos se escutam e se expressam ao mesmo tempo. Entretanto, esta questão não será trazida à discussão, visto que não se trata de uma abordagem psicanalítica.

Sabe-se que na contemporaneidade há uma presença contínua das tecnologias de informação e comunicação, que, segundo Lévy (1996), têm possibilitado a compreensão da chamada inteligência coletiva, na qual os sujeitos interatuam inventando as linguagens que melhor lhes convêm. É nesse sentido, portanto, que se crê na ideia de que o *weblog* é um espaço de encontro de inteligências coletivas, as quais se associam à linguagem escrita numa série de signos culturais, que, distribuídos e coordenados pelos membros das cibercomunidades, levam ao entendimento coletivo de que há signos, por sua vez, migrantes e *mutatis mutantis*. Isso induz a “deslizamentos vertiginosos entre as religiões e as línguas, *zappings* entre vozes e os contos, e bruscamente, na esquina de um corredor subterrâneo, surge a música do futuro. A Terra como uma bola sob o olho do gigante de um satélite”. (LÉVY, 1993, p.16).

Sendo o *weblog* hipergênero no qual a tecnologia intelectual que o fundamenta é técnica da linguagem escrita, pode-se inferir que as linguagens nele usadas foram criadas e convencionalmente aceitas pelas sociedades em determinados momentos no interior de dadas comunidades. A produção da escrita no *weblog* é, sem dúvida, uma maneira de se repensar o conceito de público e privado, visto que o ato comunicativo *per si* assegura aos comunicadores, possibilidades de trocas, sejam elas simbólicas ou culturais.

Para Lévy (1993), a democratização da sociedade moderna passa a se evidenciar, na medida em que os indivíduos veem, na linguagem escrita, a condição essencial para se realizar a comunicação social no interior das sociedades. Dessa maneira, reconhece-se que as práticas contemporâneas de comunicação, realizadas por meio do *weblog*, ocorrem devido à capacidade de ampliação de espaços comunicativos criados pela *web* em escala global, deixando à mostra todas as relações que os sujeitos têm e criam com os grupos com os quais se identificam por meio da linguagem que praticam.

As línguas são feitas para a comunicação no interior de pequenas comunidades "de escala humana", e talvez para assegurar as relações entre tais grupos. Graças à escrita, vencemos uma nova etapa. Essa técnica possibilitou um acréscimo de eficácia da comunicação e da organização dos grupos humanos bem mais importante que o permitido pela fala. (LÉVY, 1993, p. 17).

Essa nova dimensão comunicativa tem permitido aos sujeitos expressarem seus sentimentos e emoções por meio de suas linguagens próprias, como também permite que comunidades inteiras interajam com o mundo em tempo integral.

Lévy (1996) assinala, ainda, que a tecnologia e a linguagem são uma oportunidade, até então, ímpar, uma vez que a internet possibilitou o uso significativo das tecnologias intelectuais, sobretudo o *weblog*, no qual a escrita ganha signos que a hibridizam, elevando, às vezes, a linguagem digital ao *status* de código privilegiado. Dependendo do contexto no qual se instala a comunicação inter-sujeitos-grupos, chega-se ao nível de linguagem cifrada, em que o diálogo é produzido de modo a ampliar todas as regras de comunicação, especialmente no contexto da escrita.

Destarte, o *weblog*, como tecnologia intelectual da contemporaneidade, tem permitido o gerenciamento de emoções em rede, de tal modo que “as diversas particularidades regionais, as especificidades locais, os vários dialetos, os usos e costumes, os estilos de vida e até as instâncias de gestão ou governo provinciais foram poucos esvaziados, suprimidos em prol dos Estados nacionais e de seus órgãos representativos.” (MAFFESOLI, 2004, p. 14).

Nessa lógica, outra reflexão torna-se possível: as tecnologias intelectuais autorizadas pela internet, especialmente a linguagem realizada no *weblog* por meio da escrita, código privilegiado, pode levar a uma nova maneira de se fazer a educação linguística na contemporaneidade?

A resposta a essa questão poderia ser articulada com a perspectiva de “ideal democrático” (ARENDRT, 2008), em que as relações sociais na rede se estabelecem a ponto de levar o sujeito da linguagem à antologia do ser social e da linguagem, a partir da projeção de sentidos e significados individuais e coletivos possíveis pela estrutura tecnológica da *web*.

Nesse sentido pondera Maffesoli (2004): “A razão abstrata da estrutura tecnológica [...] pretende, de fora para dentro, preencher as carências do indivíduo, corrigir os defeitos sociais, em suma, aperfeiçoar o que ainda existe de inacabado na natureza humana”. (MAFFESOLI, 2004, p. 20). Em verdade, a incompletude dos indivíduos os leva à socialização de suas inteligências coletivas e, com isso, estabelece-se uma ética com a qual se pretende vivenciar uma série de acontecimentos, nos quais as comunidades se auto-representam na *web*.

Quanto melhor os grupos humanos conseguem se constituir em coletivos inteligentes, em sujeitos cognitivos, abertos, capazes de iniciativa, de imaginação e de reação rápidas, melhor asseguram seu sucesso no ambiente altamente competitivo que é o nosso. Nossa relação material com o mundo se mantém por meio de uma formidável infraestrutura epistêmica e de software: instituições de educação e formação, circuitos de comunicação, tecnologias intelectuais com apoio digital, atualização e difusão contínua dos *savoir-faire*... Tudo repousa, em longo prazo, na flexibilidade e vitalidade de nossas redes de produção, comércio e troca de saberes. (LÉVY, 1996, 19).

Desse ponto de vista, o *weblog* torna-se uma realidade enquanto ferramenta de comunicação e socialização de linguagem na rede e, portanto, tem demandado linguagens e códigos privilegiados próprios, utilizando como técnica, a escrita – meio de divulgação de informações e saberes na rede.

Por outro lado, deve-se ter em mente a compreensão de que a interação verbal suscitada no *weblog* ocorre de maneira assíncrona, isto é, postam-se informações e, depois de algum tempo, os interlocutores postam seus comentários na rede.

### **3.1.3 Weblog e as ações dialógicas e estético-discursivas de linguagem**

Importa dizer que a relação entre o autor e o texto proposta pela dinâmica da internet inscreve-se numa arqueologia da demanda e da ação contínua dos agentes discursivos que promovem a interação verbal, estética e discursiva, usando a tecnologia intelectual, escrita, como mecanismo de ação.

Para Bakhtin (2000), a afinidade do autor com o *locus* discursivo, tal como se registra na arquitetura comunicacional da internet em sua vivacidade, precisa ser vista do ponto sistêmico da relação hierárquica, na qual as individualidades se revestem de autoridade do que se diz. O autor – produtor de linguagem –, desse ponto de vista, é, de certa maneira, monitorado pela audiência à medida que ela [audiência] coloca em plano associativo os sentidos existentes na linguagem articulada no discurso.

[...] um autor modifica todas as particularidades de um *discurso*, seus traços característicos, os episódios de sua vida, seus atos, pensamentos, sentimentos, do mesmo modo que na vida, reagimos com juízo de valor a todas as manifestações daqueles que nos rodeiam: na vida, todavia, nossas reações são díspares, são reações a manifestações isoladas e não ao todo do homem, e mesmo quando o determinamos enquanto todo, definindo-o como bom, mau, egoísta, etc., expressamos unicamente a posição que adotamos a respeito dela na prática cotidiana, e esse juízo o determina menos do que traduz o que esperamos dele; ou então se tratará apenas de uma impressão aleatória produzida por esse todo ou, enfim, de uma má generalização empírica. (BAKHTIN, 2000, p, 25, grifo meu).

É nesse confronto entre o individual e o coletivo, que se ancora a existência do autor da linguagem no *weblog*, pois, à medida que ele se pronuncia, deixa vir à tona questões de sua personalidade e também de seu fazer no mundo da linguagem reconhecida pela comunidade virtual onde atua.

Dessa maneira, a comunicação via *weblog* tem, em sua base, um autor que cria e socializa as manifestações de si, buscando as reações dos demais comunicantes, as quais

podem vir em tempo real ou no devir do espaço. Na verdade, esse autor é visto pelos membros da comunidade virtual como uma espécie de herói contemporâneo, porque ele consegue se expressar à maneira que todos o compreendem, independentemente de cometer desvios e/ou de maneira “egocêntrica” construa e faça da linguagem escrita código secreto, permitindo acesso de decodificação apenas àqueles que dominam a linguagem realizada pelo grupo.

Nesse contexto, Bakhtin (2000) reconhece a autoridade do autor no ato de interação verbal quando este se posiciona na prática de uma atividade estético-discursiva perpassada por

[...] reação global ao todo herói cujas manifestações isoladas adquirem importância no interior do conjunto constituído por esse todo, na qualidade de componentes desse todo. Essa reação a um todo é precisamente específica da reação estética que reúne o que a postura ético-cognitiva determina e julga e lhe assegura o acabamento em forma de um todo concreto-visual que é também um todo significante. (BAKHTIN, 2000, p. 26).

Vê-se, pois, que esta ação postulada por Bakhtin (2000) é recorrente na intercomunicação no *weblog*, uma vez que os cibernautas desse espaço concretizam-se como sujeitos da enunciação estético-discursiva, pautando-se nas sociossemioses possibilitadas pelo meio digital, onde a linguagem escrita assume estado de tecnologia intelectual. Reconhece-se, assim, que a atividade estético-discursiva realizada no *weblog* determina a ação dos sujeitos envolvidos no processo de enunciação.

Como em todo processo de criação estético-discursivo em linguagem, seja ela escrita ou falada – literário, jornalístico, comunicativo –, o autor no *weblog* não só é proativo como também é reativo às criações aleatórias que o fazem afastar-se de si e dos membros da cibercomunidade onde o virtual reside, quando passa a considerar várias semioses:

[...] muitos disfarces, máscaras aleatórias, gestos falsos, atos inesperados que dependem das reações emotivo-volitivas do autor; este terá de abrir um caminho através do caos dessas reações para desembocar em sua autêntica postura de valores e para que o rosto da personagem se estabilize, por fim, em um todo necessário. (BAKHTIN, 2000, p. 26).

Com esse ato intuitivo e criativo, a linguagem no *weblog* é posta em destaque, porque cada indivíduo, ao se pronunciar via ciberespaço, põe a lume seu modo de ser e fazer com as linguagens. Entretanto, às vezes, não vê sua criação estético-discursiva compreendida como deveria no instante que a produz, ficando, assim, à espera de interlocução dos agentes comunicativos, que, na maioria das vezes, ocorre *a posteriori*.

No que se refere aos sentidos presentes nesse ato, Bakhtin (2000) considera que não há ideal de sentido proposto apenas numa ação estético-discursiva isolada. Ao contrário, o autor, em suas “confissões sobre a sua obra ou no que formular sobre o processo de seu ato criador” (BAKHTIN, 2000, p. 27), diz de si e das realidades de linguagem em que atua.

Pressupõe-se ainda que, o dizer de um autor vai além do considerado. Isso reflete na posição assumida no ato enunciativo, que, eivado de proposições emotivo-evolutivas de seu ser e não só de sua prática linguística no ciberespaço, concretiza-se enquanto ser da criação estético-discursiva no *weblog*.

Diante disso, “[...] o autor cria, mas não vê sua criação em nenhum outro lugar a não ser no objeto ao qual deu uma forma; em outras palavras, ele só vê o produto em devir em seu ato criador e não o processo psicológico interno que preside esse ato” (BAKHTIN, 2000, p. 27).

Acontece, por certo, que no ciberespaço é recursivo o autor converter seu discurso individual em ação estético-discursiva coletiva, à qual atribui perspectiva ética, social e política, com objetivo de fazê-la verdadeira, fundindo-a no princípio estético da relação escrita – discurso em que os sujeitos aliados do processo social sejam reconhecidos como seres importantes no universo da linguagem virtual.

Assim sendo, o autor com sua maneira de ser, cujo contexto de vida promove a visão em que a escrita dialoga com a tecnologia digital, proporciona representação realizada por meio da atividade estético-discursiva, somente possível no espaço comunicacional do *weblog*, onde “[...] a propagação de uma ideia é substituída pelo que denominamos uma encarnação do sentido daquilo que existe” (BAKHTIN, 2000, p. 30).

Dessa maneira, infere-se que os sentidos atribuídos à produção estético-discursiva realizada no *weblog* são uma forma pela qual os cibernautas lidam, diariamente, com suas angústias individuais, coletivamente socializadas na rede, por meio de sociossemioses em que pesa o fazer secreto e ou privilegiado da linguagem recorrente na enunciação dos , por meio do diálogo entre a técnica da escrita e da fala no *weblog*.

Diante da perspectiva apresentada e discutida neste texto, junto com as apropriações feitas dos autores citados, chega-se à compreensão temporária de que o *weblog* substanciado pelas tecnologias de informação e comunicação e tecnologias intelectuais – escrita e fala – , estas entendidas como *modus* de produzir linguagem, possibilitam, cada vez mais, a socialização de emoções e sentimentos por meio de uma escrita pautada no diálogo e na revelação das intimidades de seus autores.

Por outro lado, distingue-se o fato de que as tecnologias intelectuais perpassadas pelas sociosemioses do ciberespaço criam pontos de significância entre o dito e o pretendido do cibernauta, criando, assim, uma atividade enunciativa em que discurso e autoria se imbricam de tal modo, que nem sempre é possível situá-lo no plano da linguagem. Reafirma-se: o ser da linguagem e da tecnologia intelectual é ontológico em essência e, portanto, produtor de diálogos entre linguagens e tecnologias.

### **3.1.4 Weblog e inserção do outro no mundo da escrita**

Uma das grandes discussões da atualidade é a compreensão de que a prática de língua escrita no *weblog* conduz à inserção do outro na *web*. Entretanto, partindo-se dos paradigmas de aquisição de língua escrita, o ato de escrever neste ambiente é ainda campo novo.

Apresenta-se ainda o *weblog* na perspectiva rizomática, na qual a prática de escrita transforma-se em fios do rizoma que possibilita a inserção do outro, por meio de significados provenientes do ambiente semântico-discursivo presente nos gêneros textuais, trocados na interação “blogueira”.

Por outro lado, a riqueza das práticas de língua escrita como ferramenta de interação sociodiscursiva e linguístico-discursiva no *world wide web* leva à percepção de que se vive e se interatua na sociedade tecnológica através da ação escrita. Assim, algumas expressões aparecem, no corpo do texto, como neologismos vinculados à linguagem da internet. Além disso, determinados termos brotam, continuamente, da interação com a prática de linguagem da *web*, visando situar o leitor no universo da *web*.

Este texto é fruto das primeiras reflexões, em que se pretende construir a tese *weblog* como espaço de práticas e de ensino de língua escrita na *web* e, por conseguinte, *locus* de produção de múltiplos gêneros discursivos. A discussão que se segue apresenta como eixo as premissas de prática de escrita como técnica e tecnologia intelectuais, considerando-as importantes para o entendimento de que a sociedade tecnológica e digital, em que se vive hoje, , edificada por meio de ações de escrita.

A partir da perspectiva contemporânea da sociedade sociotécnica, a *teckné* é empregada pelos cibernautas quando da utilização da língua escrita como produto e processo de uma convivência sócio-comunicativa, que promove, individual e coletivamente, as produções de saberes que, invariavelmente, levam à edificação da tecnologia como processos e ações humanas. Por outro lado, a técnica associa-se às maneiras individuais de lidar com habilidades especiais, para alcançar certos resultados. A escrita como tecnologia, por sua vez,

corresponde aos usos que lhes destinam os cibernautas, quando de sua interação via ação linguístico-discursiva no *weblog*.

Nesse sentido, Kenski (2008) problematiza o conceito de “era tecnológica”, afirmando que toda sociedade, em determinado momento histórico, pode ser considerada como tal, uma vez que os homens que nela viviam foram instigados a produzir instrumentos que auxiliariam na melhoria da qualidade e da proteção de suas vidas e, também, na ampliação dos seus relacionamentos, dilatando, assim, seu poder sobre os demais sujeitos da comunidade.

A utilização dos recursos naturais para atingir fins específicos ligados à sobrevivência da espécie foi a maneira inteligente que o homem encontrou para não desaparecer [...] A evolução social do homem confunde-se com as tecnologias desenvolvidas e empregadas em cada época. Diferentes épocas da história da humanidade são historicamente reconhecidas, pelo avanço tecnológico correspondente. O avanço científico da humanidade amplia o conhecimento sobre esses recursos e cria permanentemente “novas tecnologias”, cada vez mais sofisticadas. *Por isso* o homem transita culturalmente mediado pelas tecnologias que lhe são contemporâneas. Elas transformam suas maneiras de pensar, sentir, agir. Mudam também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos. [...] a linguagem oral, escrita e a linguagem digital (dos computadores) são exemplos paradigmáticos desse tipo de tecnologia (KENSKI, 2008, pp. 20-21, grifo meu.)

Infere-se, portanto, que as tecnologias, especialmente a escrita, tomaram conta dos espaços socioculturais, alterando a forma de organização social e política. O reconhecimento dessa prática, como tecnologia intelectual importante para a produção de conhecimentos na *web*, foi deliberado desde utilização massificada na imprensa.

O processo de construção de significados, através da tecnologização da escrita, é uma ação instituída. A “democratização” de informações na *web* tem diluído as fronteiras entre as classes sociais e as culturas, na medida em, que se colocam em diálogo segmentos, até então, silenciados pelas distâncias geográficas, econômicas, étnicas e sociais.

A democratização do acesso a esses produtos tecnológicos – e a consequente possibilidade de utilizá-los para a obtenção de informações – é um grande desafio para a sociedade atual e demanda esforços e mudanças nas esferas econômicas e educacionais de forma ampla. Para que todos possam ter informações que lhes garantam a utilização confortável das novas tecnologias é preciso um grande esforço educacional geral. Como as tecnologias estão permanentemente em mudança o estado permanente de aprendizagem é consequência natural do momento social e tecnológico que vivemos. (KENSKI, 2008, p. 26).

Não obstante a vulgarização do uso da tecnologia escrita por grupos variados, cuja intencionalidade é múltipla, é impossível viver, contemporaneamente, sem a presença da tecnologia de informação e comunicação em nosso cotidiano.

Na era da informação, comportamentos, práticas, informações e saberes se alteram com extrema velocidade. Um saber ampliado e mutante caracteriza o atual estágio do conhecimento na atualidade. Essas alterações refletem-se sobre as tradicionais formas de pensar e fazer educação. Abrir-se para novas educações – resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica – é o desafio a ser assumido por outra sociedade. (KENSKI, 2008, p. 27).

A contemporaneidade traz junto com as tecnologias intelectuais provocações a vários segmentos da sociedade, dentre os quais se destaca o campo da linguagem, que, para Lévy (1993), tem se constituído como espaço de aperfeiçoamento e transgressão de paradigmas dos conhecimentos.

Mediante isso, o filósofo francês criou uma tripartição para o conhecimento existente no ciberespaço e no “mundo da vida”, destacando as diferentes linguagens que dominam a interação entre os sujeitos. São elas: a oralidade, a escrita e a digital.

No ciberespaço, a linguagem é construída de maneira híbrida. Isso ocorre devido à emergência da comunicação entre os pares nas comunidades virtuais; é pela linguagem que o homem se diferencia do restante dos animais e da natureza.

Desse ponto de vista, supõe-se que a oralidade é a primeira das tecnologias intelectuais usada pelo homem na proliferação de suas representações e subjetividades no grupo onde atua. “A proximidade simbólica dos *media* coloca, no mesmo círculo, os atores e os (tele) espectadores do ato comunicativo [...] a sociedade oral, de todos os tempos, aposta na continuidade”. (KENSKI, 2008, p. 35). Entretanto, a oralidade não será considerada como ponto central dessa discussão, até porque a escrita é, aqui, a tecnologia intelectual que suporta a informação e conhecimento no *world wide web*.

Na sociedade tecnológica e digital em que se vive hoje, a cultura escrita é hegemônica, e, como tal, dilui-se em vários formatos. Na internet, especialmente no *weblog*, isso ocorre por meio dos múltiplos gêneros discursivos e textuais praticados na escrita de *post* e *links* articulados em hipertextos digitais, que, se transformando em rizomas, espraiam-se no “solo ciberespacial” da *web* e permitem a continuação autônoma dos significados.

Do ponto de vista de rizoma descrito por Deleuze e Guattari (1995), o ato de escrever no *weblog*, de traduzir significados e conceitos abstratos em *bits* e *bytes* é maquínico. A escrita realizada na *web* é rizomática e, portanto, não pode haver começo real senão no meio. “Um rizoma não começa nem se conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 34)

Dessa forma, produzir e postar gêneros discursivos, através de práticas de escrita no *weblog*, na perspectiva filosófica de Deleuze e Guattari (1995), aproxima-se do trabalho de

um agrimensor (aquele que mede terrenos), que tenta limitar um determinado terreno sem, contudo, desvendar suas potencialidades.

Em tese, a maioria das ações de escrita realizada por professores e estudantes na *web* e, por conseguinte, no *weblog* são maquínicas, isto é, estes autores apenas postam seus enunciados e não buscam entender o potencial integracionista que esta ferramenta digital possibilita: a prática de escrita digital.

Da mesma forma que as raízes de uma gramínea são, ilimitadamente, expansíveis, mantendo a potencialidade de uma nova planta em cada um de seus “nós” (ou pseudobulbos), os significados propostos pela prática de escrita, no ciberespaço, são dotados de expansão ilimitada e, em cada “nó” ou desdobramento conceitual, está a essência da palavra que o registra gráfica e digitalmente, sem – no entanto – ser uma cópia do paradigma original.

### **3.1.5 Weblog: a condição rizomática da escrita na rede**

A construção do conhecimento e da comunicação, no ciberespaço, ocorre semelhante ao rizoma, que, segundo Deleuze e Guattari (1995), espalha suas conexões heterogêneas, de maneira virtual e as entrelaçam com redes semióticas que determinam quem está no poder ou fora dele. Dessa forma,

[...] qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. [...] cada traço não remete necessariamente a um traço linguístico: cadeias semióticas de todas as naturezas são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas. (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 15).

Dessa maneira, pode-se considerar que os ciberdiscursos realizados pelos cibernautas nos *weblogs*, constituem uma rede semiológica, na qual não há apenas um lugar de ancoragem, mas, sim, vários pontos em que os sentidos se deslocam em direção ao significado mais elementar do discurso – a compreensão e a interação do sujeito no grupo em dado contexto.

Sem embargo da temporalidade, a posse das novas linguagens, que determina o rizoma das tecnologias de comunicação e informação pelos cibernautas, tem garantido o diálogo entre grupos socioculturais para, com a noção de causa e efeito, justaporem-se às regras de comunicação formal e suas nuances linguístico-discursivas. Embora não tenham, necessariamente, a qualidade linguística formal, é responsável pela comunicação e troca de saberes e informações em larga escala social e política, tornando-se rizomática. E

tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. [...] O rizoma procede por variação, expansão, conquista. [...] ele se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, mas sempre desmontável em qualquer parte, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, 78).

Esta questão, do ponto de vista crítico, leva à inferência de que as tecnologias estão reorientando o uso da linguagem na comunicação no ciberespaço – *weblog* – e nas comunidades virtuais, ao subverter a ordem do “mundo da vida” em subsistemas comunicacionais alternativos. Isso se instaura com a nova realidade imposta pela sociedade tecnológica, na qual a escrita é o eixo condutor de significados sociais e culturais.

Nesse universo, há uma legião de usuários se comunicando por meio da cultura e da prática de escritas, configuradas como o rizoma deleuzeano que se espalha na virtualização fértil da *web*.

A linguagem no ciberespaço leva os cibercibers a construção de identidades reais e imaginárias, fazendo com que o espaço virtualizado, pelas tecnologias de informação e comunicação, se faça importante como a mensagem. Assim sendo, os espaços virtuais se estruturam como *locus* de linguagens heterogêneas num aqui e agora, cuja efemeridade do discurso marca o processo dialógico dos indivíduos mediados pelo *world web wide*.

As linguagens empregadas nos ciberespaços são tão efêmeras que sobrevivem apenas durante a conexão na rede<sup>5</sup>, num “aqui e agora paradoxal, sem lugar nem tempo claramente definido” *constitui-se na rede de interações* (Lévy, 1999, p. 247, grifo meu).

Nessa lógica, faz-se necessário mencionar o lugar ainda não ocupado pela escola, no que diz respeito à linguagem e à escrita virtuais. Deveria a instituição escolar e todo o seu corpo docente atuarem juntos no sentido de reorientar os estudantes, que, culturalmente, já estão inseridos, para a troca de saberes e linguagens digitais praticados na *web*. Com isso, poderia inserir os professores nesse subsistema de prática de escrita, em que a inclusão do outro acontece através de reconhecimentos de atividades com a escrita digital no *weblog*.

Os interagentes são identificados e aceitos nessas comunidades virtuais através de competências linguístico-comunicativa e sociodiscursiva demonstradas no ato de interagir no universo de prática de escritas virtuais e de comunicação digital.

Entretanto, fragmentam-se sujeitos e discursos à procura de comunidades que partilhem do mesmo rito de interação verbal e, assim, reflitam e refratem elocuições que evidenciem culturas e características da contemporaneidade tecnológica.

---

<sup>5</sup> Eis, pois, nesse argumento, a essência do conceito de ciberdiscurso (cf BARRETO, Baldinotti, 2005).

[...] no movimento absoluto da reflexão sobre si mesmo que, entre outras coisas, também se manifesta na linguagem, no trabalho e na relação ética, mas é precisamente a relação dialéctica de simbolização linguística, de trabalho e de interacção que determina o conceito de espírito. (HABERMAS, 2006, p. 12).

Sabe-se que Habermas (2006), em sua teoria da ação comunicativa, indica o entendimento linguístico como mecanismo orientador da ação social nas sociedades modernas. Por conseguinte, o entrosamento linguístico torna-se uma ação subsequente à realização de inserção dos participantes no mundo da linguagem por meio da escrita.

Do mesmo modo, a ação comunicativa contém, ao mesmo tempo, um componente teleológico; o que a individualiza e a qualifica são as inventividades da ação linguístico-discursiva que ela envolve. Esta constituição ocorre no sentido de ser o entendimento um artifício cooperativo da interpretação de algo no mundo.

Habermas (2006), fala dos planos de ação dos atores implicados nas práticas comunicativas, em que a escrita é tomada como tecnologia intelectual, mediante atos de entendimento, interação e diálogos entre sujeitos comunicativos. Observa-se a escrita de forma contínua, no *weblog*, quando os cibernautas interagem com seus pares no ato enunciativo.

Na ação comunicativa realizada no *weblog*, os participantes procuram significados sob a condição de que seus respectivos planos de ação possam se harmonizar entre si, à base de uma definição compartilhada no contexto interacional do ato comunicativo.

Aplicado esse princípio habermasiano de ação comunicativa ao ciberespaço, vê-se que o ciberdiscurso divulgado na rede é constituído do ideal de compartilhamento imediato do ato linguístico-discursivo. Assim, a maioria dos cibernautas atua em níveis de comunicação partilhada.

Nesse tipo de atuação comunicativa, o mecanismo de coordenação é o entendimento de sujeitos que se colocam em uma posição proporcional. Este entrosamento, porém, é dinâmico, na medida em que toda ação, no mundo objetivo da escrita, é suscetível a crítica e pode ser questionada no ato interacional-comunicativo. Desse modo, justifica-se a sua validade, podendo, inclusive, ser aceita ou rejeitada, segundo a assinatura ou não de um acordo entre os participantes.

Isso ocorre pelo reconhecimento intersubjetivo do anseio de que os cibernautas vinculam à sua ação enunciativa na rede. Por conseguinte, uma ação coordenada,

comunicativamente, no ciberespaço<sup>6</sup>, assim como seu fim, pode ser confirmada, modificada, e ou parcialmente suspensa, bem como posta, definitivamente em questão, pelos próprios participantes da ação comunicativa na *web*.

Para Habermas (2006), nas sociedades ocidentais contemporâneas pós-tradicionais, a justificativa de um determinado argumento tem que atender às três pretensões de validade: verdade (pretende que o conteúdo proposicional da emissão seja verdadeiro, sendo, portanto, compatível com um estado de coisas existentes); correção normativa (espera-se que a escrita seja identificada diante do contexto normativo de uma sociedade concreta) e veracidade (que haja coerência entre o que o sujeito falante pensa e escreve). Entretanto, quando qualquer uma destas ambições dialógicas for problematizada, existirá uma suspensão da ação, para que, através da argumentação, razões sejam apresentadas, iniciando-se, assim, um processo de discussão em busca de uma nova concordância e eliminando, desse modo, os ruídos no ato comunicativo no qual os cibernautas realizaram seus discursos.

Diante disso, defende-se a tese de que no *weblog*, a interação social via escrita leva, às vezes, à hibridização dos gêneros discursivos e, portanto, problematiza a norma instituída, assumindo um papel crítico diante da realidade sócio-comunicativa na *web*.

Sabe-se que, se um paradigma linguístico-discursiva não é claro o suficiente para aqueles que são por ele atingidos, ou se não atende aos interesses da comunidade virtual, os atores sócio-discursivo, individual ou coletivamente, argumentam contra sua aplicação, levando-o para o "espaço público", buscando, com isso, provocar as mudanças desejadas e, talvez, a geração de outro paradigma que atenda aos interesses coletivos.

Pode-se inferir que é no espaço público da internet – *weblog* – que se pode produzir um consenso racional, a partir de discussões livres que propiciem a formação da vontade política dos cibernautas. Esse espaço é capaz de fomentar o desenvolvimento através da ação comunicativa das sociedades modernas, onde se definem políticas de escrita a serem adotadas pelos participantes de interações escrita no *weblog*.

Essa questão, do ponto de vista crítico, leva à inferência de que as tecnologias estão reorientando o uso da linguagem na comunicação no ciberespaço – *weblog* – e nas comunidades virtuais, de forma a subverter a ordem do “mundo da vida” em subsistemas comunicacionais alternativos que, a cada momento, instaura-se como nova realidade. De fato,

---

<sup>6</sup> Segundo Bettetini (1995), o ciberespaço opera com as possibilidades oferecidas por um sistema digital e a integração criativa do usuário através de processos interativos que o suporte digital, no caso o computador, potencializa.

há na *web* uma legião de usuários se comunicando por meio da linguagem escrita, como o rizoma deleuzeano que se espalha na virtualização da rede.

Por meio da escrita, no ciberespaço, os cibernautas constroem identidades reais e imaginárias. Fazem com que o espaço virtualizado pelas tecnologias de informação e comunicação se faça importante no campo da mensagem escrita.

Sabe-se que, nas culturas digitais da contemporaneidade tecnológica, ritos de escrita, permitidos no *weblog*, vinculam-se à ideia de que o enunciador dialoga por meio dela e com todos os que compartilham do mesmo espaço sócio-discursivo. Estas são, pois, as características fundantes da escrita rizomática e interativa da *web*.

### 3.1.6 Weblog e os gêneros discursivos mistos

Os signos itinerantes da contemporaneidade remetem à “dialética da errância” e do “sedentarismo” propostos pelas tecnologias intelectuais e da informação e comunicação. No ciberespaço, tem havido um movimento duplo no que se refere ao reconhecimento de que existe a desterritorialização e a duplicidade do eu linguístico-discursivo do cibernauta. À medida que ele dialoga com seus pares, misturas linguísticas, culturais e sociais revelam as vidas duplas<sup>7</sup> presentes no ato de escrever na *web*.

Os cibernautas no *weblog* trilham no *fluxo e influxo* das correntes de pensamento que, no momento da enunciação estão em voga. Às vezes, se auto-afirmam pelo discurso do outro, isto é, através de ciberdiscurso, cuja efemeridade dos signos linguísticos, imagéticos e culturais constitui a essência de cada um como ato de escrita.

Na aceitação do outro, a partir de sua compreensão de nomadismo, por associação de semelhança, pode-se dizer que os cibernautas são

Levados para onde sopra o vento, apenas fazem pose, mas, em suas opiniões ao sabor do momento, estão sempre à procura de uma geral e estável opinião pública. Sem ser profeta, pode-se predizer que, atingida por uma evidente desconsideração, a classe política logo, se voltará para a essa *intelligentsia* que não mais respeita a longa paciência do pensamento. [...] o que vai bem no mínimo para lembrar uma sociedade complexa. Isso mesmo é que leva a escrever agressivamente com desenvoltura. A reunir o que está esparso, sem querer violentar a análise da moda [...] não se trata de convencer, de representar as coisas, mas de apresentá-la. Um ponto, e basta. (MAFFESOLI, 2001, pp. 13-14).

---

<sup>7</sup> Não se trata de especular sobre o conceito, tampouco recorrer à psicanálise para explicação, é, **sim**, uma concepção com a qual se compreende a forma **como os cibernautas** se apresentam nos espaços virtuais.

Ocorre que, na maior parte das enunciações dos webnautas no *weblog*, estas ações são representações sócio-identitárias que, às vezes, assumem posicionamentos que colocam em contratempo a ordem estabelecida pelos convencionalismos linguístico-discursivo da sociedade da escrita, regida por uma razão instrumental totalmente contrária ao mundo do diálogo e das ações sociais.

Daí nasce o desejo de reação proposto na ação comunicativa dos cibernautas quando de sua participação nas comunidades de práticas de escritas digitais e revela o abismo entre “mundo da vida” e os “subsistemas” edificados na razão cartesiana do código articulado na prática de escrita da escola.

Desse modo, é clara a resistência dos webnautas à submissão às regras impostas pelo sistema composicional e gramático da língua, sobretudo no campo da linguagem, uma vez que no *weblog* edificam-se linguagens em que se materializam ideais e comportamentos para além dos instituídos.

Nesse universo virtual são construídos binômios interessantes, dentre os quais se destacam *resistência* e *submissão*, que, segundo Maffesoli (2001):

[...] levam a uma espécie de *revê-pensée* – sonho imaginado – [...] sensibilidade teórica sabendo que cada coisa sempre é, mais ou menos, outra coisa em relação àquilo que parece ser, ou aquilo que se quer que ela seja. Daí o surgimento de uma atitude apofática, tal como em uma certa (sic) teologia, [...] Do mesmo modo, sobre o que é importante, na vida social, só indiretamente se poderia fazer referência (MAFFESOLI, 2001, p.14).

Nota-se que no *weblog*, onde atuam os cibernautas, certo egoísmo daqueles que praticam interação via escrita. Jovens e adolescentes, mediando com suas subjetividades o sistema de inserção e/ou exclusão do outro, por meio de avaliações *ad hoc* do nível linguístico-discursivo, apresentam aos participantes elementos de interação.

A permanência e a intensidade das interações escritas articulam-se com os novos paradigmas de criação discursiva, potencializados pela prática de escrita na *web*. Isso deixa passar ao nível mais formal à liberdade de invenções semio-discursivas e textuais.

Essas práticas de escrita elevam as linguagens presentes no *weblog* ao nível da criação coletiva. Como tal, está aberta à criatividade e, portanto, requerem de seus praticantes amplas ações cognitivas e linguístico-discursivas.

Dada à complexidade da linguagem humana, seus signos e respectivas significações, segundo Barthes (1991), os encargos das grandes unidades significantes do discurso,

perceptíveis à sociedade atual organizada em torno de um grande e influente universo de signos bastante complexos, fazem parte do ciberdiscurso realizado na *weblog*.

De igual modo, é também perceptível o estado incondicional com que se porta a linguagem humana e seus signos de valor incondicionados diante de quaisquer tentativas de regulamentação linguística por decreto.

Presume-se que qualquer objeto, som e palavra, capazes de representar outra coisa constitui signo. Na contemporaneidade, sobretudo no campo das tecnologias da comunicação e da informação, depende-se do signo para escrever e interagir com o meio. Desse modo, o homem intelectualizado tecnológico e linguisticamente, formado na prática de escrita digital – adolescentes e jovens da geração *web* – não vive sem signos digitais. Precisa-se deles para entender o mundo, a si mesmo e as pessoas com as quais se mantêm relações sociais.

Na *web*, ter habilidade com a linguagem e, de modo geral, com a escrita, é condição *sine qua non* para produzir significados por meio da hibridização dos signos verbais e não verbais correntes nas interações do *weblog*. Por isso mesmo, nesse contexto, as noções de signo, linguagem e liberalidade semio-discursiva, no ciberespaço, são ampliadas ao nível da subjetividade humana. Daí a reivindicação de alteridade dos cibernautas, na medida em que se autoidentificam com o momento da enunciação de suas escritas no *weblog*.

### **3.1.7 Weblog e as práticas sociointeracionais nas escritas**

A comunicação no ciberespaço ocorre de maneira significativa, sob o ponto de vista de que os cibernautas interatuam por meio de gêneros discursivos escritos. O ponto de relevância desse olhar é a emergência no dizer e compreender, em tempo curto, porque a velocidade com a que a informação é veiculada exige habilidade e domínio comuns, no que os escreventes se mostram como agentes discursivos na rede social do *weblog*.

Para Recuero (2009), nesse processo é que se estabelece, nas redes sociais, por meio das quais os cibernautas se realizam em discursos. “A conversação é aqui tomada como constituída das trocas de mensagens ocorridas entre dois atores durante um determinado período de tempo, caracterizada pela alternância dos turnos de fala” (RECUERO, 2009, p. 253).

Por outro lado, a prática comunicativa ciber – *Weblog* – é, sem dúvida, potencializadora de diálogos nos quais se deslindam conflitos individuais e coletivos. No ciberdiscurso, os ciberagentes procuram divulgar ações, lutas, submissões e pactos com os quais, seus pares estão ligados, direta ou indiretamente, e onde “há troca de diferentes tipos de

informação, em diferentes sistemas, como, por exemplo, trocas relacionadas ao trabalho, à esfera pessoal e mesmo a outros assuntos” (RECUERO, 2009, p. 259).

Nesse sentido,

ideia de comunicação que se realiza pelo diálogo entre as pessoas tem perdido visibilidade no campo da comunicação que, assumindo a emergência de novas sociabilidades decorrente do desenvolvimento dos aparatos tecnológicos tem privilegiado o estudo das relações que se estabelecem dentro e a partir dessa comunicação galáctica. (NASCIMENTO; HETKOWSKI 2009, p. 146)

Assim sendo, compreende-se que os fatores que conduzem a sociedade contemporânea a ressignificar seu modo de ser e agir comunicativamente, através da escrita, são bem mais complexos. A comunicação interpessoal no ciberespaço apresenta-se, de certo modo, complexa e tem sido alvo de observações críticas muito relevantes, de tal modo que cabe ressaltar: nem todos os recursos tecno-comunicacionais e as tecnologias intelectuais criadas pelos homens, ao longo de sua existência, foram isentas de problematizações, tampouco totalmente eficazes. Não seria diferente com os ciberdiscursos produzidos e socializados pelos cibernautas no *weblog* através da escrita. Portanto, a aceitação ou refutação dessas práticas são resultantes de uma convenção coletiva realizada pelos agentes que os promovem na *web*.

Por esses motivos é interessante que se diga: o *weblog* como *médium* que promove o ciberdiscurso no contexto em que a cibercultura é legitimada pelos seus agentes socioculturais deve ser compreendido como fenômeno provocador de linguagem, especialmente, escrita.

Através da prática de escrita, em que gêneros textuais múltiplos são postados no *weblog*, a comunicação, via *web*, têm colocado em discussão paradigmas de aquisição e produção de língua escrita, até então mascarados pela rotina das exigências do sistema formal, em que a sobrevivência e a acumulação de capital simbólico relacionado à escrita dos indivíduos, dentro e fora da escola, se espriam aos níveis comunicacionais da *web*.

Diante desse contexto, reconhecem-se as vicissitudes ocorridas nas maneiras pelas quais os webnautas se comunicam com seus pares, na rede, deixando à margem antigos procedimentos de socialização – diálogo face a face, confissões ao confessor – , uma vez que há, no ciberespaço, indivíduos com as mesmas necessidades individuais e coletivas e, portanto, edificam-se e realizam, por meio da na *web e weblog*, sessões coletivas de psicanálise.

Nesse raciocínio, Foucault (1999) assinalou que os discursos não apenas “traduzem” a desordem ou os sistemas de dominação, como também potencializam aquilo por que e através do qual se luta.

Dessa maneira, o distanciamento e a emergência dos cibernautas de seu *locus* de comunicação é uma forma de eles se encontrarem noutra espaço, cujos discursos articulam-se e significam por meio da escrita digital. Por isso, devem-se considerar as diversas razões pelas quais os cibernautas preferem o diálogo aberto na rede, a se posicionar sob um ritual escolar e ou familiar.

[...] a comunicação interpessoal e a educação dialógica são interdependentes e complementares na formação das pessoas [...] O ser humano é potencialmente sujeito da comunicação, uma vez que a mesma envolve processos de troca de informações, seja através de relações pessoais ou de redes informacionais, as quais se utilizam de sistemas simbólicos que possibilitam uma infinidade de maneiras de estabelecer relações comunicativas. [...] as mediações e as inter-relações que permeiam os sujeitos nesse mundo sócio-histórico incomensuravelmente complexo, constituem-se em campos férteis de significados e, á (sic) *priori*, interpenetrado (sic) por sentidos singulares, mas também são redimensionados por processos sociais e por relações de poder, sendo que essas relações encontram-se imbricadas sob diferentes concepções de dinâmica social. (NASCIMENTO e HETKOWSKI, 2009, p. 147).

Nesse sentido, os cibernautas ao se pronunciarem, via práticas de escrita no *weblog*, colocam em evidência seus ciberdiscursos, cuja referência usada nesse argumento é o discurso constituído por várias proposições, sobretudo por ações individuais, que emergem, a partir da comunicação mediada pela escrita, quase no *face to face*.

De todo modo, tal prática os afeta devido ao fato de esse fazer comunicativo ir ao encontro de suas necessidades interacionais, proporcionando-lhes transformações de caráter subjetivo nas suas relações sociais, onde a cooperação conflitual entre atores que cooperam numa produção (entendida no seu sentido mais lato, por exemplo, de bens ou serviços, de uma formação geral ou profissional, da organização da vida colectiva), mas que entram, inevitavelmente, em conflito devido às suas posições desiguais na cooperação, ou, o que equivale ao mesmo, devido à sua influência desigual sobre aquilo que a sua cooperação põe em jogo (a definição dos objetivos ou a retribuição dos desempenhos, por exemplo), uma vez que emergem sentimentos diversificados durante esse processo.

[...] os indivíduos destituídos pelas estruturas de referência ortodoxas “tentam encontrar ou estabelecer” hoje em dia, tendem a ser eletronicamente mediados, frágeis “totalidades virtuais”, em que é fácil entrar e ser abandonado [...] do convívio que, graças à solidez genuína ou suposta, podiam prometer aquele reconfortante (ainda ilusório ou fraudulento) “sentimento de nós” – que não é oferecido quando se

está “surfando na rede”. [...] estamos perdendo a capacidade de estabelecer interações espontâneas com pessoas reais. [...] engraçadas podem ser essas comunidades virtuais, mas elas criam apenas uma ilusão de intimidade e um simulacro de comunidade. (BAUMAN, 2005, p. 31).

É nessa premissa que se ancoram os cibernautas, ou seja, ao procurarem por comunidades virtuais onde é possível encontrar interlocutores compartilhando as mesmas necessidades discursivas, políticas, culturais e, inclusive pessoais, eles encontram substância para a efetivação de seus estilos e práticas pessoais de escritas.

Diz-se que, numa perspectiva pragmática, o ciberdiscurso realizado no *weblog* pelos cibernautas está evidenciando aspectos nos indiciais que os instrumentalizam para a efetivação e uso de linguagem própria; isto é, as situações comunicativas exigem, portanto, discursos cujos efeitos promovem ou refutam a interação entre os atores sociais comunicativos.

Nesse sentido, os cibernautas afetam-se, mutuamente, por meio da forma como o sentido é construído na mensagem comunicativa, levando-os, sem dúvida, à recorrência dos complexos fenômenos discursivos e significativos que os envolvem e levam às transformações intersubjetivas.

Destarte, há que se levar em consideração as efemeridades propostas pela contemporaneidade, nas quais incidem um processo tecnocientífico e comunicacional fundado nos desencaixamentos dos sujeitos por meio de suas práticas comunicativas.

É nisso que nós, habitantes do líquido mundo moderno, somos diferentes. Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades *em movimento* – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo, não precisamos estudar e dominar o código de Goffman. [...] com o mundo se movendo em alta velocidade e em constante aceleração, você não pode mais confiar na pretensa utilidade dessas estruturas de referência com base na sua suposta durabilidade (para não dizer atemporalidade!) [...] admirável mundo novo<sup>8</sup> das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam (BAUMAN, 2005, pp. 32-3).

---

<sup>8</sup> *Admirável mundo novo*, escrito por Aldous Huxley em 1931, apresenta um enredo futurista no qual relata uma sociedade completamente organizada, sob uma perspectiva científica de castas. Assim sendo, Huxley mostra, por meio da narrativa literária, que, na contemporaneidade, não se tem vontade e liberdade próprias, posto que estas são abolidas pelo condicionamento e progresso da ciência. Logo a servidão seria uma forma de aceitação, visto que, na sociedade ficcional do autor, há regulares doses de felicidade advindas da química, bem como as **ideologias ministradas** através de curso durante o sono. Talvez por isso Bauman tenha se apropriado do termo para expressar a contemporaneidade e para também levar a imaginar que existe um futuro semelhante acontecendo agora se o relacionarmos aos avanços das tecnologias comunicacionais. Veja-se isso nos filmes *O homem sem sobras* e *Matrix* e, também, leia-se esse posicionamento em *1984*, de Jorge Orwell, e *Os dentes brancos da fome*, de Bertrand Solet.

Para o cibernauta, o caráter imediato da comunicação é fruto da emergência pela qual passa todo o mundo. Dessa forma, os espaços privado e público confundem-se à medida que se projetam motivações pessoais, levando em consideração que existem uma

[...] tela gigante em que se as aflições privadas são projetadas sem cessar, sem deixarem de ser privadas ou adquirirem novas qualidades coletivas no processo de ampliação: o espaço público é onde se faz a confissão dos segredos e intimidades privadas. Os indivíduos retornam de suas excursões diárias ao espaço “público” reforçados em sua individualidade *de jure* e tranquilizados de que o modo solitário como levam sua vida é o mesmo de todos os outros “indivíduos como eles”, enquanto – também como eles – dão seus próprios tropeços e sofrem suas (talvez transitórias) derrotas no processo. (BAUMAN, 2001, pp. 49-50).

Essa situação é muito presente na vivência do cibernauta, uma vez que ele utiliza os espaços de *web* – *weblog* – para manter relações sociais pelas quais estabelecem relacionamentos, embora virtuais, que lhe passam a sensação de ser uma realidade num “aqui e agora”.

Considera-se, portanto, que o mundo do ciberespaço é sustentado pela combinação de várias experiências, expectativas e comportamentos emergidos de ciberdiscursos, nos quais os agentes comunicativos iniciam uma série de acumulação e de distribuição de funções aos membros das comunidades. Busca-se, assim, o lugar do sujeito no mundo e na compreensão da individualidade proposta aos cibernautas, à medida que, eles estabelecem seus planos individuais – “eu sou meu próprio mundo”.

O lado oposto dessa concepção é uma comunidade virtual em que se pronunciam sujeitos e circulam pedidos ambíguos de auxílio e manifestação de desejos que nem sempre são possíveis de serem realizados. Com isso, os cibernautas, ao interagirem na *web*, em seguida, sentem-se sós. Isso é constitutivo do ciberdiscurso: ao perderem a conexão com seus interlocutores restabelecem o discurso de onde pararam.

Ao fim da sessão de aconselhamento, as pessoas aconselhadas estão tão sós quanto antes. Isso quando sua solidão não foi reforçada: quanto sua impressão de que seriam abandonadas à sua própria sorte não foi corroborada e transformada em uma quase certeza. Qualquer que fosse o conteúdo do aconselhamento, este se referia a coisas que a pessoa aconselhada deveria fazer por si mesma, aceitando inteira responsabilidade por fazê-las de maneira apropriada, e não culpando a ninguém pelas consequências desagradáveis que só poderiam ser atribuídas a seu próprio erro ou negligência. (BAUMAN, 2001, p. 78).

Na modernidade, o distanciamento é uma marca com a qual os indivíduos, na medida em que se aproximam uns dos outros, por meio de ciberdiscursos, mediados pela escrita na *weblog* se tornam interagentes sociais, culturais e linguísticas.

Por outro lado, essa questão é fruto do desencaixe pelo qual vem passando a sociedade contemporânea (GIDDENS, 2000), o qual ocorre por conta da amplitude e da convergência que as tecnologias da informação e da comunicação têm proposto ao homem, através do acesso à *web*.

### **3.1.8 Weblog, escrita e o ato educativo de escrever na web**

Hoje, vive-se as contradições da modernidade. O homem contemporâneo experiencia uma nova ordem no sistema educacional, e as minorias começaram a ter acesso a bens simbólicos, incluindo-se aí o uso e a prática de escrita das tecnologias e mídias digitais.

É fundamental que se reconheça isso como avanço que, sob a perspectiva do crescimento econômico e tecnológico, leva à nova percepção de educação linguística para *web*. Assim sendo, a escola precisa conhecer e utilizar tais mecanismos para auxiliarem na formação de estudantes preparados para exercerem sua cidadania no mundo digital.

A rigor, no século XXI, a educação deveria ser projetada levando-se em conta o poder que a internet possui em formar e informar consciência coletiva, através das práticas de escrita nas redes sociais. Educar para a *web* é reconhecer a possibilidade de autonomia que o aprendiz tem diante das ações abstratas realizadas pela escola que, infelizmente, ainda não possui conhecimentos para delinear novos caminhos que levem os aprendizes à autoafirmação de suas escritas dentro e fora da sala de aula.

Assim, o desafio da escola moderna não está no ensinar, ao contrário, está na maneira como ela incentiva seus estudantes a irem ao encontro de aprendizados existentes na *web*. A escola que se pretender formadora de cidadãos, com visão ampla do mundo, deve entender que a educação para a *web* é uma necessidade e, portanto, a participação dos estudantes no processo de aquisição de conhecimento, via práticas de escrita, é, sem dúvida, uma oportunidade para se ter acesso aos bens culturais ofertados pela sociedade tecnológica.

O aproveitamento das tecnologias intelectuais existentes na internet e suas formas de linguagens relacionam-se à prática textual, já que a escrita propicia a construção do conhecimento em educação. O desenvolvimento de práticas de escrita que vislumbrem o incremento de técnicas que levem ao uso das potencialidades dos atores educacionais, envolvidos no sistema de formação tecnopedagógica docente, é uma necessidade emergente.

Por isso, considera-se que as novas formas de acesso à informação – navegação por hiperdocumentos, caça à informação através de mecanismos de pesquisa ou agentes de *software*, exploração contextual através de mapas dinâmicos de dados – são mecanismos de construção dos saberes e, portanto, sugerem novos estilos de raciocínio e de conhecimento. O

uso que se tem feito dessas tecnologias em favor da formação de uma “ecologia cognitiva”, na qual se garante a permanência dos saberes à disposição de cada um, é o desafio a ser enfrentado quando se forma para a educação linguística na *web*.

Destaca-se, portanto, que o contato com as tecnologias intelectuais dá-se por meio de um saber prévio do usuário, que, por sua vez, tem que saber o código escrito usado nas interações verbais na *web*.

A educação para o seu uso também envolve formação do cidadão, para que ele venha a fazer dessa tecnologia um instrumento em prol da melhoria da qualidade de vida da sociedade e, para isso, a escola é o local mais adequado para os primeiros contatos. (GONZAGA JUNIOR, 2007, p. 77).

Entretanto, a distância do mundo e cultura digitais por parte de professores é o maior obstáculo à mudança que, muitas vezes, é fortemente fundamentada em dogmas, preconceitos e diversas formas de discriminação social, que impedem as pessoas de exercerem a liberdade para o seu próprio desenvolvimento.

### **3.1.9. Weblog: Atos comunicativos e os agenciamentos individuais e coletivos**

Mostrar o cotidiano de cibercidadãos na perspectiva da ação dialógica não permite ver quão difusas são as fronteiras existentes. Isso tem sido, cada vez mais, evidenciado a partir do uso criativo das práticas de escritas no *weblog*, tecnologia intelectual, que o contexto contemporâneo da *web* apresenta como

um território entrecruzado de complexas camadas genealógicas: a sensibilidade da arte, a objetividade da ciência, a complexidade das tecnologias. A criatividade de artistas e cientistas configura homem uma grande comunidade que, ao lado de sociedades científicas, instituições e centros de pesquisas contemporâneos, está engajada na busca de explorar características próprias de nosso cotidiano tecnologicado. (DOMINGUES, 2003, p.11).

A escrita é o meio pelo qual a relação entre homem e tecnologias acontece. É, antes de qualquer coisa, “revolução” marcada pelo social, propiciada pelos significados individuais que cada sujeito desenvolve, a partir de suas referências e contatos com o lugar que se interpõe entre cada uma destas categorias, o homem e a realidade.

Entende-se esse novo ambiente social, relacionando-o aos efeitos das tecnologias no contexto educativo. Há consciência de que a presença do virtual, da interatividade e a criatividade, na sociedade contemporânea, tornaram-se as interfaces em que os profissionais

da educação e linguagens deveriam atuar, para levarem os estudantes à compreensão do valor da escrita como uma das tecnologias intelectuais na vida individual e coletiva de todos.

Para Domingues (2003), essa questão ocorre devido à existência de outros modos de subjetivação, em que ações contínuas eliminam a noção de território, promovendo a inclusão social e abreviando o entendimento da diversidade cultural da *web* por meio da prática de língua escrita. Assim sendo

[...] o homem contemporâneo se enriquece com os processos cognitivos experimentados nas memórias [...] de computadores embutem na vida das pessoas leis matemáticas e físicas, mistura suas possibilidades às das ciências da vida com sofisticadas tecnologias ligadas à biologia modifica as comunicações e a educação. (DOMINGUES, 2003, p.14).

Essa discussão é pertinente à concepção interacional (dialógica) da comunicação mediada pela escrita na *web*, na qual os sujeitos são vistos como atores sociais porque a relação social em que estão envolvidos na interação, lhes permite se sentirem atores podendo ser individual ou coletivo. Por exemplo, numa comunidade de weblogueana, o moderador, produtor de textos, e os leitores constituem cada qual, um ator social da prática de escrita e também na experiência e na relação social com o outro. O mesmo se passa com o professor e seus alunos quando interatuam nas ações discursivas da *web*.

O fazer comunicativo nesse espaço é realizado pelo código escrito, considerando a interação entre os interlocutores que, como sujeitos ativos – dialogicamente – se constroem e são construídos pela escrita e seus sentidos.

No que se refere à *web* e às suas significações, sobretudo no plano da linguagem e da expressão comunicativa escrita, Bourdieu (1999) fala a respeito das trocas simbólicas, ocorridas, na prática comunicativa realizada na *weblog*, quando as linguagens se justapõem construindo sentidos diversificados, a partir dos signos propostos em cada ato comunicativo.

De acordo com essa perspectiva teórica, é a estrutura social que determina os comportamentos linguísticos, políticos e ideológicos envolvidos no processo de criação do ciberdiscurso realizado no *weblog* pelos cibernautas de maneira individual e coletiva. Nesse sentido, as experiências de prática de escrita no *weblog* estruturam-se em intercâmbio e comunicação realizados pela elocução.

É possível verificar, na ação dialógica, traços de interação, a partir dos quais os participantes do *weblog* são motivados à participação por meio da troca de signos e significados comuns presentes na produção discursiva.

O ciberdiscurso é constituído por elementos de linguagens híbridas e, portanto, “a apresentação das modalidades da linguagem visual, *empregada na constituição do weblog* deve também ser antecedida por algumas reflexões preliminares, entre as quais se destaca o estatuto de linguagem da visualidade.” (SANTAELLA, 2001, p. 185, grifo meu). As concepções de linguagem proposta pela semioticista brasileira, ao tratar os signos como elementos promotores da representação visual, reportam às produções discursivas realizadas pelos cibernautas nos *weblog* das escolas públicas de Irecê – BA.

Por essa concepção de linguagem interativa e considerando o pensamento central de Bakhtin (2000) sobre o método dialógico por ele desenvolvido, pode-se compreender o papel de escritas no *weblog*. A ação dialógica da linguagem permite o entendimento de que “um objeto específico, ao sair da especificidade fechada para interagir com um universo muito mais amplo de vozes, valores e conceitos, *faz-se na ação dialógica da linguagem escrita.*” (BAKHTIN, 2000, p. xi, grifo meu). Dessa maneira, o encontro de signos e significados, no ato comunicativo dos cibernautas no *weblog*, está condicionado ao contexto social.

Assim, segue-se o pensamento de Bakhtin (2000) de que todo signo é ideológico e, portanto, veem-se nele vários elementos de caráter socialmente construídos. Não poderia, portanto, ser diferente a noção de signo apresentado na escrita dos cibernautas durante suas permanências na *web* e suas práticas de escrita no *weblog*.

Com efeito, a ação dialógica pode ser vista como uma constante comunicativa, no fazer e nas temáticas propostas nos atos comunicativos dos cibernautas no *weblog* situados no contexto educacional de Irecê. Sabe-se que a instantaneidade da escrita no *weblog* e o seu imediatismo conduzem à compreensão do sujeito de potência discursiva. Isto é, tem-se, portanto, o sujeito do *virtus*, de maneira que

os enunciados certamente não fazem parte da ideologia, mas já operam no domínio suposto da infraestrutura [...] A palavra de ordem é, precisamente, a variável que faz da palavra como tal um enunciação. A instantaneidade da palavra de ordem, sua imediatidade, lhe confere uma potência de variação em relação aos corpos aos quais se atribui a transformação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, pp.20-1).

A importância da linguagem escrita no *weblog*, para a coletividade comunicativa do ciberespaço, está nos atos imanentes de linguagem, os quais estão em desacordo com as propostas da linguagem formal – escrita convencional e /ou simbólica instituída pela escola –, instante em que a palavra no *weblog* materializa-se em vários sentidos implicados no ato enunciativo do discurso.

Desse modo, o ciberdiscurso é construído à medida que os cibernautas estabelecem relações escritas constantes, mesmo que provisórias, diante do conjunto de polifonias concordantes, de onde eles produzem suas vozes.

Um tipo de enunciado só pode ser avaliado em função de suas implicações pragmáticas, isto é, de sua relação com pressupostos implícitos, com atos imanentes ou transformações incorpóreas que ele exprime, e que vão introduzir novos recortes entre os corpos. A verdadeira intuição não é o juízo de gramaticalidade, mas a avaliação das variáveis interiores de enunciação em relação ao conjunto das circunstâncias. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, pp. 23).

Assim, pode-se dizer que os cibernautas interatuam intersubjetivamente, construindo, durante seus atos comunicativos, processos cognitivos que os constituem como seres sócio-discursivos, numa sociedade em que a cultura está indexada a uma ação dialógica através da escrita. São, portanto, sujeitos em latência comunicativa.

### **3.2.0 Weblog e a pulsão da linguagem da escrita**

É importante destacar que, na maioria das vezes, os saberes tradicionais, aqueles adquiridos por meio de fontes clássicas (livros, revistas, enciclopédias), parecem já não ter a mesma validade daqueles relidos, reescritos e distribuídos nas ondas dos *bits* flutuantes na *web*.

Assim sendo, para usar a escrita na perspectiva de tecnologia intelectual, é preciso considerar que, nos meios clássicos, não há mais um porto seguro, uma vez que as fontes estão sendo reinterpretadas e a construção dos novos saberes contemporâneos, revalidada.

Essa constatação faz com que, hoje, o professor se preocupe em realizar seu trabalho, tendo como base os meios de comunicação digital, especialmente a internet, onde se pode adquirir e desenvolver o raciocínio através de informações oferecidas por domínios sociais diversos.

Portanto, a presença constante de signos verbais e imagéticos na sociedade tem diversificado as estratégias de aprendizagem e aquisição de escrita. Por isso é fundamental que se levem ao professor das redes de ensino os pressupostos que sustentam a discussão do uso das tecnologias intelectuais em sua formação continuada, vindo, desse modo, talvez, a melhorar sua ação didático-pedagógica.

As tecnologias intelectuais criadas desde a roda até o computador fizeram, segundo Lévy (1993), transformações na maneira de comunicar e relacionar dos cidadãos e, com isso,

novos mecanismos de difusão dos saberes foram sendo instituídos de maneira complexa. O filósofo ainda pondera que a escrita, a partir da imprensa e da informática, tornou-se uma das mais espetaculares tecnologias intelectuais em auxílio ao ensino-aprendizagem do mundo contemporâneo.

A educação na sociedade contemporânea e digital precisa relacionar-se à nova perspectiva de democratização do conhecimento, uma vez que a produção e o uso de hipertextos e suas linguagens estão, hoje, presentes na vida de todos, inclusive, dos alunos.

O professor deve se preparar para, pedagogicamente, utilizar essas tecnologias em sua formação e na de seus alunos, cidadãos cosmopolitas, requisitados a todo instante para interpretar as novas linguagens do cotidiano, que, por sua vez, são fundadas nas práticas de escritas. Por isso “estas tecnologias deverão ser usadas na educação dos alunos e também na formação/atualização de professores”. (LEITE, 1993, p. 18).

A esse respeito assegura Lévy (1993) que:

A serviço das estratégias variáveis que os opõem e os agrupam, os seres humanos utilizam de todas as formas possíveis entidade e forças não humanas, (...) E tudo isto em circunstâncias infinitamente diversas. Vamos repetir, a técnica é apenas a dimensão destas estratégias que passam por atores não humanos. (LÉVY, 1993, p. 14)

Ainda nesse raciocínio, Castells (2002) considera que as tecnologias intelectuais associadas ao processo de expansão dos meios de comunicação digital, através de práticas de escrita, a partir da internet, têm criado novos paradigmas e, portanto, a educação e o professor precisam refletir sobre esse novo tipo de analfabetismo que se institui na sociedade contemporânea, o digital.

A globalização atua de forma seletiva, incluindo e excluindo segmentos de economia e sociedade das redes de informação, riqueza e poder que caracterizam o novo sistema dominante [...] As novas tecnologias da informação são o instrumento desse redemoinho global de acúmulo de riqueza e difusão da pobreza. (CASTELLS, 2002, pp. 191-192).

Cabe lembrar que se vive na sociedade da informação, mediatizada pela escrita, portanto, é importante se reconhecer o papel da escola, sobretudo do professor na efetivação do saber crítico do estudante por meio do domínio da técnica e da prática de escrita digital, usada pelo sistema comunicação digital, evitando, com isso, sua exclusão dos meios produtivos do mundo quirográfico.

Para isso, é necessária nova concepção de escola e, também, de formação de professor, a qual deverá ocorrer através do reconhecimento da necessidade de integração entre

os profissionais da educação e as tecnologias intelectuais, o que vem caracterizar-se como alfabetização digital de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Para Kenski (2002), é importante ter em mente que a escola tradicional não está preparada para formar esses novos profissionais, uma vez que ainda restringe o diálogo entre os sujeitos, sejam eles professores ou alunos.

As trocas entre colegas, os múltiplos posicionamentos diante das informações disponíveis, os debates e as análises críticas auxiliam a compreensão e elaboração cognitiva. As múltiplas interações e trocas comunicativas entre parceiros do ato de aprender possibilitam que esses conhecimentos sejam permanentemente reconstruídos e reelaborados. (KENSKI, 2002, p.47)

Dessa maneira, Kenski (2002) nos leva a reconhecer que o papel das tecnologias intelectuais é promover as mudanças necessárias à construção de um novo paradigma educacional, no que se refere à formação de professores, visto que, com isso, busca-se a inserção de outros sujeitos – estudantes e os próprios profissionais da educação – aos novos espaços de aquisição do conhecimento.

Morin (2002) afirma que, na sociedade atual, há uma imersão involuntária dos indivíduos às tecnologias intelectuais, restando ao professor assimilar tais saberes para que possa melhor conduzir sua prática cotidiana de escrita em sala de aula. “Como as crianças são imersas, desde muito cedo, na cultura de mídia, televisão, videogames, anúncios publicitários etc., o papel do professor, em vez de denunciar, é tornar conhecidos os modos de produção dessa cultura.” (MORIN, 2002, p.78).

Assim sendo, a cultura escolástica passa a ser mediada pela prática de escrita das tecnologias intelectuais e, portanto, o papel do professor diante desse processo precisa ser ressignificado. A realidade dos estudantes é baseada nessa cultura escrita digital. Eles estão se alfabetizando tecnologicamente através de ações de escrita na *web*, o que passa a ser uma saída plausível para as instituições que formam profissionais da educação.

Por outro lado, sem a ajuda da escola, os estudantes estão se alfabetizando por meio de participações autônomas no mundo digital, levando consigo para a sala de aula atividades de escrita que vão além do domínio do professor, problematizando, assim, a relação entre a prática de escrita do estudante dentro e fora da escola.

Nesse contexto, o papel das tecnologias intelectuais, escritas digitais, torna-se fundamental para a formação de professores com compreensão sistemática e crítica desses novos saberes mediados pelas vivências na *web*. Assim sendo, o domínio dessas técnicas de escrita possibilitará ao profissional da educação conduzir sua formação continuada, uma vez que, nesses domínios sociais, estão novas perspectivas de produção de discursos.

Reconhece-se ainda que, somente por meio dos espaços discursivos promovidos pelas tecnologias intelectuais, é possível ao indivíduo expor sua cultura e seus saberes, construindo com o outro e de maneira coletiva o conhecimento. Para tanto, é fundamental que estes sujeitos educativos estejam familiarizados com os novos gêneros discursivos usados pelas redes sociais da *web* e mídias digitais nela existentes.

Por fim, as instituições de formação de professores devem estimular, em seus currículos, o domínio de tais questões, visando assegurar, aos indivíduos nelas inseridos, formação coerente com a realidade sociocultural da atualidade e participação ativa no *weblog*.

Nessa perspectiva,

As aprendizagens em ambientes virtuais exigem abordagens que enfatizem de um lado o sujeito autônomo e construtor da sua aprendizagem e, do outro, uma equipe responsável e interdisciplinar, constituída para viabilizar uma proposta educativa inclusiva e democratizadora. (OLIVEIRA, 2007, p.26).

Portanto, esse princípio deve ser aplicado ao pensamento de formação docente, uma vez que, o processo de ensino-aprendizagem, contemporaneamente, tem requerido do professor a habilidade para manipular as tecnologias intelectuais, além de exigir ações integradas com outros indivíduos, pensamentos e linguagens diversas.

A essa altura, é importante considerar que o desenvolvimento das tecnologias intelectuais, associadas ao ensino-aprendizagem de escrita, coloca o professor manipulando recursos midiáticos para a construção do processo de ensino-aprendizagem.

A dinâmica da *web* vem colocando em discussão várias práticas instituídas. Diante disso, a prática e a aquisição de escrita por meio de ferramentas digitais é, sem dúvida, a construção de novo paradigma para a educação linguística. Tal educação implica em reconhecer que, por meio de atividades de produções discursivas variadas, reafirma-se o ideal de letramento na *web*. Isto leva ao reconhecimento de que o *weblog* constitui-se como espaço de letramento e, portanto, possibilita a inserção do outro no mundo da escrita digital.

Por outro lado, a inclusão do outro, via prática de escrita no *weblog*, potencializa a relação professor-estudantes, uma vez que ambos trocam os significados presentes na *weblinguagem*. Por fim, a inserção do outro no mundo da escrita digital é consequência da interação sócio-verbal na prática de escrita realizada no *weblog*. Por sua vez, diz-se que, nesta dimensão, os principais componentes para que se estabeleça a inserção do outro na *weblinguagem* é o reconhecimento de que tal prática está vinculada à ideia de conflito e cooperação linguístico-discursiva, na qual os cibercidadãos atuam na perspectiva de que a

relação nesse universo é de troca e aglutinação. Assim sendo, quaisquer tentativas de retirar proveitos individuais está descartada.

## **CAPÍTULO IV**

### **WEBLETRAMENTO, AS NOVAS PRÁTICAS DE ESCRITAS E INTERAÇÕES NA WEB**

As práticas pedagógicas e o trabalho docente dos profissionais da educação, que diante da amplitude de saberes pactuados na *web* pelos “nascidos digitais”, desafiam as metodologias de ensino tradicionais. Para Prensky (2010), nossos alunos mudaram radicalmente. Os estudantes de hoje não são as mesmas pessoas para as quais o sistema educacional foi criado para ensinar fundamentos de linguagens e práticas discursivas baseadas em ações centradas somente no saber do professor.

As perspectivas dos sujeitos sócio-educacionais – professores e estudantes – seus saberes e o conhecimento de suas culturas marcam o começo do desafio proposto pela chegada da *web* no cotidiano da escola.

A sociedade contemporânea tem colocado em xeque vários paradigmas educacionais e formativos, entre os quais se destacariam as consciências pedagógicas de professores, até

então, considerados sujeitos do conhecimento. Isso ocorre devido ao fato de a *web* se constituir, atualmente, no epicentro para novas possibilidades à ação docente.

O professor contemporâneo é apresentado a sistemáticos domínios e conteúdos teórico-metodológicos que o envolvem ontológica e pragmaticamente. Dessa maneira, diante das potencialidades ofertadas pelos diversos níveis de conhecimentos existentes na *web*, precisa conhecer teorias que o orientem na sua prática pedagógica, para que possa utilizar-se desse recurso para o desenvolvimento do seu trabalho. Assim, usar esse espaço como um meio de promover a interação e estabelecer com os seus pares uma rede de saberes constantes é uma necessidade contemporânea.

Ao agir dessa forma, o profissional se verá com competência técnica e pedagógica para articular intercâmbios e conhecimentos teórico-práticos solicitados na/para ação educativa exigida pela *web*. De acordo com Santos (2008), isso ocorre em virtude de haver unicidade técnica, característica de nossa sociedade articulada com a realidade de sujeitos envolvidos no processo educacional virtualizado através da *web*.

A aprendizagem na sociedade atual requer questões intelectuais significativas. O advento do computador e da *web*, em especial sua inserção na vida de todos, inclusive dos professores, crianças e jovens, modificou as perspectivas de ensino e aprendizagem de estudantes e de professores. Estes últimos, por sua vez, são levados à formação continuada para que possam se articular com os novos mundos de saberes visitados na *web* pelos seus estudantes.

Discutem-se aqui as práticas pedagógicas dos professores, a partir de suas ações diante da amplitude de saberes escritos e pactuados na *web* pelos “nascidos” na geração digital. Para tanto, far-se-ão diálogos com autores da educação (FREIRE, 2000); da formação de professores (TARDIF; LESSARD, 2005); da tecnologia e da educação (KENSKI, 2005; SANTOS, 2008) e do ciberespaço (LÉVY, 2001); dos nascidos digitais (PALFREY, 2011), dentre outros que subsidiam essas discussões.

De acordo com Freire (2000), a educação, por si só, é constituída de desafios, devido ao fato de sua prática ser essencialmente dialógica. Dessa forma, colocam-se em destaque as habilidades que professores teriam em adaptar os recursos didáticos disponíveis em sua ação professoral, buscando ampliar o nível de interação do aprendiz com o conteúdo e os meios socioculturais onde atuam.

Nessa perspectiva, é interessante entender que, hoje, estudantes participam de múltiplas interações em variados contextos de aprendizagem – escola, redes comunitárias e sociais na *web*. Destaca-se, nesses contextos, que as atividades no ciberespaço são permeadas

por influências mútuas, existentes na interação entre professores e alunos, horizontalmente integrados.

A vivência de todos os agentes educacionais no mundo da *web* já é por si só, um desafio. O processo de compreensão de eventos educativos solicitados pela sociedade ao professor está diretamente ligado à existência de um universo paralelo à escola que, direta ou indiretamente, ainda está centralizada na ideia de unicidade dos saberes, não usa e nem permite as mudanças conjunturais. Enquanto isso, as redes de conhecimentos fora do alcance e do domínio teórico-metodológico dos professores se espriam em amplas articulações sociais.

O trabalho docente que pretende romper com os desafios propostos pela contemporaneidade deve estar baseado no resgate do sentido social e, sobretudo, questionador que as tecnologias de informação e comunicação têm exercido sobre as ações pedagógicas de uma escola, cuja consciência e finalidade têm sido a contínua efetivação de atividades educacionais reprodutoras de práticas pedagógicas cristalizadas.

A sociedade ligada à *web* e às suas possibilidades linguísticas, educacionais e interativas busca um professor que seja sujeito potencializador da transformação e da reflexão teórico-metodológica do processo educacional, a partir da produção coletiva de saberes no ciberespaço.

Por outro lado, a inteligência coletiva, segundo Lévy (2000), designa o princípio pelo qual as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, potencializadas com o advento de novas tecnologias de comunicação, como a internet. Lévy (2000), sendo um dos maiores estudiosos sobre o assunto, ponderando sobre a questão afirma que a internet possibilita a partilha da memória, da percepção, da imaginação, resultando assim, em aprendizagem coletiva e troca de conhecimentos entre comunidades e indivíduos. A inteligência coletivamente disponível na *web* é refletida na possibilidade de se ampliarem as discussões políticas e sociais a respeito da defasagem do referencial teórico sobre a educação, requerido pela sociedade da informação e da comunicação digitais.

Diante dessas premissas, interroga-se: quais têm sido os empreendimentos teórico-metodológicos dos profissionais da educação, no que diz respeito à compreensão dos desafios pedagógicos que lhes são apresentados pelos estudantes nascidos na era da educação digital?

O alargamento dessa questão tem como pressuposto a apreensão do contexto de formação no âmbito da docência. Diante do desenvolvimento científico, tecnológico e, sobretudo, da mudança educacional solicitada pela dimensão política, econômica e cultural da sociedade atual, reconhecem-se as evoluções promovidas pelas novas tecnologias de

informação e comunicação como desafio. Nesse contexto, há desafios da articulação teórica e prática de ensino voltado à produção e, sobretudo, disseminação do conhecimento via *web*, a qual tem potencializado a continuidade dos saberes até então dispersos.

No que diz respeito aos desafios enfrentados pelos profissionais da educação, importa dizer que este trabalho é nascente de observações participantes realizadas nas escolas públicas de Irecê, onde tem havido uma ampla discussão sobre as influências que a *web* vem exercendo no fazer teórico-metodológico dos docentes, em especial, do Ensino Básico.

Os participantes dessas pesquisas são profissionais cuja formação ocorreu há mais de 15 anos, portanto são considerados como “imigrantes digitais”, visto que, à época de sua escolarização, as metodologias de ensino ainda eram centradas nos ideais behavioristas. Hoje, estes docentes encontram, em suas salas de aulas, alunos “nascidos digitais” que, de acordo com Prensky (2010), são os sujeitos nascidos na década de 1990, momento em que a internet se torna popular nesta geração, fazendo com que seus pensamentos sejam articulados com esses movimentos coletivos de troca de informação e saberes presentes na *web*.

Ainda segundo o autor, os professores desta geração estão do outro lado, isto é, “imigrantes digitais”, ou seja, membros das gerações mais antigas, são os que conseguiram aprender a usar as tecnologias digitais, uns mais, outros menos, e o fazem como os imigrantes: adaptam-se ao novo ambiente, mas sem deixar de ter o seu sotaque, mantendo o seu pé no passado; usam as novas tecnologias, mas de uma maneira diferente das gerações mais recentes. Observa-se que os professores aludidos no corpo deste trabalho, enquadram-se, perfeitamente, nessa descrição, pois usam a internet de modo secundário.

Essa realidade desafia velhas práticas docentes ao colocar o professor em estado de alerta, já que sua *práxis* educativa requer trabalho docente integrado ao uso das tecnologias e seus convivem com dilemas na construção de saberes relativos à interação humana requerida pelas práticas pedagógicas e pelo mundo do ensino.

Serão discutidas a seguir as relações entre a teoria e a prática pedagógica possível no trabalho docente ante as potencialidades da *web* como espaço de articulação de novos saberes.

### **3.1.1 A web na articulação de prática e saberes docentes**

O agir professoral diante das possibilidades múltiplas que a *web* oferece ainda é inócuo. A princípio, a prática docente nesse contexto deve ser transversal. O conhecimento na sociedade da informação é permeado de nuances e subjetividades, e é fundamental que seja visto do ponto de vista do paradigma rizomático de Deleuze e Guatarri (2000).

Segundo esses autores, deve-se apontar uma alternativa para superar a fragmentação/compartimentação do saber como na metáfora do rizoma, que subverte a ordem da metáfora tradicional da estrutura arbórea do conhecimento (tomado como grande árvore, cujas extensas raízes devem estar fincadas em solo firme), representando uma concepção mecânica do conhecimento e da realidade, resultado das concepções científicas modernas.

O paradigma rizomático, por sua vez, rompe com essa fragmentação e hierarquização que são próprias do paradigma arbóreo, pois são múltiplas e variadas as direções possíveis que podem tomar a análise da realidade e do conhecimento; portanto, são transversais.

Assim sendo, a ideia de rizoma é bastante elucidadora, porque diz respeito à questão da transversalidade da ação docente em relação aos saberes presentes na *web*, e o fazer do professor com os conteúdos na sala de aula.

No rizoma são múltiplas as linhas de fuga e, portanto, múltiplas as possibilidades de conexões, aproximações, cortes, percepções, etc. Ao romper com essa hierarquia estanque, o rizoma pede, porém, uma nova forma de trânsito possível por entre seus inúmeros saberes; podemos encontrá-la na transversalidade. (GALLO, 2002, p. 32).

À medida que o docente interage com essa realidade, a compreende, bem como vislumbra recursos para atender as necessidades reais da aprendizagem em redes educativas, exige-se, cada vez mais, dos agentes sócio-educativos perspectivas em que eles possam articular o significado e o sentido presentes na *práxis* docente. A *praxis* é entendida como a atividade de transformação das circunstâncias, as quais nos determinam a formar ideias, desejos, vontades, teorias, que, por sua vez, simultaneamente, nos determinam a criar na prática novas circunstâncias e assim por diante, de modo que, nem a teoria se cristaliza como um dogma, nem a prática se cristaliza numa alienação.

Com a presença da *web* no cotidiano das escolas e da sociedade, o docente é desafiado pela maquinaria tecnológica a tal ponto, que suas estratégias de ensino precisam ser revalidadas a todo instante. Quanto a isso Prensky (2010) afirma que a *web* institui outro paradigma de ensino e aprendizagem no século 21. Os estudantes de hoje estão crescendo em um mundo digital e esses "nativos digitais" aprendem de maneiras novas e diferentes, por isso os educadores precisam de novas abordagens, para tornar o aprendizado real e relevante para os estudantes.

O contato com múltiplos suportes induz a práticas e atuações novas com a educação. Os sujeitos são conectados à *web* e mediados pela tela do computador que, de forma sedutora, convida à interação por meio de atividades escritas e para transitar e aproveitar ao máximo as

potencialidades da rede digital, os movimentos e os comandos necessários à criação e à socialização das informações, nas infovias do ciberespaço, é fundamental que o professor tenha conhecimentos sobre a linguagem e a técnica de interação na *web*. Estas, por sua vez, são requeridas por meio de habilidades e práticas docentes distintas das tradicionais articulações do ensino.

Paralelo a todo esse movimento de modernização da sociedade e das relações sociais e interacionais que colocam o indivíduo num caminho muito além daquele percorrido pela escola, os professores que atuam nessa instituição vivem uma vida dupla: uma (fora da escola) conectada ao mundo contemporâneo através da internet e das redes sociais; outra (dentro da escola), que ainda mantém uma distância significativa dessa realidade fascinante.

De modo geral, as escolas estão acelerando o passo para atualizarem-se junto às demandas sociais contemporâneas, porém, apesar de haver experiências muito significativas na utilização das tecnologias digitais, como um meio de promover o ensino e a aprendizagem nas escolas públicas, existe ainda uma grande dificuldade dos profissionais para ressignificarem essas experiências no trabalho pedagógico, quando da articulação dessas tecnologias como ferramentas metodológicas para o envolvimento dos alunos na construção da aprendizagem e, conseqüentemente, para o seu desenvolvimento sociocultural.

Discutir a importância das tecnologias da informação e comunicação a serviço do trabalho pedagógico do professor é colocar a formação deste profissional como sujeito mediador de conhecimento na pauta da formação continuada. Assim sendo, o trabalho docente numa perspectiva inovadora, considerando o dinamismo da sociedade e da escola digitais, através de sua formação no mundo digital, tem como elemento-chave a articulação das diversas teorias da aprendizagem com o desenvolvimento da prática pedagógica requerida pela educação contemporânea vinculada ao ciberespaço.

A relação teoria e prática, no campo da escrita, sempre esteve muito articulada ao plano teórico, mas distante do dia a dia da sala de aula. Isso dificulta o processo de introdução de um elemento novo e fascinante, a *web*, como um mecanismo a ser levado para a sala de aula para atender uma emergência pedagógica, sem uma compreensão prévia de como fazer a articulação de seus saberes pedagógicos com os conteúdos específicos das áreas de conhecimento existentes na *web*.

Não se pode afirmar que os professores estejam distantes do mundo virtual, uma vez que participam ativamente das redes sociais. Precisam, entretanto, ressignificar o mundo digital em seu trabalho pedagógico para que este seja um recurso de articulação de práticas docentes, para integrar saberes que também se transformem em articulações em rede.

A partir desse pressuposto, pontua-se a necessidade de ressignificação dos processos de aprendizagem por esse profissional. Nesse sentido, é importante iniciar a reflexão quanto ao processo de aprendizagem dos profissionais do ensino, na contextualização de atividades didático-pedagógicas que favoreçam o envolvimento dos seus alunos no trabalho pedagógico em que a *web* seja reconhecida como um espaço de ensino e aprendizagem.

Com esse princípio, é importante compreender que a aprendizagem sempre foi um tema muito debatido em educação, principalmente, quando se discutem as atividades de ensino, porém, pela sua complexidade, acaba sendo deixada de lado, em favor de questões outras, como infraestrutura, condições de trabalho, remuneração.

Porém, em se tratando de desenvolvimento do trabalho do professor, a construção e articulação entre os saberes docentes e a aprendizagem torna-se elemento que influencia e é influenciada pela forma como os docentes organizam seu trabalho para promovê-la. Aqui se chama a atenção para o uso das tecnologias digitais e da *web* como recursos para ressignificarem trabalho do professor e o envolvimento dos alunos.

Nessa perspectiva, é importante também a discussão de docência como um processo de autonomia do professor ante os elementos que possam agregar ao seu trabalho. A complexidade da docência deve-se ao seu caráter essencialmente interativo, com forte impacto na subjetividade. Isso significa que, no seu fazer cotidiano, o professor tem que tomar muitas decisões levando em conta as prescrições institucionais típicas desse trabalho, mas também as necessidades e idiosincrasias dos atores que com ele contracenam.

A sala de aula é considerada como um espaço de incertezas e de elementos indeterminados (TARDIF; LESSARD, 2005), impossíveis de serem totalmente controlados, portanto, um trabalho flexível, pois é composto de diversas nuances e ambiguidades próprias da ação entre sujeitos sociais. Nesse sentido, Pimenta e Anastasiou (2002, p.14) afirmam que a docência é “uma prática social complexa, carregada de conflitos de valor e que exige posturas éticas e políticas”.

É justamente quanto à retomada do significado da docência como atividade ética e política que se aborda a necessária ênfase no processo interativo entre professor-aluno-conhecimento. Essa nova interação mediada pela *web* apresenta-se como um novo obstáculo à ação daquele professor que não esteja conectado com as reais possibilidades de interação mediada pelas mídias digitais.

O trabalho docente pressupõe uma autonomia, definida por Montero (2001) como a capacidade de controle das próprias decisões profissionais, ou capacidade para auto regular-

se, e é este um dos aspectos considerados mais importantes de sua condição de trabalho e um dos maiores desafios do ser professor na atualidade.

Esse desafio, contudo, precisa ser compreendido como uma construção que faz parte do trabalho docente. Essa constituição é iniciada no entendimento de que o ensino é muito mais do que a transmissão de conhecimentos de uma geração a outra. Antes, é uma atividade que envolve relações entre pessoas que vivem e transitam em ambientes diversos e culturalmente diferentes e que precisam estar num mesmo espaço com objetivos similares para que o ensino aconteça.

Ao levantar essa subjetividade, Tardif (2002) pontua que o trabalho docente precisa ser compreendido como uma “atividade instrumental” (TARDIF, 2002, p.117), portanto, o ensino pressupõe uma técnica. De acordo com o autor,

[...] ensinar é utilizar forçosamente, certa *tecnologia*, no sentido lato do termo. Noutras palavras, a pedagogia corresponde, em nossa opinião, à dimensão instrumental do ensino: ela é essa prática concreta, essa prática que está sempre situada num ambiente de trabalho, que consiste em coordenar diferentes meios para produzir resultados educativos, isto é, socializar e instruir os alunos em interação com eles, no interior de um determinado contexto, tendo em vista atingir determinados objetivos, finalidades, em suma, determinados resultados. (TARDIF, 2002, p. 118, grifo do autor).

É na compreensão da complexidade do seu trabalho que o professor deve articular os diferentes saberes a serviço da elaboração e vinculação das atividades pedagógicas aos recursos que venham favorecer resultados positivos quanto à significação do papel da escola e do conhecimento pelos alunos.

O trabalho desenvolvido pelos professores está além das matérias a serem ensinadas, pressupõe intensa interação entre seres sociais e culturais. É aí que o ciberespaço aparece como possibilidade de ensino e de aprendizagem num ambiente que, por si só, já determina uma interação ativa dos sujeitos.

Haverá um olhar positivo para as tecnologias digitais, como recurso respeitável para o desenvolvimento do trabalho docente, a partir do momento que o professor ou os cursos de formação de professores, requeiram uma formação baseada no controle das ações do seu trabalho, que tenha como princípio a autonomia intelectual e que compreenda que o excesso de subjetividade do trabalho docente poderá ser minimizado quando da utilização das suas atividades racionalizadas.

Longe de evidenciar o tecnicismo, se busca um termo que concretize que o ensino, apesar de complexo e essencialmente subjetivo porque envolve tantas outras dimensões do ser humano, precisa ser racionalizado, ser pensado, ser mais objetivado, precisa de técnica sem

ser tecnicista devido à interação necessária entre os sujeitos. “através da introdução de medidas de eficiência na organização do trabalho” (TARDIF, 2002, p. 121). O importante é não transformar esse recurso em mais uma técnica de ensino, mas usá-lo como alternativa da mediação da aprendizagem, na qual o aluno sinta-se vivenciando, intensamente, o espaço de produção de conhecimentos.

De acordo com Lévy (2001), é na interação entre saberes e sujeitos do conhecimento que a inteligência coletiva se instaura e, portanto, conduz aos processos de ensino e de aprendizagem em rede.

O desafio proposto pelo ciberespaço, cibercultura, ciberdiscurso é um processo de “autocriação que fez surgir a espécie humana quando da transição cultural acelerada que vivemos hoje.” (LÉVY, 1996, p. 12).

Assim, podem-se entender os aspectos sociopolíticos que fundamentam as discussões a respeito das transformações que as tecnologias intelectuais trazem à vida individual e coletiva na contemporaneidade, fazendo com que se possa atuar de maneira dialógica e que as polifonias sejam consideradas como potencializadoras de saberes, sejam eles reais ou virtuais.

Lévy (1996) ainda diz que a sociedade contemporânea, cartografada pelas vias virtuais das tecnologias de informação e comunicação, somatiza as potencialidades dos saberes a partir da perspectiva da atualização. Destarte, o *virtus*, segundo a visão escolástica, é potência, visto que “o virtual tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal. [...] em termos filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente.” (LÉVY, 1996, p. 15).

Nesse sentido, o ciberespaço leva ao encantamento devido à possibilidade de navegação por vias em que a imaginação é livre e, portanto, leva os cibernautas à produção e socialização de seus saberes por meio de comunidades potencialmente viáveis.

Parte-se, por conseguinte, do princípio de que a prática realizada nesse espaço é constituída por elementos simbólicos que permitem associações semióticas. As trocas simbólicas levam à comunicação e à geração de relações sociais, culturais e, sobretudo, mantêm, de forma contínua, o pensamento abstrato que designa o comportamento humano e social na contemporaneidade marcada pela presença de tecnologias intelectuais, auxiliando na construção e associações livres entre os campos epistemológicos que suportam a linguagem, o ensino e as práticas docentes.

A partir dessas reflexões é que estão postos os questionamentos com os quais se interroga se o trabalho, o saber docente e os conhecimentos dos estudantes advindos de suas vivências na *web* auxiliam na melhoria da prática pedagógica dos profissionais da educação,

bem como permitem sua renovação ao se deparar com os novos horizontes de ensino e aprendizados possibilitados pelas tecnologias da informação e comunicação e as mídias digitais.

Assim sendo, poder-se-ia dizer que a *web* tem problematizado práticas de ensino e aprendizagem até então cristalizadas pelos pressupostos da modernidade. Os professores praticantes de tais metodologias detinham o controle dos saberes e, como sujeitos do saber, direcionam aos seus discípulos suas impressões e modo de aprender. Todavia, com a popularização das informações na *web* mudam-se as características da relação professor-aluno-conhecimento-aprendizagem.

Nesse contexto, sugere-se uma prática pedagógica cuja parceria entre docente e alunos alfabetizados digitalmente os levariam a especializarem-se em busca de conteúdo, análise e apresentação, por meio de várias mídias que os conduziriam à aprendizagem e à construção da inteligência coletivas. Assim, os professores especializar-se-iam nas linguagens e nos sentidos propostos pela *web* para orientar a aprendizagem do aluno, fornecendo perguntas, contexto e condições para um projeto de instrução e avaliação de qualidade à sua prática docente.

Por outro lado, a *web* torna-se uma ferramenta que os alunos usam para aprender habilidades e desenvolver competências essenciais de/para "fazer as coisas", articulando os mundos da escola, da vida e do conhecimento, possibilitados pelos sentidos que as tecnologias da informação e da comunicação permitem ao uso da linguagem no campo da *práxis* docente. Os professores precisam agir como orientadores e motivadores de aprendizagens, para auxiliar os estudantes a descobrirem que abordagem de aprendizados, tem mais sentido para eles.

### **Webletramento e suas implicações no cotidiano da sala de aula**

A escola vive em constante conflito com as dinâmicas da sociedade e não poderia ser diferente com as múltiplas possibilidades que a *web* tem permitido para os processos de letramento a partir uso de gênero do discurso.

Como pensar o ensino e a formação docente neste contexto tão tecnológico? As escolas e os professores já estão lidando com esses desafios impostos pela cultura escrita digital, a cibercultura?

Estas questões são muito mais profundas e requerem diálogos com bases ontológicas e epistemológicas. Todavia, é interessante advertir que são pontos importantes para a reflexão acerca do lugar que a informática e a *web* vêm assumindo na formação docente.

Os novos suportes tecnológicos, ancorados pela internet e suas redes sociais e comunicativas, bem como as mudanças até então não autorizadas pelo sistema educacional centrado na educação bancária, em que o letramento foi confundido com alfabetização por algum período da formação dos professores.

Dessa maneira, a formação profissional do docente está intimamente ligada com a inclusão e a participação efetivas dos sujeitos no tecido social, educacional e tecnológico constituinte das demandas requeridas pela cultura da escrita digital.

Assim, compreender essa dialética vai permitir a visualização do papel da formação de professores que, direta ou indiretamente, está vinculada ao desenvolvimento das práticas de escritas, tanto no ambiente escolar quanto no ambiente digital, onde o “saber escrever” é condição *sine quo non* para a inserção e a interação verbal na cibercultura.

Hoje, as tecnologias da informação e comunicação assumem a *dialética interna* da formação profissional docente, visto que o conhecimento das linguagens circundantes no ambiente digital constitui o novo momento histórico da formação do homem contemporâneo. Isso quer dizer que as ideias clássicas de letramento estão sendo reorganizadas para atender aos aspectos sociais e pedagógicos demandados pela cultura digital: as informações são produzidas e socializadas, por meio da capacidade criativa somente permitida pelo uso sociais das linguagens.

Dessa forma, metodologias de ensino têm sugerido que a formação docente, no contexto da sociedade da informação e do conhecimento em rede cooperativa, precisa voltar-se para o reconhecimento de que os recursos tecnológicos conduzem às práticas de letramentos múltiplos. Por isso, atividades de escrita e de leitura, que até então caracterizavam o ensino escolar como instrumento de inserção social ao mundo do letramento, ganham outra dimensão e assumem lugares de interação social em rede formativa para além da escola. É fundamental que o professor esteja letrado digitalmente para poder interagir, social e linguisticamente, com os seus estudantes e a comunidade escolar que, por sua vez, é considerada digital – veja-se a quantidade de laboratórios de informática implantados pelos programas governamentais.

Na atualidade, a educação vive uma relação de dependência com recursos tecnológicos e digitais, na qual o homem, a máquina e a tecnologia a complementam. Isso acontece em virtude de o mundo estar centrado no ideal de inteligência artificial e, portanto, a educação, antes pensada por meio de processos individualizados, cede lugar para a construção de saberes formativos de sujeitos coletivos.

Dessa forma, a educação contemporânea levará em conta questões de inclusão ao

mundo do letramento, tendo, inclusive, nas tecnologias da informação e comunicação, a instrumentalização de ensino e de aprendizagem de culturas escritas requerida pelo ciberespaço que, por meio de ideologia formativa para o mundo do trabalho, permite a utilização das ferramentas digitais de aprendizagem.

Desse ponto de vista, pode-se afirmar que o conhecimento da internet, como meio de acesso à cibercultura, é fruto de necessidades do ser humano, ser em constante formação e que demanda por processos intelectuais e tecnológicos, que o insiram em projeto de educação no qual o letramento possibilite a transversalização de saberes.

Assume-se, hoje, o letramento digital como tecnologia educacional integrante de um momento histórico. As TICs são parte da realidade atual e por isso estão interligadas à formação e à construção do sujeito, enquanto ser ontológico e epistemologicamente situado na cibercultura. “A tecnologia faz parte desse contexto não como algo fora, mas como parte de um todo em que o homem cria, recria e se beneficia da sua própria realização e das demais colocadas na sociedade” (GRINSPUN, 1999, p. 19).

Importa ainda afirmar que após a tomada de consciência permeia todas as ações dos professores e, principalmente, daqueles sujeitos em formação, visto que os fatos e os problemas sociais, políticos e educacionais gravitam em torno de questões econômicas e tecnológicas, surgidas na emergência de uma sociedade da informação e comunicação, articuladas por meio de escritas e signos desenvolvidos para a organização no ciberespaço e para a manutenção da cibercultura.

Para Freire (1980), ao se tomar consciência dessa realidade, é fundamental que os sujeitos assumam uma consciência crítica, posicionando-se como seres ativos cuja *práxis* permita fazer e refazer o mundo com o material – tecnologias – que a vida e o momento histórico lhes consentem. Ele ainda propôs que, em face das searas abertas pelas tecnologias, o ato de construção e o uso do conhecimento fossem tomados como um direito social, constituindo a dimensão ética da educação, da formação e da tecnologia enquanto recurso didático e pedagógico para a formação humana.

Para Lévy (1996), o resultado da apropriação da informação e do conhecimento disponíveis no âmbito da cibercultura tem caráter inclusivo e não exclusivo, conforme feito até então pelo ensino centrado nos fundamentos da modernidade positivista, quando a formação do sujeito tinha como princípio básico a centralidade do conhecimento.

A educação contemporânea tem eixo formativo ancorado na presença das linguagens e dos códigos das tecnologias digitais, que estão a serviço da humanidade para a sua emancipação e não para a sua destruição. Diante dessa percepção, há um leque de novas

possibilidades que a técnica da escrita oferece, num movimento de inclusão de todos e não somente de um pequeno número selecionado ou percebido por alguns atores sociais.

Lévy (1996), considera que a presença das tecnologias de informação e comunicação, no cotidiano das sociedades contemporâneas, permite a reflexão profunda a respeito da função instrumental e pedagógica latente da prática de escrita na cibercultura, haja vista a importância exercida pelo hipertexto disponível, a qualquer momento, na rede.

Assim sendo, há que se reconhecer o progresso e as mudanças ocorridas no universo educacional e, em especial, na formação docente, posto que, com as TICs, ampliaram-se as possibilidades de acesso e de aquisição de culturas escritas difundidas no ciberespaço. A partir de então, as “novas” tecnologias criaram um cultura em que a informatização e digitalização permitiram novos modos intelectuais de produção e recepção, nos quais o conhecimento e a manipulação de signos e de representações escritas intensificaram a discussão sobre letramento digital.

Certamente, os meios informáticos e digitais expandiram a relação do homem com a linguagem e com a “parafernália” de equipamentos digitais nunca antes imaginados no contexto educacional e formativo. Para além dos muros da escola e dos centros de formação profissional, os computadores ligados à internet vêm causando mudanças tanto na maneira de ensinar quanto no modo de aprender, haja vista os sujeitos sociais e educativos terem adquirido autonomia para o uso das tecnologias disponíveis no universo escolar e social.

Por outro lado, essa questão pleiteia movimentações cujo caráter operacional é altamente especializado no que se refere ao domínio dos recursos tecnológicos à disposição de toda a comunidade, visto que se vive na sociedade da informação e do conhecimento em rede digitais, a cibercultura.

A partir dessas premissas é que se toma o *webletramento* como perspectiva sociocultural e formativa discentes. O hipertexto existente na *web* e tornou-se uma realidade, permitindo que a leitura e a escrita de gêneros textuais diversos se misturem às linguagens iconográficas e audiovisuais veiculadas e aceitas sem interrupções no ciberespaço.

Dir-se-ia, portanto, numa perspectiva apologética, que as tecnologias da informação e comunicação possibilitam, mesmo de maneira forçada, o *webletramento* docente. Neste texto, objetiva-se evidenciar a importância e as implicações do *webletramento* no contexto da formação profissional, reconhecendo ainda que a internet, enquanto suporte para o desenvolvimento e o acesso à cibercultura, e, por sua vez, ao *webletramento*, ainda não está disponível a todos, mantendo, assim, o abismo entre incluídos e excluídos, graças às lacunas ainda existentes na formação de professores. Por outro lado, essa mesma tecnologia vem

promovendo novas formas de organização, leitura e inserção de jovens na sociedade letrada digitalmente, os quais, de forma autônoma, apropriam-se de saberes ora veiculados na internet, tornando-se webletrados sem a participação da escola e do professor.

Considerando a sociedade um organismo marcado pelo digital, novas formas de leituras *escrita* devem ser consideradas, a fim de que se detone um processo educativo e *formativo docente e discente* de alfabetização e letramento significativo, que leve em conta a multiplicidade tecnológica que hoje se apresenta e que não pode ser negada. (RIBEIRO, 2011, p. 87, grifo meu).

Nesse conjunto de argumentos está aquilo que Lévy (1996) considerou como o princípio da dinamicidade, segundo o qual, o conhecimento é produzido de maneira instantânea e em rede. Esta coloca os sujeitos, especialmente os agentes escolares, educacionais e formativos, em contato com a cibercultura, onde todo lugar é ocupado por interações hipertextuais potencializadoras de novas e amplas educações linguísticas, culturais e digitais, tendo como elemento mediador de escrita e leituras digitais o hipertexto.

Ainda de acordo com o princípio da dinamicidade levineana, a tecnologia, quando empregada em processos formativos e educacionais, leva à interação entre humanos e sistemas informáticos, promovendo uma dialética interna em que o virtual e o atual movimentam-se de tal modo que chegam a se confundir. Então, o atual torna-se o possível, estático, o já constituído, enquanto o virtual é algo imanente e, portanto, provoca a atualização, e a formação continuada assume e, ao mesmo tempo, exige potência, pois, constantemente, há latência nesse processo.

Essa dinâmica promove desarranjos e, certamente, as velhas “certas competências” são colocadas à margem do processo formativa e educacional, permitindo a emergência de outros modos de ação e aprendizagem. Isso não tem passado despercebido, ao contrário, tem provocado conflitos, que, por sinal, têm contribuído muito para o reconhecimento de que o *webletramento* constitui-se “numa nova dinâmica de colaboração entre o ensino e a aprendizagem em rede.” (LÉVY, 1996, 17).

Considerando que as bases para produção, ensino, aprendizagem e aquisição de cultura escrita variam, consideravelmente, e os sistemas digitais permeiam o cotidiano, o *webletramento* é uma potência no campo da formação docente, haja vista os estudantes do Ensino Básico ao superior transitarem por esse espaço da cibercultura. No que diz respeito à produção e à distribuição de conteúdo *online*, sites de redes sociais, *weblogs*, entre tantos outros, asseguram o reconhecimento da existência desses artefatos culturais digitais, cujos métodos de observação tornaram-se possíveis devido aos estudos da internet terem avançado

no campo da etnografia virtual – os métodos de coleta e análise de dados vão da observação participante direcionada às análises do conteúdo, às questões linguísticas e arquitetônicas do texto publicados nos *weblogs*.

Com a presença dos recursos da informática associados às ferramentas da internet, a exemplo dos *weblogs*, sedutores e imprescindíveis para a formação de um aluno letrado digitalmente, acredita-se que a escola pode, através do uso sistemático e didatizado de tais ferramentas, ser diferente, divertida, reconhecendo que sua função é construir, problematizar, pensar, enfim, colocar em prática ações de aprendizagem que estimulem a participação na cultura escrita disponível socialmente.

Não há dúvida de que as TICs ampliaram o acesso ao mundo da cultura escrita e, com isso, surgiram novas necessidades de apreender os novos princípios da escrita recorrentes no mundo digital. Daí decorrem as discussões sobre as recentes compreensões do conceito de letramento, incluindo-se aí o *webletramento* como nova proposta de ensino, aprendizagem e formação docente, no que diz respeito às práticas de escrita em *weblogs* e redes sociais disponíveis na *web*. Dessa maneira, *webletramento* constitui, na atualidade, outra possibilidade de letrar, porque a instância digital – *web* – permite a inserção de modos variados de lidar com os novos usos da cultura escrita na sociedade contemporânea, a qual institui, em suas relações sociais, o uso da escrita de gêneros do discurso em suportes tecnológicos variados.

Além disso, o *webletramento* permite a apropriação de recursos tecnológicos e suas linguagens operacionais, bem como práticas escritas circulares no ambiente digital, operacionalizado no ato enunciativo de comunicação, o que remete ao pensamento bakhtiniano de que as práticas sociais da escrita situam a natureza social do gênero discursivo produzido e publicizado na *web*.

Nessa perspectiva, a escrita está ligada à criação de uma nova forma de comunicação, cuja semiose permite novas maneiras de discursos, o que faz pensar que a escrita digital possibilita a elaboração de modelos conceituais de ensino que envolvem os elementos linguísticos e as estruturais da escrita digital.

No contexto da escrita e leitura, o *webletramento* protagoniza momentos importantes para a formação do estudante, uma vez que lhe permite a interação com outras formas de linguagens. A formação docente atenta ao *webletramento* figura como possibilidade de práticas de linguagens interacionais na medida em que se reconhece o plano dialógico instituído na comunicação via *web*, no qual,

A escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais, que o leitor reinventa, podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita. (LÉVY, 1996, p. 46).

Além disso, o leitor também tem acesso instantâneo a outros textos, palavras, imagens, gráficos, dados, diagramas, e pode dar continuidade a outros caminhos e conteúdos, permitindo o ingresso em várias categorias de textos.

O leitor/autor passa a construir um texto coletivamente com pessoas de várias partes do mundo, numa dinâmica em que cada um contribuiu com seus diferentes pontos de vista, escrevendo, reescrevendo e revendo conceitos.

Esse letramento digital, como assinala Xavier (2004),

é uma necessidade contemporânea, que só tende a aumentar, porque a nossa participação na nova era digital deve passar necessariamente pelo aprendizado da leitura e da escrita no contexto hipertextual, o qual deve mediar as nossas relações de sujeito. (XAVIER, 2004, p. 59).

O autor refere-se ao hipertexto como o caminho para um letramento digital, que exige conhecimentos prévios e, assim, possibilita ao leitor uma visão mais ampla de mundo e de conhecimentos. Nesse sentido, é bom lembrar que “[...] o hipertexto não traz um novo espaço para a escrita, mas um novo espaço para a textualização, ou seja, vem trazer um conjunto de indagações.” (MARCUSCHI, 2001, p.91).

O hipertexto pode, portanto, ser considerado um espaço para novas escritas, mas também é lugar para novas leituras e interpretações; daí a construção de interações em *weblogs* ser uma contribuição na educação baseada no *webletramento*.

De acordo com Barreto 2010,

[...] se entende que o *weblog*, além de sua posição como artefato tecnológico, constitui-se ainda como hipergênero, pois permite a prática de aquisição e ensino de gêneros outros. [...] essas questões poderão de fato inseri-lo, bem como seus estudantes à prática de escrita e, por conseguinte, à aquisição de linguagem por meio do universo da escrita proporcionada pelo mundo digital. (BARRETO, 2010, p. 15)

Até aqui se destacaram questões conceituais e teóricas a respeito do *webletramento* e sua relações com o letramento digital. A seguir, serão discutidas as mudanças que poderão sofrer a formação docente a partir do momento em que se tenha no processo formativo, o entendimento de que a cultura escrita digital é uma realidade a ser considerada por todos os envolvidos no ambiente educacional.

Dito isto, cumpre mostrar as implicações da apreensão de *webletramento* e discutir como tê-lo como categoria teórico-prática a ser aplicada para e na formação de profissionais da educação capazes de lidar com as demandas sociais de escrita e de leitura reclamadas pela realidade contemporânea. Para isso, toma-se como base a ideia de que a tecnologia da informação e comunicação, que por sua natureza é cooperativa e possibilita a construção de conhecimento em rede, permite o *webletramento* de todos que têm acesso ao mundo dos saberes linguísticos, culturais e semióticos disponíveis na internet.

Estes saberes, por sua vez, são edificados no princípio da dinamicidade da *web* e têm como meio para sua propagação as tecnologias digitais. O domínio da escrita, enquanto técnica, mantém a possibilidade de inserção do sujeito no campo da cibercultura, a qual é constituída por signos representados linguística e semioticamente e, por isso, permitem a manutenção da categoria *webletramento*.

O conhecimento linguístico atualiza, de forma substancial, o ideário de que o *webletramento* provoca, nos usuários da *web*, ações e reações diferenciadas em face dos estímulos que o mundo hipertextual apresenta. Entende-se, portanto, que a escrita é uma técnica que permite ao homem a nomeação e a criação de signos variados e, enquanto tecnologia, o texto é um mecanismo para aumentar as possibilidades humanas de falar, mostrar, sentir, ver, ouvir e perceber. É a própria extensão da capacidade de comunicar e de entender do homem, ponderou McLuhan (1964) em sua teoria da comunicação.

As práticas de *webletramento*, ao longo do tempo, centralizaram o processo de formação dos professores, os quais aprenderam, ou melhor, não compreenderam a distinção entre as práticas sociais de escrita e leitura em diferentes contextos – letramento – e o ensino de escrita e o reconhecimento de letras em suas variações fonéticas e fonológicas-alfabetização. Todavia, agora são levados ao convívio e ao investimento em processos de formação que reconheçam e constituam práticas pedagógicas voltadas para o uso das tecnologias digitais promotoras de *webletramentos*.

Por outro lado, tais investimentos devem ser mediados por uma prática educativa articulada pela tecnologia, entendida como instrumento que desenha uma pedagogia ativa, cooperativa e multidisciplinar e que tenha, no universo digital, o cerne da formação continuada. Esta, por seu turno, induz a uma educação tecnológica que prepara o profissional para o exercício de múltiplos letramentos reclamados pelas vivências no ciberespaço, portanto, *webletramentos*.

Todas essas caracterizações têm como princípio a formação profissional que vise

preparar para o futuro e leve o aluno, com os esforços dele, a resolver problemas e a tomar decisões por si próprio, desenvolvendo a autodisciplina, o autodomínio, a autonomia, a responsabilidade, a criatividade, a fluência verbal, a tomada de decisões *e com isso, vivenciar o presente para, em seguida se projetar o futuro.* (RIBEIRO, 2011, P. 91, grifo meu).

A tecnologia e a educação devem garantir o acesso e a permanente formação do professor, objetivando, assim, a técnica, que não deve ser reduzida a um conjunto de ferramentas com as quais se escrevem textos variados. A relação homem, computador e internet deve ser mais que um produto das novas perspectivas de formação continuada, antes, deve se constituir numa nova dinâmica para o ensino e aprendizagem de escrita e leitura em rede.

As principais implicações que o *webletramento* pode trazer à formação docente estão relacionadas às novas metodologias que a internet possibilita: criação de redes sociais e interacionais onde a escrita se institui como tecnologia secundária, semioticamente fundada nos princípios da dinamicidade dos signos. O *webletramento* desconstrói estratégias até então centradas na formação para a simples alfabetização e reconhecimento de palavras e frase soltas e permite o aprendizado e a prática de linguagem por meio dos contextos socioculturais existentes no mundo da *web*.

### **5.1 Webletramento potencialidades à cibereducação**

O uso da web e de comunicação na educação deve ser pensado na perspectiva de que o desenvolvimento técnico e intelectual para essa realidade tem que ser significativo ao ensino e à aprendizagem. Nesse contexto, a ação formativa do professor deve criar condições para que ele domine os recursos tecnológicos, inserindo-o em uma nova realidade, a cibercultura, a qual oportuniza a comunicação e a interação de diversas maneiras nos variados campos do saber. Isto, porque “é impossível que um só ser humano, ou mesmo um grupo, domine todos os conhecimentos todas as competências” (LÉVY, 2000, p. 181).

A formação para a cibercultura constitui-se em assunto complexo e até polêmico. Formar sujeitos – estudantes e professores – para a cibereducação requer inovar as concepções, e os desafios apresentam-se na medida em que o trabalho docente pressupõe mudar a ordem da *praxis* educativa até então centrada no professor, o qual decidia o que ensinar, o quê e o como o aluno aprenderia. Entretanto, atualmente, essa decisão não é mais exclusiva do profissional da educação, uma vez que os estudantes interagem com múltiplas

fontes de informações para além daquelas propostas pela escola e pelo discurso do professor e suas referências pessoais e intelectuais.

Diante disso, faz-se necessário esclarecer que, com a popularização das tecnologias de informação e comunicação, o modelo docente de “dono do saber” transformou-se e as formas de ensinar e aprender, diante dessa realidade, precisam de atualizações. Então, o professor nesse contexto deixa de ser o detentor do saber no processo educacional e passa a ser um facilitador, indicando aos estudantes as fontes informacionais e formativas de onde seus saberes serão obtidos e, conseqüentemente, levados à interação em sala de aula. A figura do educador com conhecimento integral e inquestionável entra em declínio, emergindo, assim, novo tipo de intermediário do conhecimento, o professor articulador.

[...] a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação deveria levar a uma mudança na relação pedagógica entre professor e estudante. [...] O professor deveria abandonar seu papel de transmissor de informação para desempenhar um papel de guia, de conselheiro para o estudante. (ALAVA, 2002, p.138 apud TARDIF, 1998; SANDHALTZ, 1997, p. 159).

No entanto, a resistência à mudança pedagógica ainda é uma realidade e “não se pode esquecer que foram necessários cerca de 10 anos para que o uso dos retro projetores se tornasse significativo na aula [...]”. (ALAVA, 2002, p.138). Então, o processo de mudança é árduo e leva certo tempo, pois o ensino está desacreditado e a falta de política de valorização dos professores, investimentos e projetos de inclusão digital, aliados à formação docente, vêm causando perda na qualidade da prática pedagógica, por ficar fora do contexto da sociedade marcada pelo desenvolvimento tecnológico.

A falta de investimento e valorização na formação do professor para o uso das TICs traz insatisfação aos educadores, que tendem a se sentirem excluídos de um processo de dimensões planetárias, implicando num descompasso no seu fazer educativo. Assim, a necessidade de mudança na prática docente é premente e deve haver, portanto, uma formação continuada que propicie a reflexão sobre a ação, a valorização de saberes, na perspectiva de que o professor é um agente produtor de conhecimento e como tal possui interesses e necessidades culturais, políticas e simbólicas equivalentes aos seus aprendizes.

Embora se afirme que a sociedade é do conhecimento, o panorama educacional e formativo ainda está pautado na prática tradicional que se baseia no ensino transmissor de um a todos – em que a matéria prima do ensino-aprendizagem é transferida para a memória do estudante via discurso oral do professor. E, mesmo com tantos avanços teóricos que propõem substituir o foco do ensino para a aprendizagem, a maioria das escolas continua arraigada em

práticas tradicionais, mantendo-se fechadas, enquanto, em seu entorno, os alunos apresentam-se como novos expectadores que aprendem manipulando as novas tecnologias.

O papel do professor nesse novo espaço deixa de ser de um mero reprodutor-transmissor de informações e passa a ser o de facilitador, mediador da aprendizagem. Ao professor cabe incentivar o processo de melhoria contínua, respeitando sempre os conhecimentos prévios dos alunos no processo de construção do conhecimento.

O docente desenvolve habilidades que venham facilitar o processo de ensino e aprendizagem. Para isso, porém, é preciso o exercício constante de questionamento e de reflexão dos resultados das atividades com os alunos, para, cada vez mais, a partir da ação-reflexão aprimorar a atuação no espaço de aprendizagem.

Com base em Sacramento e Alves (2007), afirma-se que o professor não pode aprender essas práticas reflexivas quando está atrelado à condição de consumidor passivo de informações, quando não lhe é dada a oportunidade de apresentar a sua realidade social e questionar o que está sendo imposto como única forma de ensinar e aprender. Nas palavras de Teles, Santos e Andrade:

A formação continuada do corpo docente e o repensar do seu papel no processo pedagógico devem sair da condição de reprodutivistas de um modelo de ciência positivista e passar à condição de protagonista do conhecimento mediador da formação de sujeitos autônomos, capazes de lidar com a diversidade típica de um mundo em constante transformação, marcado por valores como flexibilidade, cooperação, trabalho em equipe, diversidade, pluralidade cultural, subjetividade, maior intercâmbio de saberes pautados pela interdisciplinaridade. Tais anseios serão possíveis inicialmente com a tomada de consciência de si e que o processo de formação é durante toda a vida. (TELES; SANTOS; ANDRADE, p. 39).

De acordo com Almeida (2001), na formação de educadores para incorporar as novas tecnologias, devem lhes ser dadas condições de desenvolver, de forma crítica e reflexiva, um estilo próprio de atuar com as ferramentas oferecidas. A autora diz ainda que a formação orientada para a mudança e inovação focaliza-se no contexto do trabalho dos educadores e ocorre com o grupo de profissionais interessados em provocar transformações na escola. Portanto, a aprendizagem destes se dá a nível pessoal, profissional e institucional.

Para o docente que se habituou a dar aula sempre da mesma maneira, falando o tempo todo, que estabelece uma única forma de avaliação e não busca o conhecimento, esse novo espaço em que a internet domina será um martírio. O profissional que não está acostumado com a modernidade, possivelmente, achará a internet complexa, devido à abundância de informações disponíveis, ou, até mesmo, utilizará esse meio para procurar planos de aulas prontas, para aplicá-los mecanicamente na sala de aula. (BARBOSA, 2004, p.189).

Esse professor analógico continuará limitado antes e depois da internet, só que nesse ambiente a sua discrepância entre o ensino analógico e digital se tornará mais perceptível.

Com base nisso, os recursos tecnológicos precisam estar a serviço de um projeto pedagógico claro. Seu uso requer planejamento sistemático e deve estar incorporado a tantos outros recursos.

Diante desse contexto, a mudança na escola tem que ser profunda para que esta instituição possa desempenhar um papel significativo na sociedade, uma vez que o modelo educacional ainda é baseado na transmissão de conhecimento e o aluno é visto como um ser passivo, sem capacidade crítica e reflexiva.

A inclusão na perspectiva moderna significa um modelo nos quais todos os indivíduos serão inseridos, introduzidos e adaptados. Então, nessa perspectiva, cabe aos professores e alunos se inserirem nesse novo espaço que está se formando, a cibercultura, uma vez que o primeiro passo a ser dado é garantir a participação ativa da população.

Atualmente, o computador faz parte da rotina da maioria das pessoas, portanto, a informatização é uma realidade que a escola precisa acompanhar sob o risco de tornar-se ultrapassada ou, até mesmo, desacreditada se assim não o fizer. Dessa forma, acredita-se que já não se trata de discutir ou não a utilização do computador no processo de ensino e aprendizagem, mas, sim, das formas de utilizá-lo.

Segundo Bonilla (2007, p. 2 - 3), pensar a inclusão digital significa refletir, necessariamente, sobre um conceito mais abrangente, no qual o incluído possa ter condições de participar, questionar, decidir, produzir e publicar, pois um dos grandes fatores que se tem percebido, na atualidade, é que a maioria das pessoas que utiliza as novas TICs só sabe consumir informações, não sabem produzir conhecimentos e colocá-los na rede. Tais pessoas estão tendo acesso às novas tecnologias, mas não estão sabendo, ainda, utilizá-las de forma mais produtiva.

Nessa visão Bonilla (2001 p.3) afirma que:

É preciso investir na democratização do uso, ou seja, na participação efetiva da população, de forma que tenham a capacidade não só de usar e manejar o novo meio, mas também de aprender, prover serviços, informações e conhecimentos, articular redes de produção que permitirão e potencializarão a emergência do povo, a proposição, a efervescência da diversidade [...] (BONILLA, 2001, p. 3).

Nesse contexto, é descartada a ideia de uma sociedade consumidora de informações. Antes, há a necessidade de produção de informações de forma crítica e intervencionista na sociedade.

Com a introdução das TICs na educação, é notório observar que o grande desafio será criar possibilidades favoráveis para o indivíduo superar a condição de consumidor de informações, passando a utilizar o novo meio para investir em um processo que possibilite transformar os dados em informações e as informações em conhecimentos. Além disso, é necessário que se perceba o potencial de, cada vez mais, diminuir a distância, viabilizar a interação social favorecendo a participação ativa na dinâmica contemporânea e promovendo a diversidade cultural nas redes, através dessa aproximação cada vez mais presente na sociedade atual.

## **5.2 Weblog inovação na prática de ensino de práticas de escrita**

Esta sessão tem como objetivo narrar a experiência docente realizada no primeiro semestre do ano letivo de 2011, de uma escola pública de Irecê Bahia. Para isso foi acompanhado o weblog [www.giogome.blogspot.com](http://www.giogome.blogspot.com) no qual os estudantes deveriam produzir variados gêneros textuais, considerando que essa prática de escrita, no espaço virtual, cujos aspectos sociais e interacionais os colocariam no âmbito do webletramento.

Neste contexto, a metodologia fundamentou-se na etnografia virtual, devido à convivência contínua entre os estudantes e o professor na blogosfera e na web durante 6 meses de intensa produção escrita e de leitura. Neste período, foram postados 171 textos, dos quais foram analisadas linguisticamente e textualmente 10 produções autorais.

Esta experiência evidenciou quão amplo é o leque de possibilidades para o estudante e o professor, quando estes têm contato com a escrita em ambiente digital no que diz respeito ao ato de escrever e de ler em rede.

Neste contexto, recorreu-se ao diálogo com as teses de Coscarelli (2011), Ribeiro (2011), Bakhtin (1992, 2000), Soares (1998), Chartier (1998), Ong (1998), Lévy (1998), Xavier (2011) entre outros, posto que todos fizeram provocações no campo do ensino e de práticas de escrita, fazendo-se refletir sobre perspectivas e potencialidades do uso das ferramentas digitais da internet para as atividades docente de ensino e aprendizagem de linguagens.

Pode-se dizer que a sociedade hoje está fundamentada na cultura digital escrita. A *web* vem criando, cada vez mais, espaços de difusão de saberes, nos quais as pessoas podem interagir através de produções escritas. Agora, a cultura escrita em meio digital, ancorando-se nos gêneros carta, bilhete, anúncio ou artigos diversos, a cultura escrita digital originou e ampliou gêneros discursivos postados em weblogs, bem como os textos para web em geral.

Essa realidade levou à criação do weblog [www.giogomes.blogspot.com](http://www.giogomes.blogspot.com) onde os estudantes teriam acesso a uma diversidade de imagens e de textos emuladores de produção de escrita. A internet constitui, em nosso tempo, o ambiente em que a escrita, a leitura, a pesquisa e a publicização de textos estão para além do que o ambiente escolar vem possibilitando. Neste caso, trata-se de webletramento, e as escolas, em sua maioria, têm laboratórios de informática e computadores ligados à internet, permitindo aos estudantes contatos com a cultura escrita digital diferenciada das práticas cotidianas da escola.

O contexto em que ocorreu esta experiência docente tem muito a ver com a discussão levantada pelos organismos oficiais que afirma, em números estratosféricos, a quantidade de computador ligados à internet e também dos dispositivos móveis disponíveis nas escolas.

Além disso, essa realidade recolocou em evidência a discussão de letramento, uma vez que, no interior do debate, se encontram as possibilidades de que a *web* promova webletramentos àqueles que se encontram em contato direto com as ferramentas de produção de escrita digital, weblogs.

Nesta vereda digital, deve andar a escola que, direto ou indiretamente, é atingida pela necessidade de incluir e, sobretudo, rever seus processos e dinâmicas pedagógicas no ensino, acesso e permanência na cultura escrita digital ora vigente no âmbito da sociedade digitalmente constituída. Assim sendo, é emergente o reconhecimento de que as tecnologias permitiram a manifestação de formas de interação do estudante com os gêneros e formas textuais que a cultura escrita digital requer.

Com o weblog, os estudantes puderam ter acesso e interagir com a escrita de cada colega, pois se considerou que, ao longo das atividades, as produções postadas tornar-se-iam coletivas. Além disso, entravam em contato com as opiniões autorais que até então desconheciam, levantando questionamentos e emitindo pontos de vista a respeito tanto da temática quanto do estilo do texto por meio de comentários direcionados aos posts individuais.

Questionou-se então: como o weblog funciona como um *médium* para o ensino e a aprendizagem de práticas escritas na formação de professores no curso de Licenciatura em Letras? Espera-se que no decorrer do texto apareçam argumentos que justifiquem uma resposta. A priori a base empírica mostrou em números e conteúdos que sim, tamanha foi à produtividade postada no [www.escreverprainmorrer.blogspot.com](http://www.escreverprainmorrer.blogspot.com).

E mais: quais ferramentas e métodos foram usados para se chegar a estas constatações? De fato, cabe aqui uma explanação rápida sobre a metodologia. Então, ei-la! Em virtude da ambiência de produção textual ser o espaço virtual weblog, considerou-se que a

observação participante ancorada nos princípios de *Etnografia virtual* (Hine, 2000) permitiria uma interação contínua e horizontalizada com os estudantes. Para isso foi criada senha coletiva com a qual todos poderiam postar seus textos e comentar as produções publicadas no weblog. Além disso, se tornar seguidor do espaço virtual foi o procedimento adotado por todos, visto que, no banner de abertura do weblog estava explícito o contrato social e discursivo, por meio do qual, todos aderiram à prática interacional de escrita.

No que diz respeito às abordagens de caráter qualitativo, primou-se pela premissa hineriana de que a internet e suas redes de espaços virtuais permitem o estudo do que as pessoas produzem em rede e *online*, momento em que se revelam usuários dos múltiplos aspectos da língua(gem) culturalmente aceita pelo coletivo *online*.

Tal perspectiva reafirma a importância do objeto – weblog como *medium* para o letramento digital de estudantes de graduação – considerando que as bases para produção, ensino, aprendizagem e aquisição de cultura escrita variam, consideravelmente, e os sistemas digitais permeiam o cotidiano. No que diz respeito à produção e à distribuição de conteúdo *online*, sites de redes sociais, weblogs, entre tantos outros asseguram o reconhecimento da existência desses artefatos culturais digitais, cujos métodos de observação se tornaram possível devido aos estudos da internet terem avançado no campo da etnografia virtual. Os métodos de coleta e análise de dados, neste estudo, foi a observação participante direcionada às análises do conteúdo, tendo destaque as questões linguísticas e arquitetônicas do texto.

Cumprir observar ainda a questão das amostras. Em virtude de dezenas de produções textuais de múltiplos gêneros postados, escolheu-se trabalhar com amostras quantitativa e qualitativa do material. No que se refere à questão quantitativa, importa dizer que foram postados 171 textos variados no período de um semestre letivo. Destes foram selecionados 10 textos por representarem, quantitativamente, os gêneros textuais mais postados: recados, poemas, cartas, máximas, etc. Já no quesito qualitativo, visualizaram-se os elementos linguísticos e textuais presentes nas amostras quantitativas.

### **Weblog: considerações teóricas e funcionais**

Ainda na esteira conceitual, o weblog é um diário público mantido na internet por um ou mais autores que, regularmente, e de forma cronológica, disponibiliza à apreciação coletiva, pensamentos expressos por meio de práticas de escrita.

Nesta mesma senda, Marcuschi (2008) ponderou sobre a ferramenta digital afirmando que os weblogs são “[...] os diários pessoais na rede; uma escrita autobiográfica

com observações diárias ou não, agendas, anotações, em geral muito praticados pelos adolescentes na forma de diários participativos”. (MARCUSCHI, 2008, p. 202).

O weblog é, então, um diário *online*, feito com publicações instantâneas chamadas *posts* que se organizam, cronologicamente; ele ainda é público, aberto a comentários, sugestões, pensamentos e informações que fazem acontecer à interação entre o blogueiro escritor, o comentarista e/ou o visitante leitor.

Esse ambiente permite o compartilhamento e a reposição de textos e registros, possibilitando que outras pessoas leiam, critiquem, ajudem com opiniões, esclareçam dúvidas, compartilhem conhecimentos e exercitem, assim, a prática de escrita e de leitura no espaço digital, weblog.

Apesar de ser mais conhecido como um diário pessoal *online*, o weblog também é diversificado, existindo outros tipos e com inúmeras finalidades e propósitos; neste caso específico, está voltado para a educação, prática de escrita; letramento digital dos estudantes de Letras.

Com relação ao weblog na educação, diversas são as vantagens desse gênero para o aprendizado e interação do aluno com o conteúdo nele divulgado e/ou trabalhado, como por exemplo, a produção textual e a leitura, sendo isso possível através da produção e divulgação de gêneros textuais diversos, poemas, contos.

Embora não possua um caráter síncrono, o weblog permite uma interatividade através dos comentários realizados e se torna um espaço de partilha de opiniões escritas sem nenhum tipo de distinção; todos se comunicam, deixam seus pareceres, contribuindo e acrescentando ao *post* comentários.

Desse ponto de vista instrumental, o weblog torna-se uma realidade enquanto ferramenta de comunicação na rede e, portanto, tem demandado linguagem própria, pois utiliza a escrita como técnica para a divulgação de informações e saberes na rede. Neste sentido, weblog constitui como espaço de interação social e aprendizagem de escrita em rede, no qual as pessoas publicam seus pensamentos, ideias e maneiras de ver o mundo de modo a encontrar ressonância social e cultural no pensar.

Weblog além de ser um ambiente de aprendizagens da cultura escrita, é incentivador de práticas de escritas de leituras para além das atividades escolares. Assim, o reconhecimento de que a internet e seus sites de redes sociais, em especial o weblog, trouxe um desafio posto aos professores e, por sua vez, às instituições de formação de professores leva à proposição de que é preciso que todos nós, professores e formadores de professores encarem esse desafio e se preparem para a nova realidade que, diretamente, nos impõem reconhecer a fragilidade de

métodos de ensino e aprendizagem, até então, baseados em sistemas analógicos.

Logo, o que resta é aprender a lidar com esses recursos digitais básicos e com eles planejar formas diferenciadas e dialógicas de ensinar e aprender a cultura escrita potencializada pela *web*.

Não se quer com isso dizer que a melhor forma de ensinar e de aprender a cultura escrita seja através do weblog, simplesmente, se apresenta uma possibilidade condizente com a realidade de estudantes que, por sua vez, reclamam do distanciamento ora vigente entre o mundo analógico do professor e da escola e a sua vivência no mundo digital. O weblog apresenta-se como um recurso auxiliar da aprendizagem de cultura escrita, por integrar, no mesmo espaço, várias formas de linguagens agregadas em múltiplos gêneros textuais.

Postar e comentar os textos publicados no weblog torna-se uma atividade prazerosa, por contribuir para o letramento digital dos estudantes, posto que, no próprio ambiente virtual, algumas ferramentas linguísticas podem ser usadas para melhorar os aspectos ortográficos e estruturais do texto.

Considerando-se a presença dos recursos da informática associados às ferramentas da internet, a exemplo do weblog, que por sua vez é muito sedutor e imprescindível para a formação de um aluno letrado digitalmente leva-se a crer que a escola possa, através do uso sistemático e didatizado de tais ferramentas, ser diferente, divertida, reconhecendo que seu lugar e função é o de construir, problematizar, pensar, enfim, colocar em prática ações de aprendizagem que estimulem a participação na cultura escrita ora disponível socialmente.

Diante dessas questões, o weblog tem muito a contribuir como espaço e como meio de comunicação escrita. Os professores e os estudantes devem saber que se trata de uma tecnologia digital e educacional, e, como tal, tem como princípio básico a troca de informações e a construção de saberes por meio do emprego sistemático da escrita enquanto tecnologia.

### **Weblog: do incentivo às práticas interacionais de escritas.**

As Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC – ampliaram o acesso ao mundo da cultura escrita e, com isso, surgiram novas necessidades de apreender os novos princípios da escrita recorrente no mundo digital. Daí decorre as discussões sobre as recentes compreensões do conceito de letramento, incluindo-se aí o letramento digital como nova proposta de estudo.

Dessa maneira, letramento digital constitui, na atualidade, uma nova possibilidade de

letrar, porque a instância digital permite a inserção de modos variados de se lidar com os novos usos da escrita na sociedade contemporânea, a qual institui, em suas relações sociais, o uso da escrita de gêneros do discurso em suportes tecnológicos, em especial no weblog.

Além disso, o letramento digital permite a apropriação de recursos tecnológicos e suas linguagens operacionais, bem como práticas escritas circulares no ambiente digital operacionalizado no ato enunciativo de comunicação. Isso remete ao pensamento bakhtiniano de que as práticas sociais da escrita situam a natureza social do gênero discursivo produzido e publicado no weblog.

Nessa perspectiva, a escrita está ligada à criação de uma nova comunicação, cuja semiose permite novas formas de discursos o que faz pensar que a escrita digital possibilita a elaboração de modelos conceituais de ensino em que os gêneros textuais articulam elementos linguísticos e as estruturais da escrita digital.

O weblog em estudo [www.escreverprainmorrer.blogspot.com](http://www.escreverprainmorrer.blogspot.com) é espaço onde a escrita encontra ressonância com o hipertexto que, por sua vez é “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade” (XAVIER, 2004, p. 171).

No contexto da relação escrita e leitura, o weblog protagoniza momentos importantes para a formação do estudante, uma vez que lhes permite a interação com outras formas de linguagens as quais levam ao letramento digital que, por sua vez, se institui como possibilidade de práticas de linguagens, na medida em que se reconhece o plano dialógico instituído no de comunicação, no qual,

A escrita e a leitura trocam seus papéis. Todo aquele que participa da estruturação do hipertexto, do traçado pontilhado das possíveis dobras do sentido, já é um leitor. Simetricamente, quem atualiza um percurso ou manifesta este ou aquele aspecto da reserva documental contribui para a redação, conclui momentaneamente uma escrita interminável. As costuras e remissões, os caminhos de sentido originais, que o leitor reinventa, podem ser incorporados à estrutura mesma do corpus. A partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita. (LÉVY, 1993, p. 46).

Além do mais, o leitor também tem o acesso instantâneo a outros textos, palavras, imagens, gráficos, dados, diagramas, podendo dar continuidade a outros caminhos, conteúdos, permitindo o ingresso a várias categorias de textos. O leitor/autor passa a construir um texto coletivamente com pessoas de várias partes do mundo, onde cada um contribuiu com seus diferentes pontos de vista, escrevendo, reescrevendo e revendo conceitos.

Ou ainda como corrobora Xavier (2004),

O letramento digital é uma necessidade contemporânea, que só tende a aumentar, porque a nossa participação na nova era digital deve passar necessariamente pelo aprendizado da leitura e da escrita no contexto hipertextual, o qual deve mediar as nossas relações de sujeito. (XAVIER, p. 45, 2004)

O autor se refere ao hipertexto como o caminho para um letramento digital, que vem a exigir leituras anteriores, conhecimentos prévios e que, assim, possibilita ao leitor uma visão mais ampla de mundo e de conhecimentos. “[...] o hipertexto não traz um novo espaço para a escrita, mas um novo espaço para a textualização, ou seja, vem trazer um conjunto de indagações.” (MARCUSCHI, 2001, p.91) Nesse sentido, o hipertexto pode ser considerado além de um espaço para novas escritas também para novas leituras e interpretações, daí a construção de interações em weblogs e a contribuição na educação.

Assim, se entende que o weblog além de sua posição como artefato tecnológico, constitui-se ainda como hipergênero, pois permite a prática de aquisição e ensino de gêneros outros. Essas questões poderão, de fato, serem usadas pelos estudantes para a prática de escrita e, por conseguinte, à aquisição de linguagem, por meio do universo da cultura escrita proporcionada pelo mundo digital.

Enfim, considera-se o weblog como um dos espaços para a interação blogueiro/leitor, que através de seus *posts* e comentários dão origem a um hipertexto que permite e proporciona diversas leituras, em diferentes ordens, mas com variadas opções para a prática de novas escritas, compartilhamento e acréscimo, numa troca mútua de ideias e de opiniões.

O weblog [www.escreverprainmorrer.blogspot.com](http://www.escreverprainmorrer.blogspot.com) foi criado visando à ampliação do acesso dos estudantes ao mundo da escrita, cibercultura na qual a interação é constituída pelas práticas de escrita em rede.

A produção postada em [www.escreverprainmorrer.blogspot.com](http://www.escreverprainmorrer.blogspot.com) foi classificada por gêneros textuais mais representativos, isto é, os textos que apareceram mais vezes, no decorrer do período de publicação. Foram eles: máximas, poemas de autoria, notícias compartilhada de outros endereços eletrônicos, cordéis, minicontos, excertos de poemas clássicos, recados, cartas e textos humorísticos variando da piada à charge.

A partir daí foram articuladas categorias de análise e classificação das produções realizadas, das quais 35 máximas representaram 20,46%; 60 poemas de autoria foram produzidos e postados, 35,08%; 20 notícias *linkadas* de outros endereços 11,69%; 10 cordéis equivalendo a 5,84%, 15 mini-contos 8,77%, 20 excertos de poemas clássicos, 11,69%; 5 recados; 2,92%; 5 gêneros humorísticos: piadas, charge, etc., 2,92%, 5 cartas, 2,92%

compuseram a produção do weblog, no semestre letivo de 2012 do curso de Letras de uma universidade pública.

Importa anotar que os gêneros textuais recorrentes foram compostos de acordo com o seu estilo linguístico, denotando, assim, que os autores mantiveram a coerência no uso da língua.

Fato que chamou a atenção na análise do *corpus* é que os gêneros acadêmicos, embora tenham sido estudados em sala de aula e recomendado a sua postagem no weblog, apenas uma ou outra postagem apareceu, inclusive a mensuração estatística representou abaixo de um ponto percentual, então se decidiu não colocá-la, registrando apenas que foram 1 ensaio, 1 artigo e 1 resumo.

Por outro lado, inferiu-se que, o espaço de letramento proporcionado pelo weblog é aceito com maior facilidade para produções de gêneros textuais livres e, com isso, ficaram tímidas as participações com gêneros textuais acadêmicos. Embora isto suscite um porquê, considera-se que, neste contexto, não é oportuno especular uma resposta, porque tal questão requer maior aprofundamento, inclusive com a aplicação de instrumento de coleta – questionários ou entrevistas – aplicados aos membros do weblog em estudos. Deixou-se essa parte para outro momento da pesquisa.

As produções textuais e discursivas presentes no weblog até aqui estudadas permitem entender que a sociedade atual está articulada acerca das práticas de letramentos determinadas pela web, letramento digital.

Assim, considera-se que a prática de ensino de escrita na escola brasileira deve mudar para atender as demandas criadas pela internet. Neste princípio, está o entendimento de que quanto mais é autônoma a prática de escrita do indivíduo em ambiente de cultura de escrita múltipla, maior será a relação deste com o aparelho linguístico modificado na língua(gem) recorrente no contexto histórico e tecnológico da comunidade onde o ato de escrever permite o enriquecimento e a complexificação do letramento.

Atualmente, o avanço tecnológico, a automação e as demandas da economia globalizada desafiam as ciências e as instituições formadoras a se redimensionarem e aperfeiçoarem as suas técnicas e espaços de ensino, em especial, os de língua escrita. Portanto, a escola não deve se furtar a esta prática.

Considera-se que o uso do weblog como instrumento para o ensino de práticas de produção de gêneros textuais diversos é uma experiência didática e pedagógica interessante, visto que os estudantes puderam se mostrar criativos e, em especial, livres para transitarem na cultura escrita, cibercultura.

Outra lição importante foi a questão do aumento do número de leituras. No período, vários comentários compuseram a interação de autor e leitor no weblog, fato que demonstra que a prática de letramento se estabeleceu de forma a garantir que o uso social da leitura e da escrita se mantivesse em níveis consideráveis.

Portanto, cada texto postado no [www.escreverprainmorrer.blogspot.com](http://www.escreverprainmorrer.blogspot.com) foi compreendido como um avanço no que diz respeito à permanência e à relação do estudante no ambiente virtual, semiótico e plurilinguístico da web.

### **5.3. Nativos digitais: inovando para ensiná-los**

Os nativos digitais da Geração Y e as crianças da Geração Z pensam de maneira diferente de todas as que as antecederam. Desenvolveram plasticidade cerebral condizente com a multiplicidade semiótica do hipertexto. São multitarefas. É como se suas estruturas de pensamento tivessem evoluído cognitivamente para agirem de forma paralela ao monologismo da educação formal.

Esta discussão apresenta de modo sintético, os principais entendimentos que se têm sobre os nativos digitais e suas inquietações a respeito das práticas pedagógicas que a escola vem realizando para ensinar-lhes. Sabe-se que, na verdade, a escola pertence ao conjunto de aparelhos ideológicos do Estado, e como tal, age de maneira a conservar ideias instituídas nas normas institucionais de ensino que lhe são apresentadas. É nesse confronto que se pretende mostrar as principais características de estudantes nativos digitais e de professores imigrantes digitais. Para tanto, serão destacadas as possibilidades que a *web*, espaço virtual, oferece aos agentes sociais, através de suas ferramentas digitais para constituição de redes sociais e educativas.

Discorre-se a seguir sobre a presença da geração de nativos digitais na escola. Situa e problematiza, teoricamente, os métodos clássicos de ensino e aprendizagem presentes no cotidiano da sala de aula, articulando-os com os constantes pedidos de renovação e inovação metodológicas de ensino requeridas pelos adolescentes, jovens e crianças que compõem as Gerações Y e Z.

Existem proposições a respeito do crescimento econômico do país, afirmando que a integração social poderia estar bem melhor – ela sempre pode – caso a escola dispensasse a atenção necessária para o crescimento, os desafios e as perspectivas que a realidade provoca em todos, a partir do processo formativo que o mundo do trabalho ora exige.

Hoje, qualquer ocorrência ligada ao crescimento e ao desenvolvimento econômico e tecnológico tem encontrado uma série de resistências para a realização de seu intento. Diz-se que isto acontece devido às dificuldades que a escola enfrenta em atrair e formar, academicamente, sujeitos cuja qualificação profissional seja compatível com as necessidades do mundo da vida e do trabalho.

Importa dizer aqui, de imediato, que a categoria trabalho não é o cerne da discussão ora esboçada. A referência ao mundo do trabalho é por se entender que há, visceralmente, uma ligação entre a formação escolar e o trabalho; uma das funções da escola é formar para o exercício de atividades profissionais e cidadãs.

No que diz respeito à participação e ao acesso das camadas populares aos bens culturais, simbólicos e educacionais que a *web* oferece à população brasileira, esta ainda está à margem desse processo por falta de recursos financeiros. Isto acontece em virtude de a escola não ter apresentado planos e estratégias de ensino que consigam aumentar o diálogo entre o nível de escolarização pretendido pela sociedade e a realidade dos sujeitos que, individual e coletivamente, têm buscado, nos meios digitais, novas dinâmicas de aprendizagem.

Diante das possibilidades que a *web* oferece aos jovens, estão as múltiplas aprendizagens. De acordo com os pressupostos da sociedade da informação e conhecimentos múltiplos, a escola precisa ser reconfigurada, uma vez que a dinâmica da sociedade, pautada na velocidade e na emergência da informação, impõe desafios aos métodos de ensino e aprendizagem, até então cristalizados pelo ideal de educação baseada na ciência da modernidade.

Assim, o desafio da escola do século XXI consiste, para os educadores, não só em prosseguir na busca de um maior entendimento de questões educativa, profissional e humana, mas também em assumir, cada vez mais, sua responsabilidade social para assegurar os direitos tecnológicos e formacionais de sujeitos ainda desprestigiados educacional e economicamente dos bens culturais e simbólicos disponíveis no mundo digital.

Afirma-se, portanto, que existe uma nova ordem social, política, econômica e educacional acerca das práticas de ensino e aprendizagem na escola contemporânea. Trata-se, na verdade, da presença da *web* no cotidiano dos adolescentes e jovens que, nascidos na década de 1990, reclamam da escola, novas formas de aprender.

Embora esta realidade venha provocando reflexões no meio educacional, ainda colocam os agentes educativos em condições desiguais diante das práticas de aprender de seus estudantes. A escola pertence ao conjunto de aparelhos ideológicos do estado<sup>i</sup> que,

classificando-a na perspectiva progressista, sustenta - até certo ponto - a dominação do conhecimento via linguagem e técnicas herméticas de ensino advindo da modernidade. Por outro lado, na *web* o ensino e a aprendizagem ocorrem de maneira horizontalizada e as trocas de saberes entre os sujeitos ocorrem de maneira fluida.

Do ponto de vista da tendência progressista, considera-se que o fundamento da escola está no processo de construção de novos modelos educacionais que visem aos meios modificadores do modelo social até então vigente. Assim sendo, pode-se pensar a presença da *web* como provocadora de novos meios de ensino e aprendizagem.

Além das questões pragmáticas colocadas acima, a provocação central para esta reflexão são as contínuas vivências com os adolescentes das escolas públicas de Irecê-Ba, e professores das referidas unidades educacionais, bem como com os jovens egressos do Ensino Médio que adentram os muros da universidade. Pode-se dizer que a escola e as universidades brasileiras contemporâneas têm no seu interior duas gerações: imigrantes digitais e nativos digitais<sup>ii</sup>. Importa dizer que esta afirmação decorre do uso da observação participante como instrumento de coleta de dados, bem como da aplicação de questionários a estudantes e professores da escola pública de ensino básico<sup>iii</sup> e a universitários<sup>iv</sup> dos cursos de licenciatura de uma universidade pública.

### **Dicotomias de pensamentos e práticas pedagógicas**

A reflexão diligente sobre a realidade do ensino e da aprendizagem no contexto das tecnologias da informação e comunicação como presença no cotidiano da escola e da sociedade revela que a prática pedagógica dos profissionais da educação encontra-se em tensão. Tal conflito é decorrente do encontro de duas gerações de pensamentos: imigrantes e nativos digitais.

As práticas sócio-educacionais, embora sempre tenham sido conflituosas, agora estão mais latentes: de um lado, professores ficcionados pelos velhos paradigmas de ensino e do outro, estudantes sedentos por práticas inovadoras que os coloquem em pé de igualdades como os movimentos cotidianos do mundo digital.

Os professores, imigrantes digitais, cultivam ideologias e práticas docentes ainda pautadas nas tendências pedagógicas articuladas e defendidas sob os velhos prismas das grandes narrativas - marxismo, freudismo, estruturalismo, etc.

Os professores ainda estão num modelo criado no século XIX, o de prisão e igreja, no qual o professor é um pregador e a interatividade é mínima. Mas a era polifônica

obriga que o ambiente seja interativo. Eles precisam se abrir para as novas tecnologias e novas formas de pluralidade. (CECCHETTINI, p. 3, 2011).

Já os estudantes pensam e agem de acordo com os princípios da contemporaneidade, cuja dinâmica é a velocidade e a desarticulação das verdades fixas e cristalizadas pelas ideologias “anti-tudo”. Nesse sentido, Cecchettini (2011) adverte que eles – nativos digitais - estão prontos para as múltiplas linguagens e os diversos formatos de conhecimentos existentes no mundo da tecnologia.

Os nativos digitais se preocupam em absorver o máximo dos saberes que lhes são oferecidos e, ao mesmo tempo, socializá-los através de redes educativas das comunidades virtuais onde atuam. Esta prática é protocolar na rede; evita-se a apropriação individual e cumulativa de saberes. Certamente, isto lhes põe em xeque com as perspectivas monolíticas da escola que asseveram a formação individual dos sujeitos, através de técnicas desarticuladas com a realidade social da comunidade onde realizam sua prática social de ensino.

A desconexão entre a forma como os estudantes – *nativos digitais* – (**grifo meu**) aprendem e a forma como os professores ensinam é fácil de compreender quando consideramos que o sistema educacional atual foi projetado para um mundo agrário e de manufatura. Entretanto, o mundo mudou e continua a mudar rapidamente. Os alunos multitarefa de hoje estão melhor (*sic*) equipados para esta mudança do que muitos adultos [...] *estiveram quando chegou à escola nas décadas anteriores a de 1990*. (**grifo meu**). JUKES; DOSAJ, 2003.

A citação acima é provocadora e apresenta o quão complexo é, atualmente, o processo de ensino e aprendizagem na escola onde imigrantes e nativos digitais atuam. Isso leva ao entendimento de que é necessária e urgente uma rearticulação dos métodos usados pelos professores para a transmissão do conhecimento pretendidos pelo Estado e aqueles desejados pelos estudantes.

De acordo com Cecchettini (2011) é urgente que se pense numa revolução nos métodos de ensino, desde a escola básica até a universidade. Estas metodologias precisam estar em conformidade com as evoluções que acompanham os estudantes, uma vez que a *web* potencializou neles autonomia para a busca de novos conhecimentos além daqueles configurados nos livros didáticos e referenciais de ensino da escola.

Com efeito, a expectativa de mundo, de sociedade e de trabalho mudou muito nessas duas últimas décadas. O mais representativo nesse contexto é o binômio velocidade e liberdade, através do qual os jovens vêm transformando as relações entre ensino, aprendizagem, trabalho e relações sociais desde a família à política, quando a cultura do controle passa à cultura da interação social.

Assim sendo, a relação de ensino e aprendizagem na escola está pautada na relação antinômica de imigrantes digitais que, em contato com nativos digitais, se digladiam em nome da educação. A realidade mostra-se polifônica e como tal, pede que essas vozes se juntem para haver melhoria na qualidade das práticas de ensino e aprendizagem.

Como sempre, a escola e a educação andam em polos opostos ao cotidiano da sociedade e, com isso, os professores veem-se afastados de seus alunos, cada vez que lhes propõe velhas metodologias de ensino pautadas nos paradigmas estáticos da educação bancária<sup>v</sup>.

Para Cecchetti (2011), infelizmente, a escola não consegue atender as demandas da educação a partir do reconhecimento de que a *web* tem potencialidades formativas e educacionais que professores não as têm para formar os jovens. Isto ocorre porque há ainda pensamentos e correntes tradicionais no axioma pedagógico da escola brasileira, sobretudo no campo da formação de professores, que dificulta práticas pedagógicas inovadoras articuladas com os recursos tecnológicos disponibilizados pelo Estado.

Por outro lado, as empresas e o mercado antecipando-se aos projetos governamentais – diga-se de passagem, sempre estão atrasados décadas – passaram a atrair e valorizar as autonomias de aprendizagens desses jovens, inserindo-os nos seus quadros de formação.

Todavia, a educação formal – escolar – ainda resiste a todos esses acontecimentos, colocando barreiras e as mesmas desculpas de sempre: os alunos não querem aprender e não se interessam por nada que a escola oferece. Estes argumentos já não se sustentam. Há fragilidades latentes neles, uma vez que as metodologias aplicadas no ensino e na aprendizagem não são condizentes com a polifonia presente no mundo dos nativos digitais.

Corroborando com essas discussões Cecchetti (2011) nos diz que de modo desarticulado

a educação parece ainda resistir a esse processo irreversível. Os educadores muitas vezes reclamam que os alunos não se interessam e não estão preparados para aprender. É um argumento que faz sentido para aqueles que veem os jovens pelas esquinas com seus bonés atravessados, celulares, calças largas e atitudes desleixados *como incapazes de aprender só porque fogem ao padrão do que seria um estudante submisso aos caprichos estéticos da escola. (grifo meu)*. É preciso encontrar uma explicação melhor do que simplesmente culpar os alunos. E talvez essa explicação esteja justamente no conflito de gerações. Um conflito velado, muito mais em função da forma do que de qualquer outra coisa. (CECCHETTINI, p.2, 2011).

Tais conflitos sempre fizeram a diferença, no contexto da aprendizagem, visto que uma geração tem a geração antecedente como referência para suas ações futuras. Entretanto,

os nativos digitais não têm levado a sério as gerações anteriores devido à sua relação com a pós-modernidade.

Sabe-se que existem diferentes métodos, estilos e ritmos para se aprender. Entretanto, a escola, ao longo dos tempos, criou padrões fixos para a atividade de ensino e de aprendizagem, nos quais se toma de maneira homogênea toda a classe de estudantes.

Hoje, essa prática educacional vai de encontro às necessidades dos estudantes sejam quais forem seus níveis educacionais. Logo, os métodos de ensino e de aprendizagem devem ser mais criativos, atraentes e interativos a fim de que os estudantes e professores possam dialogar respeitando a condição de cada um. Professores imigrantes digitais esforçando-se cada vez mais para apreender as demandas dos alunos, nativos digitais e estes, por sua vez, interagindo com os professores para lhes orientarem no uso efetivo das potencialidades que a *web* e suas ferramentas digitais dispõem, podem auxiliar na construção de métodos que levem todos aos conhecimentos compartilhados na rede.

Isso, sem dúvida, leva a repensar as práticas de ensinar e aprender até então oferecidos pela escola. Conforme Prensky (2011) os alunos nascidos na era digital estão conectados a objetos tecnológicos que os auxiliam na superação de possíveis fragilidades do cérebro em realizar processamentos de multitarefas.

Não obstante, as concepções e teorias de aprendizagem desenvolvidas por psicólogos cognitivistas para determinar quais seriam as técnicas usadas pelos indivíduos no contexto de sua aprendizagem, pode-se afirmar que os nativos digitais, acostumados com o hipertexto da *web* reúnem em um só ato, percepções visuais, táteis, aurais e sinestésicas acerca de seus aprendizados, em virtude dos estímulos provocados pela interação com as mídias digitais, especialmente, o computador e a internet.

A grande questão é: o que é necessário para realizar práticas de ensino inovadoras a uma geração que tem ao toque do mouse o mundo de informações a sua frente? Acredita-se que em virtude de os nativos digitais disporem de milhões de bits de informação, eles ainda não têm maturidade suficiente para transformar essa informação em conhecimento.

De posse dessa demanda, o professor poderá construir métodos de ensino e aprendizagem com os quais, os alunos possam articular seus saberes digitais com conhecimentos da realidade de si, da escola e da comunidade onde vivem. E, posteriormente, socializar na *web* para seus pares, todo movimento catalisador e facilitador de aprendizado.

No quadro dessa discussão faz-se imperativo a descrição detalhada das características identificadoras de alunos nativos digitais e professores imigrantes digitais. Para tanto, segue-

se a perspectiva de Tanscott e o modelo usado por ele usado para explicar as práticas interacionais que diferenciam alunos e professores

<b>Alunos Nativos Digitais</b>	<b>Professores Imigrantes Digitais</b>
Estão conectados a objetos e a tecnologia é uma extensão de seu cérebro	Controlam objetos e a tecnologia é um recurso eventual.
Preferem receber informação rapidamente, de múltiplas fontes.	Preferem a oferta de informação lenta e controlada, de fontes limitadas.
Preferem processamento paralelo e multitarefa.	Preferem processamento linear e tarefas únicas ou limitadas
Preferem trabalhar com imagens, som e vídeo, ao invés de texto.	Preferem oferecer texto ao invés de figuras, som e vídeo.
Preferem acesso randômico à informação multimídia hiperligada	Preferem oferecer informação de forma linear, lógica e sequencial.
Preferem interagir simultaneamente com muitos; são adeptos do coletivo.	Preferem ensinar “se for o caso” (pode cair na prova)
Preferem aprender na hora (Just in time)	Preferem adiar a gratificação e as recompensas para o final do período.
Preferem gratificação e recompensas instantâneas.	Preferem ensinar o que está no currículo e testes padronizados.
Preferem aprender coisas que são relevantes, instantaneamente úteis, lúdicas e divertidas.	Estão orientados para o trabalho, limitando-se a cumprir o programa e a fazer os testes de avaliação.

Percebe-se entre os nativos e imigrantes digitais conflitos metodológicos no que diz respeito ao ensinar e ao aprender. Os nativos digitais buscam caminhos para aprender de forma que sejam valorizados pelos seus comportamentos de liberdade de expressão e veem a vida de acordo com a velocidade tomada pela informação nos ambientes digitais.

Na realidade, os nativos digitais reclamam para si o status de utilizadores do conhecimento, ao invés de serem tidos como leitores ou ouvintes inertes das metodologias dos professores e dos programas da escola. Assim sendo, o sistema educativo precisa inovar nos seus métodos de ensino e de aprendizagem, oferecendo aos nativos digitais planos interativos, atraentes e dinâmicos, de acordo com as necessidades e reclamações dos estudantes nativos digitais.

A maioria de nós sabe, intuitivamente, que todos os sujeitos são capazes de aprender, porém aprendem de maneiras diferentes uns dos outros. Por isso existem métodos diferentes. Assim, diferentes estilos e ritmos fazem com que os nativos digitais se articulem para reclamar da escola; novas perspectivas de ensino e aprendizagem.

Dessa forma, o professor poderá utilizar quantos métodos forem necessários para desenvolver em si e, sobretudo, estimular nos estudantes os processos criativos decorrentes de suas práticas com o ambiente digital.

De acordo Tapscott (1999), o professor que se articular para a criação, o desenvolvimento e a aplicação de métodos inovadores ofertados pela *web* e que se comprometer a utilizar a tecnologia na perspectiva de mudança pedagógica conduzirá os estudantes a novos universos de aprendizagem. Isso significa que no universo dos nativos digitais, o ensino e a aprendizagem são perpassados por articulações tecnológicas e digitais.

Dessa maneira, a escola ao compreender que há uma tensão entre as práticas pedagógicas cotidianas e as novas perspectivas de aprendizagem gerada pelas tecnologias digitais, terá avançado, significativamente, rumo ao diálogo, ao ensino e à aprendizagem exigida pela contemporaneidade.

A tabela abaixo foi criada a partir de informações retiradas e compiladas de obras de Don TAPSCOTT. *Geração digital: a crescente e irreversível ascensão à geração net*. São Paulo: Makron, 1999 e Marcelo VERAS. Inovação e métodos de ensino para nativos digitais. São Paulo, Atlas, 2011, p. 6. para explicar quais são as características centrais das gerações a que pertencem os nativos digitais aqui apresentados como sujeitos da discussão.

	<b>Tradicionais</b>	<b>Baby-coomers</b>	<b>Geração X</b>	<b>Geração Y</b>	<b>Geração Z</b>
Ano de nascimento.	Até 1950	1951-1964	1965-1983	1984-1999	A partir de 2000
Perspectiva	Prática	Otimista	Cética	Esperançosa	Imediatista
Ética profissional	Dedicados	Focados	Equilibrados	Decididos	Calculistas
Postura diante da autoridade	Respeito	Amor/ódio	Desinteresse	Cortesia	Desligados
Liderança por...	Hierarquia	Consenso	Competência	Coletivismo	Agilidade
Espírito de	Sacrifício	Automotivação	Anticompromisso	Inclusão	Volúvel

#### **4. Webletramentos: usos, aprendizagens e dependências da *web***

Está claro que o acesso da população mundial à internet se tornou móvel. Para Cristal (2013), a interação em áudio e vídeo se tornou rotina e tem na tecnologia de conversação um espaço de transformação de texto em fala e fala em texto. O lugar da interação entre sujeitos sociais e educativos tem sido ampliado, de modo bastante significativo com a presença dos dispositivos móveis e em rede acessados por meio de redes internet sem fio – *wi-fi*.

A comunicação e a participação de adolescentes e jovens no mundo da *web* tornaram-se uma necessidade pessoal, social e moral, isto é, para que o jovem exista na sua comunidade real tem também quer ser visto *on-line* o maior tempo possível.

Diante desta questão, a literatura especializada no assunto tem afirmado, a partir de estudos clínicos e empíricos, que a vivência continuada e sem limites na *web*, por meio das redes sociais e *websites*, traz além de benefícios – aprendizagens *on-line*, trocas de saberes em tempo real, produção sócio-discursiva em escala ampla, mobilização social e política - tem trazido também uma série de problemas, entre eles se tem destacado a dependência da internet (Young, 2013).

No contexto atual, a internet está disponível em formatos comunicacional, educacional, social e político. Portanto, é necessário reconhecer que se vive no epicentro de uma busca continuada por informações variadas, incluindo aí a produção de conhecimentos e avaliação de comportamentos humanos e sociais e que somente com a velocidade da interação em rede é possível se viver.

Deste cenário tecnológico digital e móvel decorrem significativas implicações na compreensão do segmento adolescente que ora está na escola. Diz-se que uma das consequências dessa presença maciça dos indivíduos jovens na cultura digital móvel é a dependência da internet e suas tecnologias digitais que desafiam sociedades, governos, família e escola.

Diante desse quadro, este trabalho objetiva por meio de mensuração e de interpretação de dados, lançar algumas questões sobre o assunto, mesmo correndo o risco de dizer pouco, uma vez que se trata ainda de pesquisa inicial neste contexto. Entretanto, espera-se que seja possível ampliar o debate sobre o uso dos dispositivos móveis no âmbito da escola, considerando que tais equipamentos têm potencial educativo ainda não explorado pela escola.

Além disso, busca-se tranquilizar professores e pais no sentido de dizer que apesar de haver uma massiva participação dos estudantes na *web*, de acordo com os dados levantados até agora, ainda é possível fazer a reeducação dos usuários destas ferramentas, pois se trata de

utilizadores com dependência leve, isto é, são jovens que, sob a mediação da escola, podem manejar suas experiências no ambiente digital da *web* para aprendizagens significativas.

### **Jovens conectados: cidadãos webletrados**

O acesso à internet deixou de ser somente por meio dos computadores. Celulares, *Smart phones*, *Ipads* e outros aparelhos asseguram a conexão à internet de qualquer lugar, a qualquer momento. (Griffin, 2013). Assim, a permanência neste espaço de interação contínua seja através *newsgroups*, bate papo ou *sites* de redes sociais levam à criação de comunidades em que a troca de mensagens, conversas e fotos/vídeos e músicas com autoria são compartilhadas em fluxo contínuo.

Para os jovens, este universo é fantástico, uma vez que existem gêneros de *sites* de redes sociais onde se podem encontrar antigos colegas de escola, familiares distantes, achar um parceiro para conversas românticas ou conhecer pessoas com interesses políticos semelhantes. Na verdade, se está falando de MySpace.com, Facebook.com, Bebo, e-Harmony, Classmates.com, Youtube e Photobucket entre outros milhares. (Griffin, 2013). Tem-se assim a webcultura. Estes *sites* podem ser usados para diversos fins, incluídos atividades sexualizadas e ou a exposição de si em webcams.

Para Griffin (2013) há ainda *sites* de rede social *microbloggers* sendo o Twitter o mais comum entre os jovens. O Twitter possibilita que a pessoa se inscreva para seguir o cotidiano de alguém. Além da questão do comportamento, o *microblogging* leva, obrigatoriamente, à síntese, visto que seu espaço de interação ocorre por meio da escrita, em um espaço limitado a 140 caracteres digitados. Assim sendo, a prolixidade é reduzida, todavia, “tuitar” é quase sinônimo de linguagem codificada, ficando o sentido restrito ao grupo de troca.

A visualização sistemática do papel da internet no cotidiano dos adolescentes leva à compreensão da problemática de ensino e aprendizagem que envolve estudantes da Educação Básica, essencialmente, sujeito da “Geração digital” – *Gen D* – ou “Nascidos digitais” que dependem mais indiretamente do professor para fazer a aquisição, a reprodução e a socialização de saberes cujos significados determinam várias formas de aprendizagens em rede.

Sabe-se também que a *web* tem promovido mudanças em nosso cotidiano, as quais passaram a fazer parte de nossas ações diárias. A *web* representa, por meio da oportunidade de articulação social, auto-educacional e econômica, o bem-estar individual e coletivo de

milhões de pessoas no mundo, o que se leva a dizer que são necessárias outras reflexões sobre o pensamento pedagógico tradicional em voga na escola.

Os mais interessados em consumir os conteúdos linguísticos, culturais e educativos deste ambiente são os jovens e, portanto, significa acrescentar nos fazeres pedagógicos da formação de professores para a educação, a ideia de que a vivência nas mídias digitais oportuniza aprendizagens importantes para além da pretendida pela escola.

A história tem demonstrado que a sociedade cria mecanismos tecnológicos que mudam nossa forma de viver o dia a dia. Esta mesma história tem mostrado ainda quanto a escola tem perdido a sincronia e o ritmo com essa engrenagem, por estar em descompasso com a realidade. Com as tecnologias de informação e comunicação não tem sido diferente. Há grande potencialidade de ensino e aprendizagem nos mecanismos suportados pela internet e com a *web* não poderia ser diferente, visto que ela já é parte de nossas vidas, com tão grande inserção que já não é mais possível trabalhar, divertir-se, ensinar e aprender sem estar conectado. Tornou-se, na verdade, um ente familiar. Quantas vezes não se vai para a cama com o *smartphone*, *tablet* e celular e, antes de qualquer coisa, se dá uma checada nos e-mails ou uma passeada nas redes sociais?

A história ainda faz lembrar que isso não é uma exclusividade da internet e seus dispositivos digitais. Antes, outras tecnologias invadiram nossas casas e vidas e, ainda hoje, é possível tê-las em convergências de mídias. Fala-se da TV, o computador pessoal – o famoso *Desktop* – que tiveram impactos importantes no nosso cotidiano e, sem dúvida, mexeram nas estruturas da escola, especialmente no que diz respeito à formação de estilos culturais, sociais e políticos, interferindo, inclusive, nos valores da sociedade da época.

Diante de estas questões, as Pedagogias e a Linguística não poderiam deixar de tomar partido nesse universo. A internet cresce em convergência de linguagens, de estilos, devido aos sete milhões de internautas engajados social e culturalmente na construção de sentido. Isto ampliou o campo de ensino e aprendizagem por parte dos estudantes, ao tempo em que os professores também são provocados a serem usuários de tais ferramentas digitais, visando, assim, a uma maior e melhor formação linguística e digital.

Dessa maneira, apresentam-se a seguir algumas questões seminais quais sejam: a) nossas ações hoje são orientadas pelas tecnologias e mídias digitais; b) nossos estudantes são nascidos digitais; c) nossos jovens e adolescentes são dependentes de internet e mídia digitais; d) nossas práticas pedagógicas ainda estão orientadas por ações analógicas – livro, cadernos, apontamentos, apostilas, quadro, etc.

Do outro lado temos os paradoxos que compõem esse momento, quando vozes da *web* são capazes de se organizar em todos os sentidos e, assim, mostrar para a sociedade como são importantes os usos pedagógicos de tais instrumentos com vistas a uma formação coerente de futuros professores que atuarão na Escola Básica.

Assim, se apresentam alguns paradoxos contemporâneos, quais sejam: a) somos imigrantes digitais formando nascidos digitais com metodologias analógicas; b) estamos formando futuros professores com base na ideia de letramento dos anos 1980 – aquisição de leitura e escrita advindas do livro didático, quando, na verdade, os estudantes destes profissionais já são consumidores de mídias digitais e, portanto, são *webletrados* interagindo com *multiplassemioses*.

Na análise das questões seminais e, conseqüentemente, na interpretação desses paradoxos ficam evidentes lacunas que os cursos de formação de professores – licenciaturas – precisam preencher, com urgência, visando assim à preparação de profissionais que possam dialogar de maneira horizontalizada com seus alunos a ponto de ambos falarem a mesma linguagem.

Está claro que o acesso da população mundial à internet se tornou móvel. A interação em áudio e vídeo se tornou rotina e tem na tecnologia de conversação de texto em fala e fala em texto. (CRISTAL, 2013, p. 33).

Toda e qualquer afirmação a respeito de prática de ensino e aprendizagem de natureza linguística, cultural e ou formativa, até então usada sobre as ações pedagógicas na escola, era suportada por manuais de ensino clássico, os quais ainda não consideravam as tecnologias de informação e comunicação – TIC – como articuladoras e agregadoras de saberes. Com os avanços das tecnologias digitais e educacionais, novas propostas foram inseridas no contexto educacional; a pedagogia de projetos, pedagogia do aprender a aprender, etc. Todavia, agora todas estas questões precisam dialogar com os ambientes *on-line*. “As mesmas metodologias anteriormente utilizadas podem ser agora aplicadas aos outputs da internet. E se for necessário adaptá-las, dada a natureza do *output*, isso será também de nosso interesse como pesquisadores” (CRISTAL, 2013, p.34).

Toda inovação tecnológica impacta, diretamente, a maneira como as pessoas vivem pessoal e profissionalmente. Diz-se, portanto, que a invenção do computador e *world wide web* tornou possível a criação de inúmeras formas de acessar conhecimentos até então inimagináveis.

O impacto das tecnologias sobre os processos de ensino e de aprendizagem na escola básica deve ser considerado, a partir do ponto de vista de que, na medida em que as

tecnologias de comunicação continuam a se desenvolver e se transformar, o mesmo acontecerá com as formas linguísticas e práticas comunicativas *e formativas* correspondentes (THURLOW, 2001, p. 289) (Grifo meu). Assim sendo, o ensino de práticas de escrita e leitura na escola tem que estar articulada a formação do sujeito que vivencia na *web*. No campo do registro escrito, a internet deu diferentes formas à comunicação e à interação escrita através de e-mails, weblogs, redes sociais – *Twitter, Facebook* e às milhares de páginas da *web*.

No que diz respeito à ideia de registro, importa dizer que o termo, neste contexto, é entendido como as múltiplas variedades de textos ora recorrentes nos espaços *web*, lembrando que, a sociedade atual em suas práticas linguísticas e autoeducativas escritas, que vão desde *post* em murais de *Facebook* até textos de notícias em weblogs.

A variedade de oportunidades de ensinar e aprender, através dos usos de espaços da *web*, tem constituindo na nova oportunidade pedagógica e, portanto, não se pode desconsiderar quão significativa se torna a reorganização das práticas pedagógicas em vigor na escola.

A *web* tornou-se presença real em nosso cotidiano, a tal ponto, que não é mais possível desconsiderar sua importância no processo de formação cultural, linguística e educacional de todas. Na verdade, o indivíduo contemporâneo está situando no contexto do *webletramento* e, por isso, vivencia experiências múltiplas que vão desde a comunicação interpessoal até a constituição de grupos de aprendizagem em rede através do uso de escritas e leituras *on-line*.

Entende-se que a primeira geração de “nativos digitais” (Palfrey, Gasser, 2011) tenha ingressado na universidade. No caso brasileiro, alguns destes estão nos cursos de licenciatura e, portanto, já trazem em si, os princípios da geração digital produzindo em rede colaborativa na cultura participativa.

A interação *on-line* e o uso mais sequenciado das mídias digitais em sala de aula da Educação Básica ampliam os processos de ensino e aprendizagem. Isto, sem dúvida, tem permitido interações mais efetivas e horizontalizadas entre o universo do professor e do estudante, considerando que aquele mantém o papel de mediador das aprendizagens entre os sujeitos da aprendizagem.

Por isso, deve-se levar a sério o fato de que parte desses usuários encontram diferentes espaços de interação com o mundo da linguagem escrita e, assim, assumem posições a partir de seu modo de entender as relações com o saber que, neste caso, está direcionado ao uso de múltiplas semioses presentes nas tecnologias digitais, especialmente, nos websites da internet.

Dessa maneira, não se pode mais descartar a presença dos estudantes no contexto do webletramento como uma atividade que, direto ou indiretamente, está relacionada a certo grau de dependência das linguagens e seus usos em interações *on-line*.

## **CAPÍTULO IV**

### **DESCRIÇÃO E DIÁLOGO COM O *CORPUS* DE DADOS**

O *corpus* de análise foi feito através de observação aleatória entre os diversos weblogs existentes nas escolas públicas de Irecê – Ba, uma vez que todas as escolas públicas da cidade têm seus weblogs. Em seguida, fez-se a seleção dos weblogs administrados pelos professores, ficando certo, ao final da escolha, se seria tomado como objeto de estudos e análise, além dos posts e comentários existentes nos weblogs, seriam objeto de interpretação entrevistas e questionários aplicados aos professores, visto que a orientação metodológica da pesquisa eram os fundamentos da teoria fundamentada nos dados.

Assim sendo, apresentam-se a seguir as categorias centrais da Teoria Fundamentada nos dados que orientaram o diálogo e a análise dos instrumentos de coleta de informação, quais sejam: memorando, questionários, interações *online*, observações em weblog pesquisado, etc.

Ademais, será apresentado em sessão posterior, o quadro com as devidas codificações da teoria que orientam as análises dos relatos feitos pelos pesquisados, especificamente professores, administradores de weblogs objeto deste estudo.

#### **4.1 O que disseram e representam os discursos dos pesquisados**

Nesta seção, registram-se os relatos feitos pelos participantes da pesquisa sobre a importância das tecnologias de informação e comunicação como sistema que suporta a prática de escrita no *weblog*.

Solicitou-se aos participantes que falassem a respeito do processo de ensino e de aprendizagem de prática de escrita na internet, especialmente, quando se emprega tal técnica no *weblog*. Os participantes foram assim divididos: cinco professores de escolas públicas do Território de Irecê e 05 de seus respectivos estudantes.

Esses participantes estão assim caracterizados: 04 professores são do sexo feminino, 01 do sexo masculino; média de idade de 34,8 anos e média de tempo de docência nas redes públicas de educação de Irecê de 10 anos; 7,4 anos é a média de tempo de lotação na unidade educacional. Os estudantes pesquisados foram assim categorizados: 03 meninas com idade

média de 14,3 anos e 02 meninos com média de idade 14,5 anos; todos têm média de tempo na unidade escolar de 3,6 anos.

Antes de expor o registro do que disseram os pesquisados, demonstram-se de forma sintética as tabelas com biodados:

Tabela1: Biodados dos professores entrevistados

Nº pesquisado	Média de idade	Formação	Tempo de serviço nas redes de ensino	Tempo de serviço na unidade escolar
<b>05</b>	<b>34,8</b>	<b>Letras/Pedagogia</b>	<b>10</b>	<b>7,4</b>
01	31	Letras (cursando)	3	1
01	23	Letras	3	3
01	45	Pedagogia	21	20
01	47	Pedagogia	21	10
01	28	Letras	2	3

Fonte: Dados obtidos com entrevistados.

Tabela 2: Biodados dos estudantes entrevistados

Nº pesquisado	Média de idade	Nível/Ano	Tempo de matrícula	Anos na unidade escolar
<b>05</b>	<b>14,4</b>	<b>Ed. Básica</b>	<b>5,8</b>	<b>2,8</b>
01	13	6º	3	1
01	14	7º	5	2
01	15	8º	7	3
01	15	9º	6	4
01	15	9º	8	4

Fonte: Dados obtidos com entrevistados.

Foram selecionadas duas falas de professores e duas falas de estudantes. Nesta ordem, seguem-se os depoimentos:

**Professor A:** *bom... com a chegada dos computadores e da internet em minha vida e, principalmente, na vida de meus filhos... adolescentes que são... Alguns termos foram ficando familiares. Essa tal de TIC, web, net, blog e redes sociais – Twitter, Orkut, MSN... – criou em mim a curiosidade e então..., hoje, faço uso dessas nomenclaturas e até das tecnologias em minha sala de aula.*

**Professor B:** *Já tinha lido sobre as TIC. Inclusive tenho visto esta expressão em vários meios... Hoje, tudo é TIC, web 2.0, internet. Tem até uma expressão meio esquisita: é o AVA. Meus colegas de faculdade e da escola onde trabalhamos falavam: “vou postar o trabalho e participar do AVA esta noite depois da novela”. Não resisti e fui pra internet pesquisar. Sou curiosa, viu! Descobri que se tratava de sigla que abrevia o termo: ambiente*

*virtual de aprendizagem e que está mais vinculado à educação à distância. Pois não é que nunca tinha relacionado o termo com os meus colegas, boa parte deles faz curso EAD, é isso não é? Depois dessa iniciação de modo autodidata, reconheço a importância de colocar os estudantes no contexto da internet*

Associando-se esses depoimentos ao discurso da política de inclusão sociodigital proposta pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC –, o Brasil, de certa forma, tem levado computador e internet às escolas. Isso, sem dúvida, tem provocado os professores quanto ao reconhecimento da importância das TICs no fazer educacional e linguístico exigido pelo paradigma da educação linguística contemporânea. Percebe-se que os profissionais estão, aos poucos, descobrindo o potencial dessas tecnologias e que a aprendizagem para seu uso e prática acontece de modo intuitivo.

A seguir, reproduz-se o discurso dos estudantes:

***Estudante X:** A gente não fica **ligado** nessa parada de TIC e outros nomes que se vê na net. O que importa mesmo é que a gente navega e vai conhecendo gentes e culturas. Sabe o que é legal nisso tudo? É que tem professor que diz que a gente não lê nem escreve! Saca?! Eu navego no **lab** da escola, em casa e, às vezes, na lan house. Sou linkado, entende?! Então escrevo e leio pra caraça... Agora o professor quer que a gente só leia livros da escola e escreva como ele quer. **Aí veio, nada...!***

***Estudante Y:** Aeeaa... bê lê?! Vou mandar a real... acho massa quando a gente vai ter aula na net. Ainda mais quando é com prof... deixa pra lá não precisa falá o nome pra não deixá os outros com ciúmes, né? (risos) quando temos essa chance, fazemos muita coisa. Escrevemos **scraps** no Orkut, postamos e comentamos os textos dos outros nos blog. A prof sempre fala que essa parada de escreve aqui – net – tem que ser diferente da que a gente escreve no caderno, na redação etc. Pra mim ela tem razão numa coisa: na net tudo é mais rápido e mais legal, claro!*

Pela linguagem peculiar dos estudantes entrevistados, nota-se, claramente, que se trata de colegas que, de certa forma, já estão inseridos no universo e na linguagem digitais, portanto, reconhecem que suas práticas de escrita e leitura têm validade.

Contemporaneamente, não é possível pensar em educação, sobretudo, educação linguística, sem fazer referência aos processos tecnológicos que são criados com intuito de “facilitar” a fixação do conhecimento. Apesar disso, não se deve esquecer de que, para essa atividade acontecer, de maneira concreta, antes de tudo, é necessário que ocorra a formação de profissionais da educação e da linguagem e que estes estejam convictos de que a tecnologia de informação e comunicação é potencializadora de práticas de escrita e saberes.

A organização sistemática de signos linguísticos e comunicacionais referendam a prática de escrita no *weblog* como *virtus* socialmente compreendido e aceito pelas cibercomunidades, que buscam, através de práticas sociodiscursivas, defenderem que a *web* corrobora o novo paradigma da educação linguística contemporânea, prática de escrita no *weblog*.

No que se refere à presença da *web* no ambiente educacional, é lícito entender o paralelismo criado por esta ideologia de modernidade. Ao tempo em que há uma busca incessante para a implantação de computadores ligados à *web* nas escolas, como meio de garantir a qualidade do ensino e da aprendizagem de práticas de escrita no *weblog*, na outra ponta, deparamo-nos com profissionais da educação que não têm conhecimento básico de informática e não podem lidar com a *web* para o ensino e a aprendizagem de prática de escrita no ambiente digital.

Em contrapartida, os estudantes, por iniciativas individuais, já estão inseridos na cibercultura e, com isso, tendem a questionar paradigmas educacionais rígidos, em currículos fechados em ideologias, no mínimo questionáveis, do ponto de vista contemporâneo. A *web* é *locus* de produção de escrita e leituras para além das prescrições clássicas da escola, que ainda centraliza suas ações em pensamentos da elite da primeira metade do século XX, quando os profissionais eram os detentores do saber, pois dominavam a técnica da escrita literária.

A prática de escrita no *weblog* leva ao letramento digital, que, sem dúvida, é suportado na *web*. Como tal, é um meio de expressão da realidade sócio-educacional contemporânea.

Este é o grande desafio da escola: ir além da alfabetização do aluno, ou seja, ensinar o domínio do código escrito presente na *web*. Cabe, portanto, à escola tornar o aluno um indivíduo letrado educacional e digitalmente, habilitando-o a usar a escrita, em atividades comunicativas e culturais, bem como levá-lo a compreender o mundo de forma crítica e contextualizada. Por fim, cabe ao professor embrenhar-se no universo maravilhoso das informações que veiculam os textos da *web* e abrir os limites de uma educação linguística contemporânea através de práticas de escrita no *weblog*.

Esta discussão tem como ponto central a seguinte questão: como se articulam as intimidades no mundo contemporâneo, as quais, por seu turno, são entremeadas por inúmeras questões simbólicas e de linguagem por meio da escrita?

Para além de uma aparente simplificação da questão, apresenta-se a problemática que vem determinar a reflexão pretendida na discussão a seguir esboçada. A contínua utilização das tecnologias intelectuais engendradas e aportadas pela internet, sobretudo o *weblog*, tem

possibilitado a socialização das identidades dos cibernautas e a construção de redes sociais, na medida em que cada um compartilha, via linguagem escrita suas intimidades na *web*?

A rigor, não se quer, evidentemente, pensar em evidenciar quaisquer postulados, tampouco se advoga estatuto de originalidade sobre as questões acima. Ao contrário, visa-se, com isso, à interlocução com os autores que tratam da teoria do texto e da linguagem, destacando os estudos que definem a escrita no *weblog* como sendo uma evolução do gênero epistolar – cartas e diários íntimos – contemporaneamente, mediada pela web.

Na perspectiva de textualidade e de escrita íntimas como ação recorrente na internet, via *weblog*, tomam-se de empréstimo os conceitos de gênero do discurso e de estética da criação verbal de Mikhail Bakhtin (2000) e de tecnologia intelectual, de Pierre Lévy (1993, 1996). Crê-se que a interlocução com estes autores auxilie na compreensão do objeto proposto, na medida em que se verifica, cada vez mais, a necessidade de se fazer ser, no ciberespaço pelos artifícios da linguagem.

Para isso, os cibernautas, produtores de discursos no *weblog*, mostram-se, cada vez mais, dispostos a se relacionarem por meio da escrita e da linguagem virtuais, às quais se condicionam percepções de sujeitos diante das interfaces propostas pela internet, inclusive, possibilitando a criação de máscaras sociais, na medida em que se pedem perfis dos membros das cibercomunidades.

Parte-se, ainda, do ponto de vista de que cibernautas, frequentadores de *weblogs*, buscam se entender, mutuamente, por meio dos discursos postados com linguagem e significados próprios àquele momento de comunicação assíncrona. Isso quer dizer que o *blogueiro* sabe que o seu texto somente será visto e lido depois de algum tempo, portanto, ele tem oportunidade de revelar suas intimidades por meio de linguagem própria, sem que haja, de imediato, censura. Esta é, sem dúvida, uma das possibilidades de comunicação ofertadas pela internet a bilhões de pessoas no mundo.

As tecnologias de informação e comunicação, especialmente a internet, trouxeram, ao indivíduo comum, condições de dialogar com seus pares, acessando o computador ligado à rede mundial. Não somente permitiram a leitura de informações, mas também a oportunidade de produzi-las com linguagens, discursos e conteúdos que variam de simples desabafos a questões comerciais e colaborativas.

Dessa maneira, faz sentido lembrar que nem a barreira da língua tem impedido a comunicação entre os cibernautas, uma vez que dialogam diariamente na internet e produzem seus discursos em várias línguas. Na própria rede existe uma série de ferramentas que

possibilitam a tradução instantânea dos textos, levando o cibernauta à compreensão do que está sendo produzido enquanto comunicação em outro idioma.

Para além da universalização dos cibercódigos, registram-se cada vez mais signos e símbolos novos, embora a maioria destes seja somente reconhecidos pelos iniciados na linguagem internética.

## 4.2 Codificação e teorização sobre os dados

Ver-se a seguir, elementos das entrevistas que, de acordo com as orientações da metodologia da pesquisa foram consideradas essenciais – espera-se – para a elucidação da tese.

Na verdade, são excertos de entrevista, fragmentos de memorandos, *banners* de weblogs cujas escritas e sentidos são assegurados pela prática interacional de escrita, na qual os agentes de enunciação se pronunciam de acordo com seu lugar de discurso, ora assegurado, previamente, no contrato do discurso.

## 4.3 Diálogo com entrevistados

**Pesquisador:** Você acredita que as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – contribuem para o fortalecimento das práticas sociais de escritas?

**Entrevistado 1:**

Sim, claro. Na medida em que as bases da coordenação motora da cognição estiverem claras nas formas de leitura, escrita e interpretação dos saberes. E, assim, qualquer forma ou formato de conhecimentos forem exercitados em prol do benefício (*sic*) cognitivo, afetivo, econômico e social... Creio que elas podem – TIC – informar em gênero, número e grau, porém dependem muito do nível de intenções éticas pré-dispostas à dignidade das pessoas e seus fins sociais.

**Pesquisador:** Você confia no potencial do weblog como ferramenta interacional no exercício de práticas de escritas, webletramentos? Explique seu ponto de vista.

**Entrevistado 1:** Sim, evidente!

**Pesquisador:** Fale mais sobre isso!

**Entrevistado 1:** Acho interessante, porém prefiro a essência dos sentidos no exercício da cognição fundamental e da cognição transdisciplinar. Tratando-se de um Brasil “pigmeu” na educação, mais que tecnologia precisamos também de crianças bem nutridas e isto em todos os sentidos, diante das injustiças sociais.

**Pesquisador:** Você fala de exercício de cognição fundamental e cognição transdisciplinar, certo? Poderia defini-las melhor e associar com o possível potencial do weblog como ferramenta potencial e interacional no exercício de práticas de escritas na escola e fora dela?

**Entrevistado 1:** Depende. Acho que a cognição fundamental é quando o estudante percebe os sentidos do que está escrevendo e lendo, isso não importa onde está escrevendo. Já cognição transdisciplinar é mais complexa e isso pode acontecer porque o aluno se relaciona com outras pessoas e linguagens, iniciando então o uso de formatos diferentes de escrita. É isso!

**Pesquisador:** ok.

**Pesquisador:** Continuando... Seria possível estabelecer relações (semelhanças e diferenças) entre as práticas de ensino de escrita na escola e as práticas reais de produção textual possibilitada pela web ao estudante? Explique!

**Entrevistado 1:** Hum humm... Mas depende muito das condições de formação do professor. No meu caso, que sou de outra geração que tinha apenas o caderno e a caneta para escrever ainda vivo esses conflitos existenciais... Com relação a semelhanças posso dizer que escrever é sempre complicado quando escrevemos para ser avaliado. Claro que o papel da escola é esse, ensinar escrever para avaliar depois. Já na web percebo que os estudantes escrevem muito e é possível perceber sentido e coerência nas afirmações deles, porém alguns usam uma espécie de códigos que só confundem (*sic*) a quem não está acostumado; o que é meu caso na maioria das vezes. Por fim, acho que escrever é colocar o pensamento em ação e, por isso, não importa muito o lugar onde se vai escrever. O que importa mesmo é escrever.

**Pesquisador:** Você acredita que as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – contribuem para o fortalecimento das práticas sociais de escritas?

**Entrevistado 2:** As novas tecnologias, como diz Libanês, é uma fonte de aprendizado, pois o que antes era novo, hoje não passa de algo obsoleto. Assim, a partir do momento em que o indivíduo está inserido neste processo de procura está sempre informado. E como sabemos para poder manusearmos(*sic*) certos aparelhos requer uma necessidade de leitura e automaticamente a escrita, principalmente, desta nova linguagem. Quem lê corretamente e sabe interpretar tem qualidade na escrita.

**Pesquisador:** Entendo.

**Pesquisador:** Você confia no potencial do weblog como ferramenta interacional no exercício de práticas de escritas, webletramentos? Explique seu ponto de vista.

**Entrevistado 2:** Não. É mais uma metodologia entre tantas que vai contribuir, ela não é a única e nem a principal, mas a partir do momento que ele [aluno] escreve para outros lerem, sempre busca ou recorre a dicionários que lhe ajudem a usar uma grafia correta e coerente.

**Pesquisador:** O que você considera uma grafia correta e coerente? Fale um pouco sobre esta questão.

**Entrevistado 2:** Bem... sabemos que grafia correta coerente é aquela que se emprega nos textos bem escritos.

**Pesquisador:** Isso significa dizer que os estudantes que escrevem no weblog ou na internet, de modo geral, não escrevem dessa forma?

**Entrevistado 2:** Imagina! Não disse isso. Eles fazem de forma criativa e livre. Mas, é escrita, certo?!

**Pesquisador:** Sim. Vamos à outra questão. Seria possível estabelecer relações (semelhanças e diferenças) entre as práticas de ensino de escrita na escola e as práticas reais de produção textual possibilitada pela web ao estudante? Explique!

**Entrevistado 2:** Diferenças sim. A escrita na escola ainda é um tanto tradicional; as motivações para a produção de texto caminham a passos lentos. Seria até um crime compararmos com as práticas possibilitadas pela Web que possui uma gama de informações, ilustrações, exemplos, etc. que aguça a criatividade para enriquecer seus textos.

**Pesquisador:** Você acredita que as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – contribuem para o fortalecimento das práticas sociais de escritas?

<p><b>Entrevistado 3:</b> É fato concreto que as TICs não só aproximam as pessoas como também têm tudo para fortalecer o conhecimento a partir do momento em que o aluno tenha acesso ao aparelho – computadores – e use os mecanismos apropriados do mesmo.</p>
<p><b>Pesquisador:</b> O que considera fazer uso apropriado dos mecanismos? Que mecanismos são esses? Poderia falar mais sobre esta questão.</p>
<p><b>Entrevistado 3:</b> Perfeitamente. Fazer uso apropriado é usar o computador da escola para pesquisar, ler e escrever assuntos relacionados à aprendizagem do aluno. Quanto aos mecanismos, na verdade, são os sites, blogs, etc.</p>
<p><b>Pesquisador:</b> Você confia no potencial do weblog como ferramenta interacional no exercício de práticas de escritas, webletramentos? Explique seu ponto de vista.</p>
<p><b>Entrevistado 3:</b> Com certeza! Até porque, as evidências comprovam que os jovens atuais gostam mais das tecnologias digitais do que das analógicas. Percebe-se que mesmo quem não tem computador consegue manipular e se “enveredar”, facilmente, às exigências que o comando determina.</p>
<p><b>Pesquisador:</b> Esta parte em que fala de manipular o computador e seguir as exigências do comando não ficou clara para mim. Poderia falar de outra maneira?</p>
<p><b>Entrevistado 3:</b> Vou tentar. (risos). As tecnologias são auto-instrutivas e as pessoas vão seguindo o que é pedido pelo site ou programa. Assim, estão praticando escrita e leitura e nem se dão conta que estão imersos na linguagem da web. A própria criação do blog é assim, não é? Você acessa o site e daí vai escrever seu nome do blog, a finalidade, etc. preenche uma espécie de formulário e daí está criado o blog. Claro, que para isso a pessoa precisa saber ler, né? (risos).</p>
<p><b>Pesquisador:</b> Seria possível estabelecer relações (semelhanças e diferenças) entre as práticas de ensino de escrita na escola e as práticas reais de produção textual possibilitadas pela web ao estudante? Explique!</p>
<p><b>Entrevistado 3:</b> Sem dúvida que sim. Mas para isso é preciso a intervenção de políticas públicas comprometidas, realmente, com a qualidade da educação, pois vivemos em plena era digital e é preciso entender o computador como uma ferramenta.</p>
<p><b>Pesquisador:</b> Não entendi. Pode responder de novo.</p>
<p><b>Entrevistado 3:</b> Perdão. Agora entendi a pergunta. Quero dizer que existem diferenças e semelhanças. A escola ainda busca atender à política da boa escrita concentrada na gramática tradicional, rigorosa. Escrever para a vida, que é o caso da escrita na web e nos blogs e redes sociais da vida, não segue uma política tão rígida. Na verdade, se tem aí uma escrita livre e criativa.</p>
<p><b>Pesquisador:</b> Você acredita que as Tecnologias da Informação e Comunicação – TIC – contribuem para o fortalecimento das práticas sociais de escritas?</p>
<p><b>Entrevistado 4:</b> Sim, pois se a gente for observar as possibilidades de escrita que as TIC nos oferecem, vemos o quanto ela ajuda no desenvolvimento tanto da leitura quanto da escrita, uma vez que, a depender do espaço, podemos contribuir com a escrita do outro, como é o caso da Wikipédia, do blog e do próprio Facebook, pois os sujeitos que frequentam esses espaços buscam uma interação entre seus pares e essa acontece principalmente através da escrita, portanto, fortalecendo a mesma.</p>
<p><b>Pesquisador:</b> Você confia no potencial do weblog como ferramenta interacional no exercício de práticas de escritas, webletramentos? Explique seu ponto de vista.</p>
<p><b>Entrevistado 4:</b> Certamente. Falando como professora “moderna,” (uso a expressão pelo fato de existirem professores que não acreditam no potencial dessas ferramentas proporcionadas pela web) acredito, sim, no uso do weblog como ferramenta que possibilita uma interação e</p>

produção de conhecimento entre professores e alunos, bem como entre outros sujeitos, pois temos neste, um espaço onde podemos compartilhar as nossas práticas de escrita, e desenvolver novas escritas e linguagens, uma vez que podemos usá-las como meio de chamar a atenção dos alunos para um novo modelo de escrita, de leitura e de interação e num espaço em que eles dominam muito bem, pois estão rodeados pelas TIC em toda parte.

**Pesquisador:** Seria possível estabelecer relações (semelhanças e diferenças) entre as práticas de ensino de escrita na escola e as práticas reais de produção textual possibilitadas pela web ao estudante? Explique!

**Entrevistado 4:** Acredito que sim. O professor tem em suas mãos novas ferramentas, pode utilizar de nova metodologia, uma vez fazendo isso, dará ao aluno possibilidades de desenvolver sua escrita no espaço da web. Podemos pensar num conto, por exemplo, apresentá-lo na sala de aula para uma leitura convencional, em seguida, levá-lo ao blog para uma leitura digital (uma reescrita nos dois espaços também é importante). Dessa forma, o professor proporcionou ao aluno vivenciar a leitura em dois mundos diferentes e essa leitura poderá levar esse mesmo aluno a uma escrita também diferente, com mais liberdade de expressão, sem se prender a muita formalidade, pois os espaços oferecidos pela web lhe dará (sic) maior liberdade na escrita, porém essa escrita deve ser orientada e acompanhada pelo professor para que não fuja totalmente às regras.

**Pesquisador:** Seria possível estabelecer relações (semelhanças e diferenças) entre as práticas de ensino de escrita na escola e as práticas reais de produção textual possibilitadas pela web ao estudante? Explique!

**Entrevistado 5:** de certo modo sim, e a depender de com que dialogam no espaço. É natural que leiam e escrevam melhor, pois, acredito que fazendo leituras em ambos os espaços (escola e ciberespaço) o aluno melhora o seu vocabulário e, conseqüentemente, usará deste na produção de texto bem como nos diálogos com outros sujeitos no cotidiano. Nada melhor que a leitura para uma boa escrita.

**Entrevistado 6:** Realmente foi um impacto, pois como não faço parte da geração Z, a coisa não foi muito tranquila, porém a persistência foi maior que a "intranquilidade". Por não ter sido fácil me adequar a essa nova era, é que me propus a tentar fazer a coisa diferente. Vivemos numa época em que nossos alunos lidam o tempo todo com as Tecnologias de Informação e Comunicação, e para me aproximar desses sujeitos foi preciso vestir a mesma camisa, falar a mesma língua que eles, para com isso trocar conhecimentos. Vi por muitas vezes professores ignorarem a tecnologia presente na escola, por medo ou por não querer ter trabalho em mudar de metodologia, mas isso não agrada mais os nossos alunos (aulas repetitivas, cansativas, sem atrativos) e se manter assim, dá menos trabalho do que ir em busca de novidades na web, de criar grupos de discussões, criar blogs para interagir fora do espaço formal. Sempre busquei, nas minhas aulas, levar um atrativo para os alunos, chamar para um bate papo via weblog (nas trocas de comentários), mostrando que não só aprendemos na escola, mas fora dela também e que a internet, desde que saibamos usá-la, é ,sim. um espaço onde podemos interagir com nossos pares através da escrita.

**Entrevistado 7:** No meu meio acadêmico, e em contribuição para a minha formação profissional, o uso da web se fez e se faz indispensável, uma vez que a uso como ferramenta de pesquisa, de interação, me proporcionando novas perspectivas de escrita, uma vez que a intertextualidade se faz presente na rede.

**Entrevistado 8:** então, acredito que todas as possibilidades oferecidas pela rede não só ajudaram, como ainda ajudam o meu desenvolvimento, não só profissionalmente, mas também em outras esferas da minha vida. Os recursos que ela disponibiliza quando estudados e planejados alteram de forma benéfica a prática dentro das salas de aula. Dou como exemplo: a nova interatividade que estamos estabelecendo dentro da web via o X-box, e podemos

pensar numa formação particular, mais autônoma, onde o que procuramos e desejamos aprender pode ser selecionado e encontrado na rede, validando, assim, a subjetividade. Em outras palavras, criamos a metodologia dentro das nossas particularidades que contribui de forma certa para nossa formação/aprendizagem.

**Entrevistado 8:** Entendo o potencial da web, porém, também considero as limitações dos equipamentos oferecidos, dentro das escolas, que ainda limita(*sic*) as possibilidades de trabalho, sem contar as nossas conexões que diminui(*sic*) drasticamente a interatividade e a dinamicidade proporcionada pela rede.

#### 4.4 Codificações de Axial e geral dos dados

CÓDIGO	DADOS
<p style="text-align: center;"><b>ESCREVENDO NA WEB</b></p> <p>De acordo com a Teoria Fundamentada, aplicam-se neste contexto, os princípios da codificação aberta através da qual se verifica a presença de categorias maiores que permitem uma compreensão do tema pesquisado. Neste caso, pode-se afirmar que, na opinião do entrevistado, as práticas de escritas na web auxiliam na formação escolar dos estudantes uma vez que eles têm possibilidade de ampliar seus conhecimentos da língua, sobretudo, vocabulário que servirá para produção de textos e diálogos com outros sujeitos.</p>	<p>de certo modo sim, e a depender de com que dialogam no espaço. É natural que leiam e escrevam melhor, pois, acredito que fazendo leituras em ambos os espaços (escola e ciberespaço) o aluno melhora o seu vocabulário e conseqüentemente usará deste na produção de texto bem como nos diálogos com outros sujeitos no cotidiano. Nada melhor que a leitura para uma boa escrita.</p> <p>Interpretando o corpus: cotidiano</p> <p>Para o entrevistado a concepção de produção textual e diálogo está vinculada à aquisição de vocabulário. O que denuncia, de certa maneira, uma opinião cristalizada no discurso da escola: a leitura tem vínculo direto com a escrita. Este profissional talvez não tenha se atentado para a questão de que a escrita e a interação na web e nos weblogs estão articuladas com a ideia de escrita livre e criativa, logo, o modo de escrever e interagir em rede é diferente do pretendido pela escola.</p>
<p><b>SENDO NATIVOS DIGITAIS</b></p>	
<p style="text-align: center;"><b>PROBLEMATIZANDO METODOLOGIAS</b></p> <p><i>Aqui o entrevistado discorre sobre as potencialidades da weblog no que diz respeito às maneiras possíveis de trabalhar com textos escritos. Aponta que dessa forma o estudante entra em contato com dois mundos onde a prática de escrita lhe permite liberdade de criação. Apesar do olhar contemporâneo sobre as práticas de escrita na web, o profissional retoma a ideia escolar moderna de que o professor ainda é o</i></p>	<p>Acredito que sim. O professor tem em suas mãos novas ferramentas, pode utilizar de nova metodologia. Uma vez fazendo isso, dará ao aluno possibilidades de desenvolver sua escrita no espaço da web. Podemos pensar num conto, por exemplo, apresentá-lo na sala de aula para uma leitura convencional, em seguida, levá-lo ao blog para uma leitura digital (uma reescrita nos dois espaços também é</p>

<p><i>conhecedor e, portanto, deve acompanhar o modo de produção do aluno.</i></p> <p><i>O profissional considera o weblog como uma nova ferramenta disponível a serviço da reorganização das formas de trabalho com a escrita.</i></p>	<p>importante). Dessa forma o professor proporcionou ao aluno vivenciar a leitura em dois mundos diferentes e essa leitura poderá levar esse mesmo aluno a uma escrita também diferente, com mais liberdade de expressão, sem se prender a muita formalidade, pois os espaços oferecidos pela web lhe darão maior liberdade na escrita. Porém essa escrita deve ser orientada e acompanhada pelo professor para que não fuja totalmente às regras.</p>
<p style="text-align: center;"><b>FALANDO DE FORMAÇÃO CONTINUADA</b></p> <p><i>Ressalta-se nesta fala a ideia de que a web e suas ferramentas digitais, quando compreendidas suas importâncias social, educacional e interativa permite ao professor ampliar e melhorar sua prática profissional em sala de aula. Além disso, o entrevistado apresenta a formação autônoma como categoria importante, uma vez que a web possibilita o acesso a múltiplos conhecimentos o que leva à criação e implantação de metodologia de acordo com as individualidades profissionais de cada um.</i></p>	<p>Então, acredito que todas as possibilidades oferecidas pela rede não só ajudaram, como ainda ajudam, o meu desenvolvimento, não só profissionalmente, mas também em outras esferas da minha vida. Os recursos que ela disponibiliza quando estudados e planejados alteram de forma benéfica a prática dentro das salas de aula. Dou como exemplo a nova interatividade que estamos estabelecendo dentro da web via o X-box, e podemos pensar numa formação particular mais autônoma, onde o que procuramos e desejamos aprender pode ser selecionado e encontrado na rede, validando, assim, a subjetividade. Em outras palavras, criamos a metodologia dentro das nossas particularidades que contribui de forma certa para nossa formação/aprendizagem.</p> <p>No meu meio acadêmico, e em contribuição para a minha formação profissional, o uso da web se fez e se faz indispensável, uma vez que a uso como ferramenta de pesquisa, de interação, me proporcionando novas perspectivas de escrita, uma vez que a intertextualidade se faz presente na rede.</p>
<p style="text-align: center;"><b>MIGRANDO DIGITALMENTE</b></p>	<p>Realmente foi um impacto, pois como não faço parte da geração Z.</p> <p>Ai está a AutoAuto-identificação a partir da classificação de Don Tapscott para os indivíduos que nasceram a partir dos anos 2000. O autor ainda atribui a estes sujeitos qualificativos relativos à sua geração, quais sejam geração Z, a partir de 2000</p>

	<p>são imediatistas, calculistas, desligados, agilidade cerebral, volubilidade, etc.</p> <p>As coisas não foi(sic) muito tranquila(sic), porém a persistência foi maior que a” intranquilidade”. Por não ter sido fácil me adequar a essa nova era, é que me propus a tentar fazer a coisa diferente. Vivemos numa época em que nossos alunos lidam o tempo toda com as Tecnologias de Informação e Comunicação, e para me aproximar desses sujeitos foi preciso vestir a mesma camisa, falar a mesma língua que eles para com isso trocar conhecimentos. Vi, por muitas vezes, professores ignorarem a tecnologia presente na escola, por medo <i>Há quem afirme que este processo é uma tecnofobia. Ao mesmo tempo em que se tem medo da manipulação da máquina tem medo de suas próprias reações ao descobrir as múltiplas potencialidades nela existente.</i> ou por não querer ter trabalho em mudar de metodologia, mas isso não agrada mais aos nossos alunos (aulas repetitivas, cansativas, sem atrativos) e se manter assim, dá menos trabalho do que ir em busca de novidades na web, de criar grupos de discussões, criar blogs para interagir fora do espaço formal. Sempre busquei nas minhas aulas levar um atrativo para os alunos, chamar para um bate papo via weblog <i>Inovação metodológica permitida pelas ferramentas de web leva ao reconhecimento de que o conhecimento na contemporaneidade está distribuído em rede e não há mais apenas um lugar de aprender tal qual se fez antes da popularização da internet.</i></p> <p>(nas trocas de comentários), mostrando que não só aprendemos na escola, mas fora dela também e que a internet, desde que saibamos usá-la, é, sim, um espaço onde podemos interagir com nossos pares através da escrita.</p> <p>Ruptura com o pensamento tradicional no qual se afirmava que era necessário certo domínio para que se tivesse proporção da sociedade capaz de ler e escrever conforme os padrões da cultura letrada da escola.</p>
--	---

	<p>Certamente. Falando como professora “moderna” (uso a expressão pelo fato de existirem professores que não acreditam no potencial dessas ferramentas proporcionadas pela web).</p> <p>Vê-se aqui ainda a resistência de professores ao mundo digital existente no cotidiano da escola e, com isso, cria-se um dicotomia entre os que acreditam e fazem e aquilo que os estudantes sabem e precisam para continuarem como sujeitos autônomos e autores de suas realizações com a escrita. Acredito sim no uso do weblog como ferramenta que possibilita uma interação e produção de conhecimento entre professores e alunos, <i>Weblog ganha sentido na perspectiva interacional por permitir o acesso ao mundo letrado da web e, também, promover a produção e a socialização do conhecimento entre os professores e alunos.</i> Bem como entre outros sujeitos, pois temos neste, um espaço onde podemos compartilhar as nossas práticas de escrita, e desenvolver novas escritas e linguagens, Elementos constituintes do webletramento a partir do weblog como espaço potencializador de interações escritas, uma vez que podemos usá-las como meio de chamar a atenção dos alunos para um novo modelo de escrita, <i>De acordo com as observações on-line nos weblogs pesquisados chegamos ao conceito de webletramento tamanha a carga semântica e pragmática proposta pelas atividades de interação e linguagem no espaço de leitura e de interação e num espaço em que eles dominam muito bem, pois estão rodeados pelas TIC em toda parte.</i></p>
<p>PROBLEMATIZANDO WEB</p>	<p>Entendo o potencial da web, porém, também considero as limitações dos equipamentos oferecidos dentro das escolas que ainda <i>Entraves de ordem institucional e tecnológica sempre aparecem nas falas dos entrevistados como sendo grande dificultador para a inovação e uso das metodologias que envolvem o uso das ferramentas da web no processo educacional.</i> limita as possibilidades de trabalho, sem contar as nossas conexões que diminui drasticamente a interatividade (SILVA,</p>

	2009) e a dinamicidade proporcionada pela rede bem resumidamente é isso.
CRIANDO ESPAÇOS DE INTERAÇÃO	<p>Sim, pois se a gente for observar as possibilidades de escrita que as TIC nos oferecem, vemos o quanto ela ajuda no desenvolvimento tanto da leitura quanto da escrita, uma vez que a depender do espaço podemos contribuir com a escrita do outro, <i>ação colaborativa no ato da escrita. À maneira bakhtiniana pode-se dizer que esta contribuição constitui-se em processos dialógicos com o qual os sujeitos envolvidos no processo apresentam suas práticas interacionais de escrita em rede, reforçando assim a ideia de que o webletramento é mais que o uso da escrita é interação social.</i> como é o caso da Wikipédia, do blog e do próprio Facebook, pois os sujeitos que frequentam esses espaços buscam uma interação entre seus pares <i>Possibilidade levantada nesta afirmação é a horizontalização das interações e o meio articulador é a escrita.</i></p> <p>e essa acontece principalmente através da escrita, portanto, fortalecendo a mesma.</p>

#### Memorando 1

##### **Webdiálogos on-line: buscando respostas**

*Entrevistas feitas on-line com os professores L, B, M e AL através da ferramenta de comunicação instantânea Messenger – MSN - sobre as principais questões que orientam o uso do weblog na interação escrita entre estes e os seus alunos. Na oportunidade, os entrevistados foram codificados por números cardinais E5, E6, E7 e E8, visto que outros profissionais já tinham sido entrevistados por meio desse recurso.*

*Durante a interação on-line, aos participantes foram apresentadas questões a respeito da temática da pesquisa. Neste webdiálogo foi facultado a resposta instantânea ou que poderia ser devolvida a posteriori. Ocorreu que todos concordaram em responder durante o bate-papo. Interessante é que algumas categorias conceituais e teóricas, práticas de escrita, interação, formação continuada, etc. foram emergindo da conversa a tal ponto, que as trocas interacionais convergiam a um só ponto: as práticas de escrita na web tendem a levar ao webletramento tanto de professores quanto de alunos, bastando para isso, ações práticas que estimulem a compreensão do papel do weblog no fazer cotidiano de todos.*

*Ainda no que diz respeito às categorias, os entrevistados reforçaram, em suas argumentações, a tese de que a escrita realizada na web permite interação livre e contínua e, com isso, a participação de todos na cultura grafocêntrica das redes sociais e de comunicação tem como centro as potencialidades da linguagem, através da qual se realiza expressões de pensamentos e desejo.*

#### Memorando 2

##### **Webletramento está para além da escrita: é sócio-interacional**

*Os entrevistados construíram indícios que o webletramento está para além da simples prática de escrita. É, na verdade, um processo interacional que envolve a escrita enquanto tecnológica de comunicação e organização social dos indivíduos participantes da cultura letrada que impera nos ambientes de comunicação da web.*

*A interação com os pesquisados, por meio do ambiente on-line e presencial, levou ao reforço da tese de que a escola precisa rearticular suas práticas de ensino e aprendizagem de escrita,*

*em virtude do processo dinâmico e interacional da linguagem realizada na web. Para isso, o weblog se constitui como grande possibilidade de interação e diálogo entre os professores e estudantes, levando-os ao uso da linguagem socialmente articulada, pelo meio das práticas colaborativas na troca de sentidos articulados nas mensagens trocadas via weblog.*

### *Memorando 3*

#### ***Falas significativas: recorrência interacionais via escrita***

*Na análise mais apurada das falas (respostas escritas) dos entrevistados on-line ficaram prementes e marcaram os discursos a categoria de interação escrita e colaborativa nas atividades realizadas no espaço do weblog. Esta questão, de natureza conceitual, reforça a conceitualização de que o weblog é um espaço potencializador de interações e escrita e, portanto, nele é possível a existência de webletramentos, independentemente de quais sejam as ideologias recorrentes acerca do conceito de letramento.*

*Outro fala significativa presente em todos os textos é a relação extra-escolar entre o professor e o estudante. Existe nesse contexto a proposição de que a ação educacional e relacional entre os envolvidos segue o cotidiano de ambos, visto que as tecnologias digitais móveis estão disponíveis a todos.*



Luiz Viana em ação x Babylon Search x Funmoods Search x home.sweetim.com/ x

luizvianaeducacaofisica.blogspot.com.br

# PENSAR NÃO É SÓ UM EXERCÍCIO, MAS UM DESAFIO!

Este é um blog dedicado aos alunos do colégio estadual Luiz Viana Filho e todos interessados em assuntos diversos para pesquisa e compartilhamento de saberes, relevantes para formação do cidadão.

luizvianaeducacaofisica.blogspot.com.br

21:40  
19/02/2013

O contrato discurso no qual está baseado as interlocuções futuras entre os postadores e os comentaristas manifesta a possibilidade de articular sentidos para o texto provocador da interação.

Vê-se que no *banner* de abertura, o enunciador do weblog faz uma provocação cognitiva aos frequentadores do espaço virtual, afirmando que o ato de pensar é desafiador. Além disso, por meio de discurso direto presente na *charge*, os agentes do diálogo colocam em xeque o valor dos estudantes, comparando-os com valor do dinheiro, visto que no diálogo há o direcionamento do discurso a um interlocutor, o qual, por sua vez, reafirma o pensamento do sistema capitalista, de as pessoas são medidas à maneira do seu valor venal.

Existe ainda outro texto compondo o hipertexto de abertura do weblog que, de maneira bastante irônica, mostra a impotência da escola diante das violências simbólicas a que estão submetidos os professores. Percebe-se, claramente, a destruição dos valores em nome de um símbolo de poder, o dinheiro.

The screenshot shows a web browser window with several tabs open: "Luiz Viana em ação", "Babylon Search", "Funmoods Search", and "home.sweetim.com/". The address bar shows "luizvianaeducacaofisica.blogspot.com.br".

The main content area features three cartoons:

- Cartoon 1:** A man asks "AÉ, FESSORA! TU ME DEU ZERO?". A woman replies "NÃO! SÓ ESQUECI O NÚMERO UM NA FRENTE." (I didn't! I just forgot the number one in front.)
- Cartoon 2:** A school bus labeled "ESCOLA" is being followed by a police car. The text says "NÃO É BLINDADO?" (Isn't it armored?) and "PORQUE NÃO TRANSPORTA COISAS VALIOSAS!" (Because it doesn't transport valuable things!).
- Cartoon 3:** Several people are holding up mobile phones to take pictures. The signature "WILMARX" is visible.

Below the cartoons, a text block reads: "Este é um blog dedicado aos alunos do colégio estadual Luiz Viana Filho e todos interessados em assuntos diversos para pesquisa e compartilhamento de saberes, relevantes para formação do cidadão."

A navigation menu includes: "Início", "educação física", "ciencia e tecnologia", "conto", "significado e contexto", "Impressões de leitura- Macunaima", "resenha: o que é literatura?", "resenha: Eu sou a lenda", "Anabolizantes: uma realidade entre os jovens", and "Monteiro Lobato: o papel de Emilia no livro 'Emili...'".

A section titled "em assuntos diversos" contains icons for various applications and the date "19/02/2013".

The browser's address bar and navigation buttons are visible at the bottom of the page.

The main content area below the navigation menu features a blue banner with the text "relevantes para formação do cidadão" and "FlashVortex.com". Below this is a section titled "LEVE ALÉM..." with a large "Freud" graphic and "FlashVortex.com" text.

The date "SEXTA-FEIRA, 1 DE FEVEREIRO DE 2013" is displayed. A section titled "Conteúdos para recuperação final" lists "9º ano - Educação Física - 9º ano V3 e 9º ano V", "IMC", and "Doping".

On the right side, a survey titled "QUAL A REDE SOCIAL QUE VOCÊ MAIS UTILIZA?" shows the following results:

Rede Social	Quantidade	Porcentagem
Msn	8	34%
Orkut	3	13%
Blogger	1	4%
Facebook	10	43%
twitter	0	0%
badoo	0	0%
you to be	1	4%

A photograph of the school building "COLÉGIO ESTADUAL LUIZ VIANA FILHO" is shown on the right, dated "21/08/2011 09:50:00".

The browser's taskbar at the bottom shows various application icons, the date "19/02/2013", and the time "21:42".

Os vários hipertextos que compõem a capa do weblog permitem ao leitor, de imediato, identificar o lugar do texto presente ali; a fotografia com a identificação da unidade escolar.

Neste weblog, os participantes são levados a interagir através de enquete, na qual apresentam suas relações com as redes sociais disponíveis na *web*. Vê-se, então, que os índices relacionados ao weblog são ainda pequenos diante das práticas de escrita presentes nos sites de redes sociais. Existe também, no espaço, a identificação dos estudantes e da disciplina, duas turmas de 9º ano da disciplina Educação Física.

#### 4. 3 Outros dados, outros métodos.

A abordagem do *corpus* de post, comentários, entrevista e memorandos ocorreu, basicamente, de forma qualitativa e interpretativa, a partir dos fundamentos da Teoria Fundamentada nos dados. Todavia, em determinado momento da pesquisa, foi necessário a aplicação de questionários a professores e estudantes, sendo que a quantidade de dados disponíveis (quinhentos questionários no total) e da compreensão de que estes poderiam ser agrupados em categorias esclarecedoras sobre o processo de interação dos sujeitos com web, também se usou uma abordagem quantitativa para a mensuração das informações.

Dessa forma, optou-se por categorias por meio de gráficos e seus respectivos percentuais, nas análises feitas com os estudantes e professores das escolas envolvidas, como se verá mais adiante.

Nesta etapa, foi usado como recurso técnico, codificação e mensuração dos dados, quantitativamente, os quais apresentaram que do quantitativo de entrevistados, a maioria 73% mostraram-se a favor do uso da *web* para ensino e aprendizagem de práticas de leitura e escrita, enfatizando ainda que, neste espaço de articulação, vai-se além do que é proposta pelas atividades escrever e ler da sala e permite maior articulação com outros espaços de linguagens e comunicação *on-line*.

Na outra ponta da análise dos dados, 27% dos estudantes entrevistados consideraram a questão do acesso a computador ligado a internet, para eles ainda não é uma realidade no seu cotidiano, ficando seu acesso a este instrumento restrito ao uso do laboratório de informática da escola e, às vezes, ao uso de *lan house*, uma vez que mesmo tendo dispositivos móveis para acessar a *web*, eles preferem fazer tal uso para interagir nas redes sociais, mesmo sendo limitado devido ao custo alto do uso.

As principais categorias foram organizadas na seguinte ordem: para professores: a) tempo de conexão; b) uso da web para ensino de escrita – língua materna; c) interações *online* liberdade a autoformação. Estudantes: a) comentários nas redes sociais – *weblog* –; b) interações aprendizado de escrita; c) liberdade linguística.

As orientações da Teoria Fundamentada através de análise e categorização de dados, *posts* conforme seguem na codificação aberta: 1) *posts* denotativos; 2) *posts* de opinião; 3) *posts* narrativos; 4) *post* comentando posts e outros comentários; 5) *post* anônimos e; 6) *posts* de conteúdo geral. Codificação seletiva: *story line*.

## WEBCONSIDERAÇÕES (IN)CONTINUIDADES

O cotidiano escolar e social, na era da informação e da comunicação digitais móveis, é marcado pelo fim das fronteiras entre o espaço real e virtual, surgindo, então desafios para a escola que ainda tem como ponto de referência o paradigma clássico de educação.

O professor, por meio do emprego das tecnologias da oralidade e da escrita, faz o ensino e a aprendizagem monótona para os padrões da sociedade digital cuja máxima é a interação e o dialogismo na *web*. Assim, considera-se o domínio da linguagem digital como um processo no qual a escrita, enquanto tecnologia criativa, permite novos modos de aprender.

Os nascidos digitais consideram os dispositivos móveis digitais uma espécie de prolongamento físico e mental de si mesmos. Isso, certamente, é um ponto de confronto entre as maneiras de ensinar e aprender, na escola contemporânea, porque parte significativa dos professores da escola básica é considerada imigrantes digitais (PALFREY; GASSER, 2011) e vive os conflitos metodológicos entre o ensinar verticalizado das metodologias tradicionais e o aprender interacional proposto pelos *sites* de redes sociais.

A participação efetiva na *web* leva ao desenvolvimento da capacidade de interação escrita e também outras habilidades e capacidades intelectuais. Como exemplo, temos adolescentes considerados pouco afeitos à escrita e à leitura, no contexto da escola, mas que mantêm um ritmo de leitura e escrita em *weblogs* através da postagem de comentários, ao tempo em que “linkam” suas práticas e ações com outros autores e leitores, cujos estilos estão para além dos gêneros clássicos de escrita e leitura pretendidos pela escola.

Assim, sem dúvida, as ações de ensinar e aprender com *web* assumem outras conjunturas, porque os estudantes estão mais dinâmicos querem que lhes sejam apresentadas inovadoras maneiras de aprender e apreender conhecimentos de acordo com a sua plasticidade cerebral.

Constatou-se, durante as observações das interações virtuais, que os estudantes são hábeis na busca e no consumo de informações na *web*, o que lhes garantem uma dinâmica ágil com práticas interacionais no universo da escrita e da leitura. Dessa forma, o professor pode compreender que seu lugar é de mediador neste processo, e para isso se faz necessário o entendimento das consequências do *webletramento* no universo da escola e da sala de aula, espaço de produção autoral.

Antes, porém, se faz imperativo a compreensão teórica da categoria webletramento. Webletramento emerge, como categoria teórica, no universo das práticas interacionais de escrita, devido à web permitir a todos que dela tem acesso, a produção, o consumo, a comunicação e a socialização de saberes, articulando-os a partir do uso dos dispositivos e linguagens digitais existentes no ciberespaço e que são, facilmente, transportados pelos dispositivos móveis.

Desse modo, o webletramento constitui-se na articulação da técnica de escrita e leitura na *web*, onde sociosemioses se juntam para construir a estrutura e o significado do texto produzido em rede colaborativa. O que significa dizer que, webletramento decorre de práticas plurais, contextualmente variáveis, que envolve desde tecnologias digitais móveis até a linguagem multimidiática que compõe o universo hipertextual da *web*.

Na contemporaneidade, as práticas pedagógicas que envolvem ensino e aprendizagens *on-lines* precisam levar em consideração que os estudantes, em seus modos de agir com as práticas interacionais de escrita no weblog, para além do mero entretenimento, produzem conhecimentos cujas referências são as interações em redes nas comunidades de *web*.

O desafio do webletramento, neste conjunto de coisas, é sua inovação em termos de categoria teórica emergida da criação e aplicação de práticas interacionais de escrita, que formam as pedagogias *on-lines* em sala de aula, que já é realidade na escola apesar de um número significativo de professores ainda desconsiderar isto como o novo contexto de ensinar e aprender em rede. Conforme observado nos dados, esta tese pode contribuir para uma melhor articulação dos professores que estão em escolas de educação básica, onde a presença dos dispositivos móveis constitui a realidade dos estudantes.

A educação para as práticas interacionais no campo da linguagem, da escrita e da leitura na *web* precisa de investimentos na ordem teórica, metodológica e epistemológica para que se efetive, de fato, nas escolas públicas, onde a resistência é muito mais significativa. Isso poderia ser atribuído à percepção que a maioria dos profissionais tem sobre a centralidade do conhecimento em si mesmo e, portanto, as suas verdades precisam de reafirmação o tempo todo.

Observou-se, no diálogo com os dados, que se torna imprescindível que o professor compreenda seu lugar de mediador neste processo, entendendo as consequências positivas do webletramento na formação linguística, educacional e cultural do estudante dentro e fora universo da escola e da sala de aula.

Assim o *weblog* permitiu a todos os seus usuários a reunião e, por conseguinte, a socialização de ideias e conhecimentos produzidos de modo individual e coletivo. Isto sem dúvida, tornou-se instigante às práticas interacionais de escritas.

Situa-se, contextualmente, o nosso jovem estudante no universo sociosemiótico da web, descrevendo, de forma breve, seu lugar de práticas interacionais com o mundo da linguagem e da escrita. Em tempo real, o estudante interage com um site em inglês onde estão seus artistas prediletos, imediatamente, posta na sua *time-line* do *facebook*, uma citação do *happer* preferido, responde em inglês “macarrônico” a uma provocação do amigo americano do qual acompanha o *weblog*, procura traduzir textos poéticos de Pablo Neruda e expressões idiomáticas em espanhol no *Google*, ao mesmo tempo em que baixa o vídeo no *Youtube*, vê e conversa, através do *skype*, com os amigos e a namorada, que estão em outra cidade ou estado, e com ajuda desses e a mágica do *Ctrl C + Ctrl V* produz um resumo para a professora de Língua Portuguesa sobre Dom Casmurro de Machado de Assis, buscando informações, em sites especializados e *weblogs* de literatura disponível na web.

O adolescente em tela, numa questão de minutos, lida com variadas línguas, gêneros textuais, sons, movimentos, fotos, cores, imagens e *design*, ao mesmo tempo em que, desempenha múltiplas práticas interacionais tendo a escrita como tecnologia comunicacional em diversas mídias. Interlocutores reais e virtuais com os quais o foco da atenção assegura uma série de significados para esta atividade cognitiva, assumindo posição de autor e leitor a todos que participam do universo online de interação.

Categorias centrais envolvem a ação dos *nascidos digitais* e a construção de sentidos para suas práticas interacionais e sociais com a linguagem escrita realizada na web são: rapidez; efemeridade; profundidade; pluralidade e fragmentação.

Para situar estas categorias no campo da produção de sentido dos cibernautas, leva-se em conta a tese de que o *webnauta* está em movimento no campo dos signos e da significação e, portanto, a construção do significado tem como base a multiplicidade semiótica existente na web. Desta maneira, ao postar seu texto no *weblog*, o *webnauta* faz escolhas semióticas importantes para que seu enunciado tenha elo semântico possível de interação com o outro da rede de interação proposta pela comunidade virtual a que pertence.

Kalantziz e Cope (2000) tratam da amplitude do mundo de significados disponível no momento da prática de escrita do *webnauta*, uma vez que a atividade comunicacional realizada, a partir do *weblog*, tem disponíveis semioses múltiplas, as quais permitem a articulação entre imagem, música, gestos e movimentos, os quais asseguram construir significados, de acordo com as referências culturais exigidas pelo ato comunicativo.

As perspectivas dos sujeitos sócio-educacionais – professores e estudantes – seus saberes e o conhecimento de suas culturas marcam como o começo do desafio proposto pela chegada da *web* no cotidiano da escola.

A sociedade contemporânea tem colocado em cheque vários paradigmas educacionais e formativos, entre estes se destacariam as consciências pedagógicas de professores até então, considerados sujeitos do conhecimento. Isto ocorre devido à *web* se constituir, atualmente, no epicentro para novas possibilidades à ação docente.

O professor contemporâneo é apresentado a sistemáticos domínios e conteúdos teórico-metodológicos que o envolvem ontológico e pragmaticamente. Dessa maneira, as potencialidades ofertadas pelos diversos níveis de conhecimentos existentes na *web*, precisa-se conhecer teorias que o orientem na sua prática pedagógica para que possa utilizar-se desse recurso para o desenvolvimento do seu trabalho no campo da interação com os estudantes.

Assim, usar esse espaço como um meio de promover a interação e estabelecer com os seus pares uma rede de saberes constantes são uma necessidade contemporânea. Ao agir dessa forma, o profissional se verá com competência técnica e pedagógica para articular intercâmbios e conhecimentos teórico-práticos solicitados na e para ação educativa exigida pela *web*.

A aprendizagem na sociedade atual requer questões intelectuais significativas. O advento do computador e da *web*, em especial, sua inserção na vida de todos, inclusive dos professores, crianças e jovens, modificou as perspectivas de ensino e aprendizagem de estudantes e de professores. Estes últimos, por sua vez, são levados à formação continuada para que possam se articular com o mundo de saberes que são visitados pelos seus estudantes na *web*.

O trabalho docente que pretende romper com os desafios propostos pela contemporaneidade deve estar baseado no resgate do sentido sócio-interacional proposto pelas escritas e leituras realizadas *on-line* pelos estudantes e a comunidade escolar.

Entendeu-se a partir das interações com os dados da pesquisa, que, no que se refere às tecnologias de informação e comunicação, estas têm exercido grandes influências sobre as ações pedagógicas de uma escola, apesar da consciência de que a finalidade da educação linguística ter sido a contínua efetivação de atividades educacionais reprodutoras de práticas pedagógicas cristalizadas no modo analógico de ensinar e aprender.

Todavia a sociedade ligada à *web* e às suas possibilidades linguísticas, educacionais e interativas busca um professor que seja sujeito potencializador da transformação e da reflexão

teórico-metodológica do processo educacional, a partir da produção coletiva de saberes nos ambientes digitais, weblogs.

Por outro lado, a inteligência coletiva<sup>vi</sup> disponível na *web* é refletida na possibilidade de se ampliar as discussões políticas e sociais a respeito da defasagem do referencial teórico sobre a educação, requerida pela sociedade da informação e da comunicação digitais.

Os professores participantes da pesquisa nos ofereceram informações que levaram ao entendimento de que a *web* se constitui como uma forma criativa e inovadora de aprendizagens. Os adolescentes e jovens, de maneira autônoma, desenvolveram habilidades para “navegar” no universo discursivo, semiótico, complexo e híbrido da linguagem da *web*, tornando-se assim, webletrados que dialogam e produzem, com seus pares, em rede interacional, múltiplas semioses e discursos que se tornam de autoria coletiva.

Do ponto de vista da webcidadania, conclui-se que é fundamental o professor se posicionar como mediador de interações no uso das práticas de escrita e leitura, através da inserção de *weblog* na rotina da sala de aula. Dessa maneira, os estudantes assumem suas identidades e posições na cultura participativa e global que, neste momento, a *web* garante.

Os dados coletados no campo de pesquisa levaram à compreensão de que as interações entre sujeitos permitem a descentralização do poder de ensinar e aprender, até então localizada na instituição escolar. “Uso o celular para falar com minha amiga, ela é mais velha e pode me ajudar resolver algumas coisas que não entendi quando a professora falava” disse uma entrevistada. O *weblog* surge como possibilidade para as instituições educacionais interagirem com aqueles que ensinam e com aqueles que aprendem em rede.

Os “nascidos digitais” das escolas públicas do sertão baiano têm os mesmos desejos de consumo que os “nascidos digitais” de outras partes do país, isto é, todos querem acesso *wi-fi* gratuito nos espaços públicos e conexão à internet banda larga para celular, principal instrumento móvel de comunicação e interação social. Os estudantes declaram estar “conectados” com o mundo *on-line* e, assim podem acessar e conhecer realidades diferentes daquelas propostas pelos livros didáticos e as mídias tradicionais presentes na região – rádio e TV.

Conforme se verificou ao longo da pesquisa e das interações com os dados e pesquisados, o papel dos weblogs é garantir interações dos alunos com o mundo do conhecimento disponibilizado na *web* em autoria coletiva.

Os depoimentos dos professores deixam evidente que o profissional da educação precisa compreender que, neste contexto digital, o seu maior desafio é se reconhecer como

agente articulador de espaços de saberes e da formação dos indivíduos, a partir da realidade digital que se vive hoje.

À medida que isso ocorrer, que será facilitador das interações de linguagem correntes na rede, agregando à sua prática pedagógica conhecimentos linguísticos e culturais que, por si só são desafiadores de novas aprendizagens da cultura participativa da *web*.

Viu-se que os gêneros textuais produzidos pelos estudantes pesquisados vão do recado à narrativa de viagens, conforme mencionado no corpo da análise. Outra dimensão importante é a do *conteúdo*, pois as mensagens são escritas de modo que expõe a intimidade dos pesquisados.

Os participantes fizeram menção aos seus relacionamentos familiares, além de mencionarem, ainda, seus cotidianos pessoais representando, assim, o funcionamento das relações do emissor e do receptor com o modelo, o vocabulário e a estrutura do texto produzido em *posts* ou comentários.

Entendeu-se que os pesquisados praticavam a interação verbal entre os seus interlocutores para trocar saberes social e cultural, quando permitiam que seus textos fossem vistos por todos os participantes do grupo, o que demonstra a interação no weblog como um processo de aprendizagem, ao tempo em que se desloca o reconhecimento da escola como único lugar de aprender. “aki nois falamu com os amigos sem preocupar”; “Na verdade a gente aprende mta coisa quando dialogamos com os amigos q vai”; e mais: “eu escrevo umas coisas de poesia e mando pra as pessoas e elas gostam” Isso é aprender, né?”.

Essas são algumas das considerações que a pesquisa e a análise dos dados permitiram. Espera-se que o acesso dos profissionais da educação a discussões desta natureza lhes permita entender que, desde as séries iniciais até os cursos de graduação, não é mais possível o professor, em nome de qualquer que seja sua ideologia, desconsiderar a capacidade de interações na cultura participativa da web dos estudantes oriundos de práticas digitais de comunicação e produção de sentidos em rede.

Os mais interessados em consumir os conteúdos linguísticos, culturais e educativos deste ambiente são os jovens e, portanto, significa acrescentar aos fazeres pedagógicos da formação de professores para a educação, a ideia de que a vivência, nas mídias digitais, oportuniza aprendizagens importantes para além da pretendida pela escola.

A Pedagogia e a Linguística precisam tomar partido nesse universo. A internet cresce em convergência de linguagens e estilos devido aos milhões de webnautas engajados social e culturalmente na construção de sentido. Isto ampliou o campo de aprendizagem por parte dos

estudantes, ao tempo em que os professores também são provocados a serem usuários de tais ferramentas, visando assim, uma maior e melhor formação para o ensino desta geração.

Os usos pedagógicos de *websites* e ferramentas digitais com vistas a uma formação coerente de futuros professores que atuarão na escola básica com os princípios do *webletramento* podem partir de: a) conscientização de que é fundamental a apropriação das ferramentas e das linguagens recorrentes na *web*; b) reconhecimento de que as práticas tradicionais de ensino de leitura e escrita já são questionadas pelas práticas interacionais da *web*; c) compreensão de que os estudantes desta geração dispõem de autonomia para aprendizagens; d) entendimento de que as interações via *web* são realizadas em linguagens diferentes das que a escola reconhece como válidas e; e) aceitação de que, hoje, os estudantes aprendem com, sem e para além das intervenções das metodologias centradas na figura do professor.

A variedade de oportunidades de ensinar e aprender, através do uso de espaços da *web* vem se constituindo na nova oportunidade pedagógica e, portanto, não se pode desconsiderar quão significativa se torna a reorganização das práticas pedagógicas em vigor na escola.

A *web* tornou-se presença real em nosso cotidiano, a tal ponto que não é mais possível desconsiderar sua importância no processo de formação cultural, linguística e educacional de todos. Na verdade, o indivíduo contemporâneo está situado no contexto do *webletramento* e, por isso, vivencia experiências múltiplas que vão desde a comunicação interpessoal até a constituição de grupos de aprendizagem em rede.

Entende-se que a primeira geração de “nativos digitais” (Palfrey, Gasser, 2011) tenha ingressado na universidade. No caso brasileiro, alguns deste estão nos cursos de licenciatura e, portanto, já trazem em si, os princípios da geração digital. Assim, a interação *on-line* e o uso mais sequenciado das mídias digitais, em sala de aula da Educação Básica, ampliam os processos de ensino e aprendizagem. Isto, sem dúvida, tem permitido interações mais efetivas e horizontalizadas entre o universo do professor e do estudante, considerando que aquele mantém o papel de mediador das aprendizagens entre os sujeitos aprendizes.

Por isso, deve-se levar a sério o fato de que parte desses usuários encontram diferentes espaços de interação com o mundo da linguagem escrita e, assim, assumem posições a partir de seu modo de entender as relações com o saber que, neste caso, está direcionado ao uso de múltiplas semioses presentes nas tecnologias digitais e, especialmente, nos *websites* da internet. Dessa maneira, não se pode mais descartar a presença dos estudantes no contexto do *webletramento* como uma categoria teórica que, direto ou indiretamente, está relacionada a certo grau de dependência das linguagens e seus usos em interações *on-lines*.

O impacto e o desafio do webletramento, nas práticas pedagógicas, precisam ser vistos como uma nova possibilidade metodológica de ensino de escrita na escola básica. Os estudantes, a partir disso, se tornarão agentes autorais de suas produções, ao tempo em que, as socializam com os pares, na *web*, de maneira a permitir trocas contínuas de aprendizagens.

## REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.  
American Psychiatric Association (2000). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (4th ed. Text.rev.). Washington, DC. Author. Publicado pela Artmed.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 10<sup>a</sup> ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

BARRETO, R.P. *Cibersdiscurso e interculturalidade na Web*, Tangará da Serra – MT, 2005.

BELL, Judith. *Projeto de pesquisa: guia para pesquisadores iniciantes em educação, saúde e ciências sociais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BAUER, Martin W; Gaskell George. *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som*. 7. ed. Petropolis: Vozes, 2008.

CALLIGARIS, Contardo. *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta, 1992.

CRYSTAL, David. *Language and the Internet*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

\_\_\_\_\_. *How Is the Changing Language today?* 2010. Entrevista. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=P2XVdDSJHqY>. Acesso em 04 jul.2013.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHARMAZ, Kathy. *A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CRESWELL, Jonh W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre, Artmed, 2010.

DELEUZE, G; GUATARRI, F. *Mil platôs. Capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995.

DOMINGUES, Diana. *Arte e vida no século XXI: tecnologia, ciência e criatividade*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

GALLO, S. Filosofia e educação: pistas para um diálogo transversal. In: KOHAN, W. (Org.) *Ensino de Filosofia: perspectivas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

GRINSPUN, Mirian P.S. Zppin (Org.). *Educação tecnológica: desafios e perspectiva*. São Paulo: Cortez, 1999.

GULLAR, Ferreira. Internautas do mundo, uni-vos! *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 23 out. 2011. Ilustrada, p. E14.

GOODY, Jack, WATT, Ian. *As consequências do Letramento*. São Paulo: Paulistana, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *Técnica e ciência como ideologia*. Lisboa: edições 70, 2006.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HEWITT, Hugh. *Blog: entenda a revolução que vai mudar o seu mundo*. Trad. Alexandre Martins Morais. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.

KALANTZIS, M; COPE, B. Changing the role of school. In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (ORG.). *Multiliteracies, literacy, learning and the design of social futures*. Londres: Routledge, 2000, p. 145.

KENSKI, Vani M. Múltiplas linguagens na escola. In: CANDAU, Vera M. (Org.). *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. As três virtualizações que fizeram o humano: a linguagem, a técnica e o contrato. In: LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*, 12. ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 2002.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAINGUENEAU, Dominique. *Doze conceitos de análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

MATURANA, Humberto T. *A árvore do conhecimento*. Campinas: Editorial PSY, 1995.

McLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 1964 [d.p.].

MONTERO, Lourdes. *La construcción del conocimiento profesional docente*. Rosário - Santa Fé. Argentina: homo sapiens. 2001.

ORIHUELA, José Luís. Blogs e blogosfera: o meio e a comunidade. In: Orduña, Octávio I. Rojas et al. (orgs). *Blog: revolucionando os meios de comunicação*. São Paulo: Thomson Leraning, 2007, pp. 1-20.

OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PALFREY, John. *Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digital*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PRENSKY, Marc. *Teaching Digital Natives, Partnering for Real Learning*, Papack, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido e ANASTASIOU, Léa. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2002, v. 1.

PFROMM NETTO, Samuel. *Telas que ensinam: Mídia e aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais*. 3.ed. São Paulo: Alínea, 2011.

PALLOFF, Rena M.; PRATT, Keith. *O aluno virtual: um guia para trabalhar com estudantes on-line*. Porto Alegre: Artmed. 2004.

POPPER, Karl. *A lógica da pesquisa científica*. Saõ Paulo: Cultrix, 2007.

RIBEIRO, José Otacílio. Educação e novas tecnologias: um olhar para além da técnica. In: CASCORELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

SANTAELLA, Lúcia. *Matrizes da linguagem e pensamento: Sonora, visual, verbal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 15ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2008.

SCHAFF. Adam. *A sociedade informática*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense 1995.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VERAS, Marcelo. *Inovação e métodos de ensino para nativos digitais*. São Paulo, Atlas, 2011.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, Martins, 2000.

YOUNG, Kimberly. Dependência da Internet. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. São Paulo: Contexto, 2013.

THURLOW, Crispin. The internet and language. In: MESTHRIE, Rajend. *Concise Encyclopedia of Sociolinguistics*. Oxford: Elsevier, 2001, pp. 287-9.

YOUNG, K.S. Addictive use of the internet: A case that breaks the stereotype. *Psychology of computer use: XL. Psychological reports*, 79,899-902. 1996.

---

<sup>i</sup> Termo emprestado da obra *Aparelhos ideológicos do estado*, de Louis Althusser, 1999.

<sup>ii</sup> Termo cunhado por Mark Presky, reconhecido mundialmente por seu trabalho na área de educação e ensino. É considerado um especialista mundial sobre a interação entre o jogo e a aprendizagem, publicou três livros, entre eles *Nativos digitais e Imigrantes digitais, eles realmente pensam diferentemente*. Tem formação acadêmica na Harvard Business School, também em Yale Graduate School of arts and Sciences, Middlebury College e Oberlin.

<sup>iii</sup> O perfil desses estudantes os caracteriza como participantes da Geração Z composta por nativos digitais, nascidos a partir do final da década de 1990, buscam todos os assuntos na *web*, conhecem muito de internet e tecnologias digitais. Não se imaginam sem internet, redes sociais. “Por terem nascidos com as novas tecnologias, funcionando a todo vapor e criados “dentro” das redes sociais, essa geração é calculista, prática, imediatista e tem um poder de concentração menos do que das gerações passadas” (CECCHETTINI, p.6, 2011).

<sup>iv</sup> O perfil dos estudantes ingressantes nos cursos de licenciatura tem sido cada vez mais claro. Jovens, com idade variando dos 17 a 25 anos, de classe popular com pais de formação educacional básica, renda da família variando entre 1 e 4 salários mínimos. Embora sem muitos recursos financeiros e tecnológicos, aprenderam a usar a tecnologia digital por meio de *lan houses* e casa de amigos. No que diz respeito ao curso, a maioria não tem clareza e ou maturidade para a licenciatura a qual, prioritariamente, o formará professor.

<sup>v</sup> Técnica de ensino criticada por Paulo Freire em virtude de a escola não desconsiderar as experiências dos estudantes, oferecendo-lhes pacotes prontos de saberes que, na maioria das vezes, são totalmente desarticuladas com a realidade social da comunidade.

<sup>vi</sup> Termo desenvolvido por Lévy (2000), um princípio onde as inteligências individuais são somadas e compartilhadas por toda a sociedade, potencializadas com o advento de novas tecnologias de comunicação, como a Internet. Segundo o filósofo francês, Pierre Lévy, professor da Universidade de Ottawa, Canadá, é um dos maiores estudiosos sobre o assunto. Considera que a internet “Ela possibilita a partilha da memória, da percepção, da imaginação. Isso resulta na aprendizagem coletiva, troca de conhecimentos”, Lévy (2000). [http://www.crmariocovas.sp.gov.br/esp\\_a.php?t=001](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/esp_a.php?t=001). Acesso, em 12 de julho de 2011.